

solidariedade e partilha, analisada por Mauss,¹²⁶ cuja teoria será explorada, longamente, no decorrer deste estudo.

Quando se percorre algumas idéias sobre o feminino, parece haver algo estranho e complexo, e é difícil centralizar um predicado ou mesmo um somatório deles capaz de definir um sentido do que é ser mulher, pois várias vezes os próprios sentidos se contradizem. Descobrir ou descortinar o *ser* mulher engendra explicações que ultrapassam as fronteiras teoricamente consolidadas. Importante, nesse momento reflexivo, é a expectativa de que é possível tal façanha e continuar no propósito contido na citação de Vainfas, que é nossa realidade: *é do mundo de mulheres reais que se ocupa este texto, complementando: mulheres que, apesar de oprimidas e abandonadas, souberam construir sua identidade [...] ora recorrendo a encantamentos, ora solicitando o divórcio à justiça eclesiástica.*¹²⁷

Obviamente, o social pode ser observado nas representações, práticas e apropriações do feminino, dado que essa mulher se constrói como pessoa individualizada em interdependência com os outros sujeitos, por meio da manifestação cotidiana. A reflexão nos comportamentos, focalizando intenções, particularidades, subjetividades é necessária para se enxergar o exercício e formas geradoras de um modelo social. A inferência de que as mulheres se constroem, refazem-se e recondicionam-se, criando uma marca diferencial própria, perceptível, como característica marcante do *mundo feminino*, é um fato histórico, mas, ao observarmos com mais cuidado esses dados, percebemos que a entrada da visão do feminino na história acontece em torno do século XVIII, momento em que se busca o conhecimento em torno da vida por meio do contexto social. Entretanto, esse não é o marco de interesse direcionado à mulher que então não é percebida como ser social individualizado e, portanto, não é valorizada como ser humano inteiro. Tampouco é estudada anatomicamente.

De acordo com Joana Maria Pedro¹²⁸ e Josette Dall'Ava-Santucci¹²⁹ é a partir do século XIX que o corpo feminino entra no campo das práticas médicas, todavia, com pouca estima ou apreço. A medicina não se interessava pelo corpo feminino individualmente, considerava-o num todo e estudando-o com restrições, e impedia ou ocultava trabalhos sobre

¹²⁶ MAUSS, Marcel. O Dom e a Dádiva é um estudo teórico profundamente estudado pelo sociólogo francês, Marcel Mauss. Ver: MARTINS, Paulo Henrique (Org.). **A Dádiva entre os Modernos**: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Trad. Guilherme João de F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2002.

¹²⁷ VAINFAS, Ronaldo. In: DEL PRIORE. (Org.). **Homossexualidade Feminina e o Santo Ofício**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 116.

¹²⁸ PEDRO, Joana Maria. **Práticas Proibidas. Práticas costumeiras de aborto e infanticídio no séc. XX**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

¹²⁹ DALL'AVA- SANTUCCI, 2005.

estima ou apreço. A medicina não se interessava pelo corpo feminino individualmente, considerava-o num todo e estudando-o com restrições, e impedia ou ocultava trabalhos sobre o gênero. Entretanto há registros ¹³⁰ de que havia vários estudos elaborados para teses e dissertações, desenvolvidos por mulheres, apesar de pouco divulgados. Durante séculos estes estudos, foram excluídas dos livros e da ciência oficial, justamente porque suas teorias eram embasadas e adquiridas por meio de conhecimentos com outras mulheres, numa circularidade que caminhava de mãe para filha.

Até o século XIX, as autoridades, sempre representadas pelo mundo masculino, classificaram as mulheres que interagiam de alguma maneira com o universo da cura como *bruxas*, numa percepção de entendimento característico do Medieval, período em que a Igreja opôs-se ferozmente aos meios femininos de curas. Mesmo mais tarde, quando persistia uma medicina científica incipiente e bastante confusa, havia a oposição ao saber feminino e a exclusão às suas práticas de curas. Eram criticadas pelo poder institucionalizado, numa tentativa de ocultar seus conhecimentos sobre as ervas e drogas, num tempo em que os médicos baseavam seus diagnósticos na astrologia e na alquimia.

Percebemos que, conforme o interesse ou o fim buscado para a análise do sujeito feminino, que este mesmo feminino pode ser compreendido com inúmeras significações ou sentidos, mostrando-se ora de maneira positiva, ora negativa. Provamos isto com alguns exemplos em diferentes estudos e construções. Para Goethe, em *Fausto*, feminino é designado como *desejo sublimado*. A *Beatriz*, de Dante, representa o papel de *guia*. Para Jung, o feminino personifica um aspecto do inconsciente denominado *anima*, que pode representar também um sonho quimérico de amor. No plano místico, feminino é o responsável por animar a carne; representa o terrestre. Finalmente, em quaisquer abordagens, o feminino nunca deve ser entendido apenas no plano biológico, mas ser apreendido a partir do contexto social.

E no cristianismo? A base da teologia cristã é a crença num Deus único que subsiste na santíssima trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Eis o masculino endeusado na encarnação do filho de Deus em Cristo, eis a apoteose do ente masculino em Cristo. Veja! Parece que só os homens são capazes de interagir profundamente com Deus.

No final da Idade Média,¹³¹ conforme os estudos de Le Goff, Duby e Muraro, ocorreram grandes mudanças nas normas e valores sociais, fazendo novos nascer novos

¹²⁹ DALL'AVA- SANTUCCI, 2005.

¹³⁰ Cf.: DALL'AVA- SANTUCCI, 2005.

¹³¹ Idade Média – Várias obras trazem informações. Veja LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. Imprensa Oficial do Estado/ Edusc. Dicionário Temático do Ocidente Medieval. DUBY, Georges. **História da Vida Privada** da Europa feudal à Renascença. São Paulo: Cia. das Letras. MURARO. **Textos da Fogueira**.

modelos de comportamentos. Durante séculos, a Igreja exigiu obediência e impôs sua hierarquização. Do século XI ao XII, há um sutil clima de progresso, iniciado com o inconformismo e insatisfação, convite a grandes mudanças. O século XII é tanto o século das Cruzadas, quanto do culto ao feminino e ao amor que dele irmanava. No século XIII, a Igreja Católica exalta as mulheres apenas nas dimensões de pureza assexuada, e não podendo ser assim, já que a mulher continuava também portadora de poderes, oscilando entre ser santa e infernal, a Igreja Católica declara-lhe guerra.

No decurso do século XIII e, sobretudo, no século XIV, a feitiçaria é pouco a pouco associada a uma seita e começa-se a combatê-la, por tratar-se de uma heresia. Nas bulas papais, *Quod super nonnullis* (1258-60), de Alexandre IV, é possível notarmos um interesse renovado e uma condenação mais severa às práticas mágicas e da feitiçaria.¹³² A mulher passa ser ardidamente diabolizada. Dall'Ava-Santucci registra que: *As feitiçarias não foram perseguidas só por causa do exercício ilegal da medicina, [...] elas representavam um perigo político.*¹³³

Em 1484, inquisidores dominicanos redigem o manual *Malleus Maleficarum*,¹³⁴ para o reconhecimento de bruxas. Nas observações ali registradas quase tudo incriminava a mulher. Era possível acreditar que uma senhora feia, velha, com uma cabeleira mais eriçada já era suficiente para delatar sua característica de bruxa. Na visão da Igreja Católica, a persistência do paganismo expressa no culto à Deusa Mãe, a Deusa Terra, também era entendido como herético. A acusação contra as bruxas não era pelo mal que elas podiam causar contra as pessoas, pois isto era quase impossível incutir no povo, que se via beneficiado por cataplasmas e infusões – a acusação era pelo sentimento de traição e ofensa contra a Igreja Católica. Qual traição, qual ofensa? Como representação desse sentimento de ódio competitivo citamos a fala de um perseguidor: *Devemos lembrar que, por feitiçarias compreendemos não apenas aquelas que atormentam [...]. Fazem parte desse grupo todos aqueles e aquelas [...] que salvam e livram do mal.*¹³⁵

Tudo indica que a grande ofensa, a grande afronta, era a possibilidade de adoração que não fosse o Pai e o Filho: o ente masculino. Preocupada, a Igreja, para manter o poderio

Op. Cit. Em uma síntese, Idade Média é marcada pela queda do Império Romano, no ano de 476, foi um período intermediário entre a Antiguidade e a Idade Moderna, surgindo o Renascimento. Esse intervalo, que durou dez séculos, chegando até 1453, com a tomada de Constantinopla, ou até o período denominado - grandes descobertas- 1492.

¹³² PILOSU, Mario. **A Mulher, a Luxúria e a Igreja na Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1995. p. 96.

¹³³ DALL'AVA-SANTUCCI, 2005. p. 55.

¹³⁴ MALLEUS MALEFICARUM – **O Martelo das Feitiçarias**. Rio de Janeiro: Record, 2001. Um documento que ajuda no estudo sobre o pensamento das leis que vigoravam no estado teocrático.

¹³⁵ Idem., p. 56.

masculino e a estrutura que privilegia o Pai e o Filho, cria a concepção de heresia para essas mulheres e é instituída a Inquisição.¹³⁶ A partir de 1542, O Santo Ofício passa a controlar todos os âmbitos sociais. Os combates às heresias foram constantes e a mulher foi perseguida implacavelmente. Foram torturadas e queimadas, aproximadamente, em torno de cem mil mulheres. Segundo Malleus & Maleficarum,¹³⁷ milhões. Segundo Muraro, 85% das pessoas que foram queimadas nas fogueiras eram mulheres.¹³⁸

Desta maneira, com uso extremo de violência, foi concretizada a exclusão da Mãe, representação do feminino na simbologia divina. Ergueu-se a Igreja Católica masculina, na qual a mulher torna-se a pecadora, condenada a viver unicamente presa ao seu corpo e à sua sexualidade. Todavia, as grandes deusas ficaram cristalizadas no imaginário coletivo e não foram esquecidas, exercendo poder social por seu conhecimento de ervas e magias:

Em todas as épocas, as mulheres se destacaram pelo conhecimento das propriedades curativas, venenosas, afrodisíacas ou alucinógenas das plantas. O contato com a natureza, com a terra e com o que ela produzia sempre foi exercido pela mulher e se a charrua passou a agricultura para as mãos masculinas, isso jamais impediu que a mulher plantasse ou colhesse para a sobrevivência ou em prol da saúde.¹³⁹

Os estudos sobre o *feminino*, numa busca sobre o cotidiano da mulher, de suas vivências no público e no privado, como também sua religiosidade, são caminhos de particular interesse para o estudo em tela. Análises neste sentido podem mostrar o fio condutor do entendimento sobre os sentidos do ser mulher, numa noção de sujeito racional, na inserção dos ofícios de benzedeiras e parteiras. Sempre associadas às práticas de curas embasadas em remédios tirados da natureza, estas mulheres complementam seus receituários com ungüentos e beberagens, comuns no seu cotidiano. O uso de *plantas do cerrado* para uso medicinal também é bastante divulgado, tanto pelos vários projetos comunitários desenvolvidos, como pelos trabalhos voluntários, nos quais a mulher sempre está inserida.

O aprendizado da manipulação de plantas medicinais nativas é passado de geração a geração, do feminino para o feminino. Ferreira Schmaltz¹⁴⁰ coloca que:

¹³⁶ Inquisição. LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. in: Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Op. Cit. Inquisição foi instalada em 1229, no Concílio de Toulouse, sendo os Tribunais Eclesiásticos instalados em 1231, regulamentados em 1232 com ações iniciados em 1240 especialmente contra as chamadas bruxarias. A partir de 1542, O Santo Ofício passa a controlar até a política; PEDROSO, Carlos. **Cafubira**. Uberaba: 1998. p. 20

¹³⁷ Malleus & Maleficarum. 2001. p. 13.

¹³⁸ MURARO. Rose Marie. 2000. p.39.

¹³⁹ BARROS, Maria Nazareth Alvim de. **As Deusas as Bruxas e a Igreja: séculos de perseguição**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2001. p.337

¹⁴⁰ FERREIRA Eliane Schmaltz. 2002. p. 147.

No trabalho de plantas medicinais [...] as mulheres têm uma grande participação, pois trazem consigo toda uma sabedoria acumulada e escondida em suas mãos.

[...] Lucely teve o aprendizado no uso e manipulação de plantas medicinais do cerrado com a avó materna [...].

Mulheres ativamente envolvidas na resolução de problemas relacionados com mulheres na resolução de problemas relacionados com sua condição de mulheres [...]. Em toda parte, há certas tarefas, relacionadas com a subsistência, que são quase exclusivamente desempenhadas por mulheres.¹⁴¹

A questão que não deve ser perdida de vista é o porquê do universo da cura permanecer, com maior frequência, na esfera do ser feminino. O fato biológico: mulher possui ovários e tem um útero, não deve ser a explicação encontrada, dado que o corpo da mulher não é uma prisão particular e, muito menos, não é só ele que a define como mulher! Na realidade social, mulher é um ser singular e não apenas um organismo do sexo feminino. A passagem do ser mulher para o estado cultural não as impõe um sentimento de estrangeira. Reconhecer-se em reciprocidade nas relações com o outro sexo é um desafio social permanente. A instância feminina pode, com toda a legitimidade, num momento, não pretender soberanias, mas desejar e reivindicar autonomias.

No plano teórico, é preciso buscarmos uma atitude analítica e referenciada metodologicamente que contribuirá para o processo explicativo do que foi representado como feminino através dos séculos; o modo pelo qual a mulher estaria presa socialmente *num destino feminino*.¹⁴² A partir desse entendimento, é possível desconstruirmos as ideologias que moldam as mulheres como o feminino sem identidade e individualidade própria. Para tanto, partirmos do pressuposto de que é deste modo (processo complexo de interdependência entre a auto construção do feminino e a configuração social na qual ocorre esse processo) que se produz a esfera social e histórica das mulheres, as quais podem alcançar o nível de consciência autônoma, sendo participantes ativas da moldagem da entidade feminina!

Por meio da História Social, apreendemos que a imagem do ser feminino é criada em mil faces, formas e características, variando conforme as intenções ou desejos de quem pretende criar o estereótipo do feminino, expressado no juízo e pela vista do universo social masculino. É o mundo dos homens buscando manter um molde já endurecido, encarquilhado

¹⁴¹ O estudo sobre plantas medicinais do cerrado, é parte de longo debate sobre as várias dimensões da categoria Gênero, observado nessa citação como um enfoque que poderia ser a do chamado *espaço-tempo doméstico*. p.123. Entretanto o estudo num todo, discute perspectivas contemporâneas de Gênero não se fixando no movimento feminista tradicional, indo além em análises críticas que dão abertura às múltiplas configurações da categoria/conceito. Idem., p.117- 148.

¹⁴² BEAUVOIR, 1980. p.102.

e torto: *Feminino: corpo e mente frágil! É quando percebemos o grito de guerra contido na citação de Ravoux- Rallo: É chegado um tempo em que o corpo da mulher irá nascer das palavras da mulher.*¹⁴³

Sendo assim, é oportuno e necessário, ainda, continuamos a reflexão, de maneira profunda, sobre o feminino, em termos da ambientação teórica exigida para que seja possível uma reflexão sobre a configuração social do feminino. Dessa forma percorremos as análises de Beauvoir¹⁴⁴. Ela nos ensina que o feminino não está preso numa essência imutável, não está cristalizado num arquétipo, salientando que mulher se faz caminhando e no caminho, não deixando verdades eternas.

¹⁴³ RAVOUX-RALLO, Elizabeth. In: DEL'PRIORY (Org.). 2006. p. 96.

¹⁴⁴ BEAUVOIR, 1980.

Uma casa simples, rodeada de flores e ervas úteis para chás e infusões. Vê-se Arnica , Quebra- Pedra , Boldo, Babosa.



Um expressivo jardim com flores, frutos e ervas que servem para alegrar os olhos e curar mazelas.
Foto - Fernando Borges Marquez de Andrade. Ituiutaba, 2007 .

CAPÍTULO II

ITUIUTABA CAMINHA. FAZ HISTÓRIA.

HINO DE ITUIUTABA

Neste canto da terra mineira,
Brasileiros nascemos um dia,
São José do Tijuco fagueira,
Nossa terra feroz, assim dizia:

Estrilho: Ituiutaba, terra nutriz,
Bendita e amada por todos nós,
Ao porvir risonho, áureo e feliz,
És proclamada em alta voz.

A caudal que te banha, volumosa,
Do Rio Tijuco, constante, seguro,
Simboliza a incessante e corajosa
Ação do povo em razão do futuro.

Estrilho: Ituiutaba, terra nutriz,
Bendita e amada por todos nós,
Ao porvir risonho, áureo e feliz,
És proclamada em alta voz.

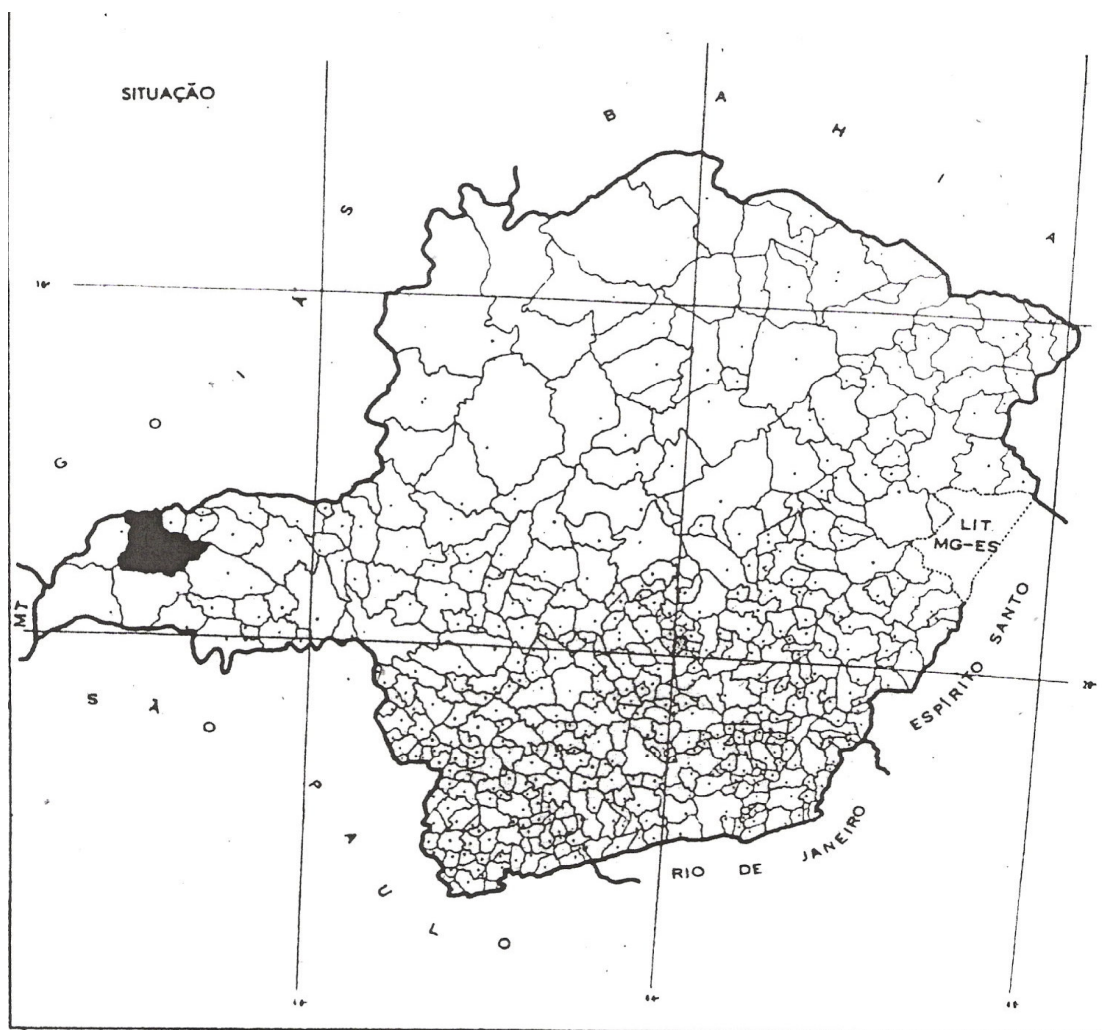
Vila Platina após se chamou
A São José, e a fama se gaba
Da terra que outro nome ganhou
O berço querido, Ituiutaba.

Estrilho: Ituiutaba, terra nutriz,
Bendita e amada por todos nós,
Ao porvir risonho, áureo e feliz,
És proclamada em alta voz.¹⁴⁵

¹⁴⁵ Hino de Ituiutaba. Música: Jorge Marques da Silva. Letra: Dr. Luiz Jefferson Monteiro da Silva, Dr. Manoel Tibúrcio Nogueira.

Ituiutaba situa-se na Zona do Triângulo, no estado de Minas Gerais. Sua área é de aproximadamente 5 175km², com temperatura média de 34°. ¹⁴⁶

Ituiutaba é uma fusão de vocábulos tupis (I-rio + tuiu-tijuco + taba - povoação), significa povoação do rio Tijuco. Suas coordenadas geográficas são: 18° 58' 06" latitude Sul, e 49° 21' 14" longitude Oeste. A cidade dista da capital do estado, Belo Horizonte, em linha reta, 594 km. ¹⁴⁷



Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Mapa do Município com área de 5 175Km^a

Recenseamento geral de 1950 era de 52 472 habitantes.

Fonte: IBGE- Enciclopédia dos Municípios Mineiros – 1959, p. 305.

Acervo do Centro de Documentação Histórico (CDHIS) da UFU

¹⁴⁶ Temperatura referente nos anos da produção desta fonte: 1959. **IBGE** – Enciclopédia dos Municípios Mineiros. Vol. XXV. Rio de Janeiro . Acervo CDHIS – Centro de Documentação Histórico - UFU- 1959. p. 302-319.

¹⁴⁷ **IBGE**, Enciclopédia dos Municípios Mineiros. Vol. XXV. Rio de Janeiro: 1959. p. 304. Acervo - CDHIS – UFU.

No término do chapadão que tomou o nome de serra de São Vicente, quando ele se fragmenta nos morrotes derradeiros do sistema, atravessados pela torrente do rio Paranaíba, existia um lugarejo que, ao tempo desta história, era apenas uma embrionária possibilidade do futuro.

À margem de um pequeno arroio que vinha diretamente da serra, ele se pontoava de míseras cabanas, dispostas em incertos arruamentos.

Ali, não imperava ainda o esteticismo retilíneo das plantas cadastrais, mas as toscas habitações se alinhavam ao longo de sinuoso rego d'água, derivado da vertente próxima.

A igreja, não ornada, ainda, de torres, descansava no dorso do espigão, comprimido pelos córregos Sujo e Pirapitinga, que se precipitavam a confluír, antes de alcançarem o rio Tijuco.

As igrejas primitivas do sertão não comportavam, pela pequenez e pela fragilidade da estrutura, que dentro se inumassem os mortos, mas, em torno delas, se dispunham os montículos terrosos das covas, em cujas entranhas se guardavam os despojos humanos. Ainda se via, em frente à porta principal, a dupla carneira de pedra, depositária dos restos mortais dos doadores do patrimônio local.

Ali pelo ano de 1820, começaram a chegar posseiros, provindos das Gerais e, no demarcarem as respectivas sesmarias, reservaram a lombada, entre os citados córregos, para nela se edificar um povoado, sob a invocação de São José.

A doação primitiva foi efetuada por dois nomes genearcas do lugar, Joaquim Antônio de Moraes e José da Silva Ramos.

A primeira localização do povoado foi à margem do córrego Sujo, onde o padre Antônio Dias de Gouveia construiu a primeira capela. Foi nomeado capelão, o padre Sousa Fleury, sucedido pelos padres Serafim e Fortunato Alves Pedrosa de Resende.

[...] A bela realização que é hoje Ituiutaba, o minúsculo povoado de São José, de um século atrás, detentora, no Brasil, da prioridade na produção do milho e, em Minas, na maior expressão numeral de gado, tem seus fundamentos nesse punhado de aventureiros e suas gerações que, no espaço de pouco mais de um século, ali se radicaram no solo, áspero e inculto, lutando, enobrecendo a terra.¹⁴⁹

O ambiente de Ituiutaba de ontem não é uma realidade morta e página virada do passado; há o ir e vir, numa *circularidade* de hábitos e práticas de variados tempos. O passado não deve ser tratado somente como cronologia incorporada às análises de antigos comportamentos humanos. Este período é história que pulsa, oxigena, dá mobilidade aos caminhos que agora são percorridos – circula no viver do presente – construindo uma argamassa, em que a herança é também um dos seus ingredientes – o homem não é o único partícipe dessa urdidura, já que sua história não é possível sem seu ambiente. Dessa forma,

¹⁴⁸ CHAVES, Camilo. **Caiaônia**. Romance da Terra e do Homem do Brasil Central. *O Arraial de São José do Tijuco* Ituiutaba: EGIL- Editora Gráfica Ituiutaba. Ltda. 3ª Edição. Capítulo VII. 1998.

¹⁴⁹ Idem., p. 211-212.

ritos antigos, cultos, religiões, os vocábulos passados, presente, futuro são categorias sociais e suas conexões contribuem para o entendimento das sociedades. Assim, deve-se compreender o passado, entretanto, não ficar preso a ele, em outras palavras, deve existir um constante transitar entre os tempos, que promova incessantes idas e vindas de análises e diálogos, pois, como bem percebeu Bloch, *um passado é, por definição, um dado que nada mais modificará, mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa*.¹⁵⁰

Coulanges¹⁵¹ argumenta, da mesma forma, quando afirma que os homens ao preservar ritos antigos, repetindo-os, não acreditam nos seus usos exatamente como no passado e, sim, que este homem guarda em si *um radical*, que revela antigas tradições (não exatas como suas crenças de hoje) que, por vezes, revelam antigos vestígios daquilo que outros homens acreditaram, verdades de outras épocas, raízes fundantes do que se é hoje. Ituiutaba guarda antigas tradições e, repetindo-as, mantêm-nas vivas.

Ituiutaba está localizada no *nariz de Minas*,¹⁵² Pontal do Triângulo Mineiro, antigo Sertão da Farinha Podre, local de vários recursos naturais, quedas d'água, como o Salto dos Baús, Salto do Gambá, corredeiras da Cachoeirinha, os dois Saltos do Prata, corredeira do Cachoeirão e Salto São Lourenço.¹⁵³

Sr. João Petraglia assim deixou documentado: *Há muita coisa a esclarecer-se em relação ao desenvolvimento desta cidade, desde a criação do município em 1901, que certamente vai constar de trabalhos históricos*.¹⁵⁴

De fato, filhos de Ituiutaba cantam essa cidade, alguns a cantam revivendo-a na dura realidade do rememorar e, reconstruindo-a em poemas saudosos, choram pelas gerações, do então:

Só recordando pra crer,
a fartura que um dia
Brotou dessa massapé
No tempo em que a matraca trabalhava até.

¹⁵⁰ BLOCH, Marc. **Apologia da História** ou Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001. p.75.

¹⁵¹ COULANGES, Fustel. **A Cidade Antiga**. Estudo sobre o Culto, o Direito e as Instituições de Grécia e de Roma. 10ª ed. Livraria Clássica. Ed. Lisboa.

¹⁵² Expressão utilizada por Marlene Fátima Freitas Borges In: **Restos de Manhã**. Análise do Brincar nas décadas de 50 e 70 na região do Pontal do Triângulo Mineiro. Dissertação de Mestrado. UFU – Uberlândia. Minas Gerais. 2001.

¹⁵³ IBGE, 1959. p. 309.

¹⁵⁴ **Ituiutaba – 100 anos. O Centenário**. Fundação Cultural de Ituiutaba – 2001. *100 anos de Ituiutaba* – João Petraglia., p. 21

Arroz socado em monjolo,
catado no colo, na palma da mão.
Vida prá vida da gente
essa vida semente brotando do chão.
Hoje esse chão
conta uma história diferente
Já não dá grão,
somente braqueara e colônia.
Arroz de pilão e monjolo
era rei desse solo que o gado depôs.
Hoje eu vivo a saudade da minha cidade
*Capital do Arroz.*¹⁵⁵

Outros a cantam, rememorando Ituiutaba criança:

Nos primórdios, tomava-se banho nos córregos; em casa usava-se a gamela grande e, nas de maior recurso, bacia de folhas de flandres ou cobre. Os canos eram de bambus comum, furados com broca própria nos nós interiores do bambu. [...] Usavam-se bambus maduros, que duravam de dois a quatro anos. Na fase das bombas-de-pau, levantava-se de madrugada, ainda bem escurinho, e, enquanto um batia a bomba e a água escorria, o outro tomava banho, e vice-versa [...]. A lavagem de roupa se fazia ou no Córrego *Sujo* [...], onde existia uma queda d'água, num pasto de propriedade da Igreja [...], ou no Córrego *Pirapitinga*, junto a uma cachoeirinha [...]. Seu Neco [...], nas semanas de festa religiosa, com dezenas de carros de boi estacionados próximos de sua casa, famílias cozinhando ao ar livre e dormindo nos (nestes) carros [...] mandou fazer um grande tanque, para servir o público.¹⁵⁶

¹⁵⁵ MACHADO JUNIOR, Odilon; MARTINS, Cláudio Souza . **Ituiutribó**, 1981. Fragmento de peça teatral musical, produzida nos anos de 1980.

¹⁵⁶ PAIVA, Hélio Benício de . Advogado, Memorialista. In: **O centenário**. 2001. p. 28-29

Mapa de Ituiutaba

Fonte: **IBGE**. In: Enciclopédia dos Municípios Mineiros. 1959.

Acervo: CDHIS – UFU.

Ituiutaba. Consta, em dados do IBGE¹⁵⁷, que os primeiros habitantes do lugar eram ameríndios pertencentes ao grupo Gê, também chamados Caiapós,¹⁵⁸ que após a invasão do branco civilizado, migraram para Goiás e Mato Grosso.

Para Bustamante,¹⁵⁹ os Caiapós, depois da derrubada de um trecho de mata, formavam suas roças de milho, partindo em seguida para outras direções a fim de realizarem as atividades de caça e coleta, voltando a se integrarem no momento da colheita. As mulheres plantavam num sistema de mutirão e recolhiam as espigas em paióis de sapé, suspensos do chão como proteção das chuvas. Moravam em ranchos e utilizavam instrumentos como machados de basalto, granito ou diabásio, que pudemos conhecer pelos antigos acervos, como na coleção de pedras do Sr. Tancredo Marquez de Andrade,¹⁶⁰ a qual possuía uma intrigante machadinha esculpida em pedra escura. Analisamos ainda o acervo da Casa da Cultura de Ituiutaba, no qual vários utilitários e armas toscas, pertencentes às antigas tribos, habitantes do lugar, são expostas à visitação – talvez pertencentes àqueles antigos donos do lugar – os que foram *desinfetados*¹⁶¹ das terras, onde depois, *uma avalanche de forasteiros afluiu para a região*.¹⁶²

Porém, de acordo com o médico e historiador, Dr. Edelweis Teixeira,¹⁶³ desde 1810 o território triangulino já era repicado em terras de sesmarias e, conseqüentemente, povoado. Segundo fontes documentadas em jornais, colhidas por memorialistas e divulgadas como documentos da cidade, os primeiros fundadores de Ituiutaba foram os doadores das terras nas quais foi construída a primeira capela – os sesmeiros – Padre Antônio Dias de Gouveia com a sesmaria *Três Barras* às margens do rio Tijuco, Joaquim Antônio de Moraes que chegou à região entre 1810 e 1820 e José da Silva Ramos com a sesmaria doada a seu pai, em data próxima a 1753.

¹⁵⁷ IBGE – 1959.

¹⁵⁸ Caiapós, nome que designava os grupos do Tronco Macro-Jê, habitantes do Triângulo Mineiro, os quais marcam presença antiga desde a chegada dos colonizadores. Considerados hostis, foram os primeiros povos horticultores e ceramistas, construindo aldeias às margens dos rios onde praticavam agricultura fundamentada no milho, (desconhecendo a mandioca). Não foram, entretanto, os únicos grupos a viverem na região, pois essas terras vêm sendo habitadas há pelo menos 12.000 anos.

¹⁵⁹ BUSTAMANTE, Luiz Augusto Lourenço. **A Oeste das Minas**. Escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista. Triângulo Mineiro. (1750-1861). Dissertação de Mestrado. Uberlândia, 2002.

¹⁶⁰ MARQUEZ DE ANDRADE, Tancredo. - 10/05/1905- 18/06/1990. Homem de Honra. Filho querido de Ituiutaba sempre preocupado com a preservação de antigos valores. Amante e constante observador da natureza. Coletava pedras fossilizadas, fragmentos, objetos de tribos antigas e...flores! Contador de causos e fatos antigos.

¹⁶¹ *Desinfetadas as terras*. Termo descrito na p. 304, na Enciclopédia dos Municípios Mineiros. Vol. XXV. Rio de Janeiro: 1959. Fonte do IBGE, numa referência (irônica?) a *desinfecção*, ou seja: eliminação categórica dos antigos habitantes, como se fossem parasitas.

¹⁶² IBGE – 1959, p. 304.

¹⁶³ TEIXEIRA EDELWEIS. Depoimento In: Enciclopédia dos Municípios Mineiros, 1959.

No entanto, para entendermos melhor as possibilidades oferecidas às sociedades antigas, devemos observar a transição de costumes no decorrer dos séculos. Para isso refletimos em desenhos de Rugendas,¹⁶⁴ retomamos leituras em Antônio Cândido¹⁶⁵ e Sérgio Buarque de Holanda,¹⁶⁶ ponderamos estudos da Antropologia, Sociologia e Geografia. Nesta última, as análises elaboradas por Bustamente¹⁶⁷ sobre as primeiras povoações dos *aldeamentos goianos*, esclareceu-nos sobre o modelo de povoamento da região, os quais incluímos como estudos apropriados já que o espaço do Triângulo Mineiro foi parte do estado de Goiás até 1816. Outras informações relevantes, provenientes da sociologia e analisadas por Santos¹⁶⁸ trouxeram esclarecimentos acerca das fundações de arraiais, iniciadas naquele tempo como resultado da iniciativa das oligarquias rurais que, ao doarem terras para os então chamados *patrimônios de santos*, propiciavam impulso para a criação do lugar. Cabe salientarmos que argumentações sobre as características da formação dos Arraiais são semelhantes em Bustamante, Cândido e Santos, o que quer dizer que o povoamento surgia por iniciativa dos grandes proprietários, ou seja, um fazendeiro ou um grupo de donos de terras doavam um *trato de suas terras* em benefício de um santo da religião católica, organizando, desse modo, uma irmandade religiosa fundida com a edificação de uma capela, a qual seria reconhecida como autoridade sagrada, e inclusive para a bênção aos fiéis. Em suma, a pequena Igreja, representante do catolicismo, era o elemento centralizador de uma identidade social, e o arraial adquiria então legitimidade para merecer a denominação de povoado. Missas, procissões e novenas eram realizadas aos domingos e feriados em encontros que festejavam o padroeiro local.

Outras atividades de cunho religioso, como batizados, casamentos, funerais e novenas, proporcionaram laços sólidos de convivência na comunidade em virtude do auxílio mútuo, determinando, assim, uma identidade para um grupo que não era mais visto como nômade ou disperso.

No entrecruzamento desses estudos sobre a motivação e justificativa para a criação de um arraial, Santos¹⁶⁹ relaciona estas fundação do sudoeste de Goiás com fontes de Antônio Cândido,¹⁷⁰ o que fazemos analisando jornais e memorialistas ituiutabanos, percebendo que a história das cidades têm semelhanças, pois o surgimento de Ituiutaba seguiu as características

¹⁶⁴ RUGENDAS, Johaann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998.

¹⁶⁵ CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

¹⁶⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1985.

¹⁶⁷ BUSTAMANTE, Luiz Augusto Lourenço 2002.

¹⁶⁸ SANTOS, Ezalmone Moreira dos. **Transformações Capitalistas no Sudoeste de Goiás**. Araraquara Tese de Doutorado em Sociologia, defendida na Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho. São Paulo: 2005.

¹⁶⁹ Idem. 2005.

¹⁷⁰ CÂNDIDO, Antônio. 2001.

daquele tempo. Ainda sob este prisma, Santos argumenta que uma capela erguida com o consentimento e a bênção de uma determinada irmandade religiosa dava reconhecimento a um povoado, isto é, impunha status de identidade ao grupo a partir do espaço territorial definido. Surge, então, Ituiutaba, um povoado que Cândido certamente reconheceria como *bairro rural*, denominação própria de sua época, haja vista que as atividades da comunidade como as rezas, os batizados, os casamentos e os funerais fundamentavam a consciência desse grupo, dando-lhes o sentimento de localidade.

*Em derredor da capela surgiam as primeiras moradias*¹⁷¹ e se pudéssemos retornar ao passado, assinala Souza Marques,¹⁷² *iríamos entender melhor as expressões: Sesmarias, Desemboque, Sertão da Farinha Podre, Freguesia, Capelão, Arraial, Chapadão, Estreito do Vigário, Tapera do Padre, Córrego do Facão etc.*

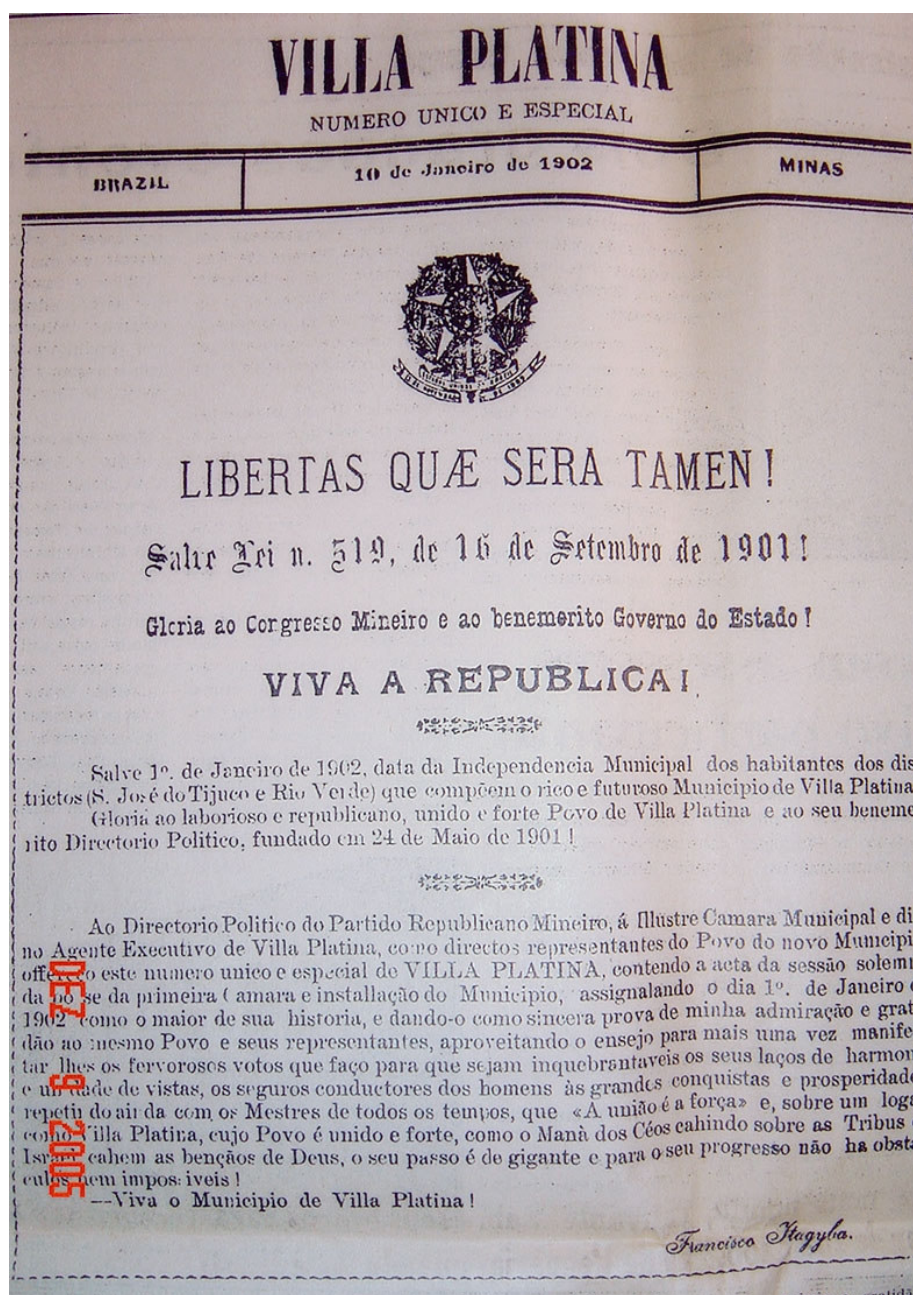
O cerrado indígena, um território milenar, ocupado por uma economia de horticultura mesclada às atividades de caça, foi dando espaço a uma sociedade alicerçada na agricultura e pecuária, e, apesar de edificada com base nas variadas técnicas indígenas, segue o modelo de trabalho humano com um outro tipo de organização econômica e social. Um exemplo disso foi que nas conquistas, as elites dominantes nativas modificaram-se, contudo, suas velhas tradições permaneceram intactas. Em contrapartida, houve resistências e confrontos culturais, sociais e econômicos, posto que algumas práticas sobreviveram, enquanto outras se misturaram, desaparecendo, assim, as diversas formas econômicas e sociais incompatíveis com os interesses da modernidade.

Mediante a Lei Estadual nº. 519, de 16 de setembro de 1901, foi criado o *município de Vila Platina*, com sede no povoado de São José do Tijuco, cuja réplica do documento encontramos no acervo da Casa da Cultura de Ituiutaba.¹⁷³

¹⁷¹ IBGE – Enciclopédia dos Municípios Mineiros. 1959.

¹⁷² MARQUES, Rerivaldo de Souza. É advogado, criador do prólogo do livro O Centenário de Ituiutaba, Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Ituiutaba. MG. Edt. Gráfica Ituiutab. Ituiutaba, 2001.

¹⁷³ Jornal *Folha de Ituiutaba* – Bi-semanário dedicado aos interesses da região. Diretor: Ercílio Domingues da Silva- 1952.

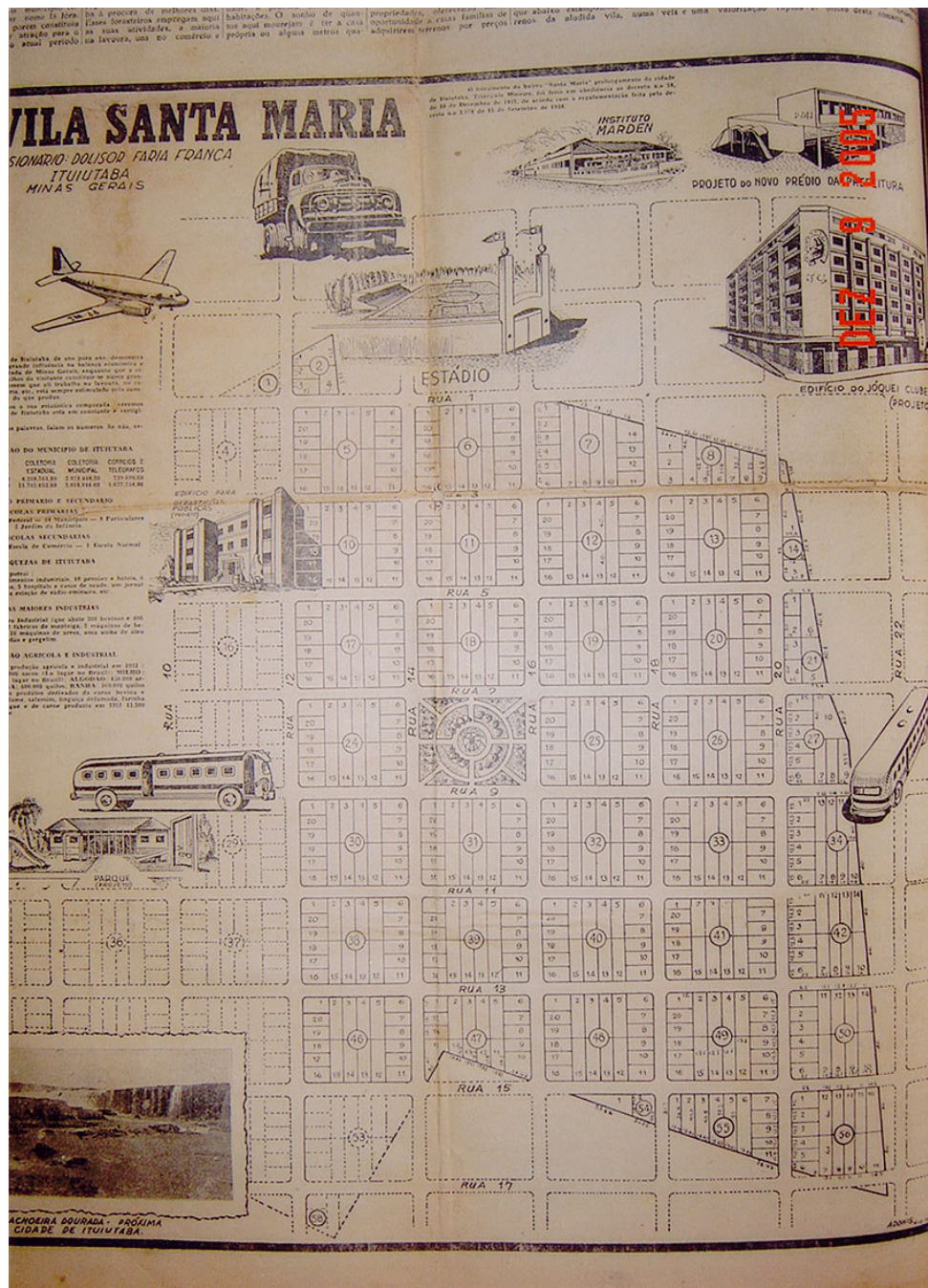


Lei de criação do Município **Vila Platina**. Documento publicado no *Jornal Vila Platina - Número Único e Especial* - 10 de janeiro de 1902. Acervo: Casa da Cultura de Ituiutaba. Fonte. *Jornal Folha de Ituiutaba*. 1952.

Vários nomes foram dados ao local, hoje chamada **Ituiutaba**:

- 1839 - criada a freguesia de **São José do Tijuco**;
- 1854 - foi instalada a **Vila do Prata do Imperador**;
- 1886 - foi criada pela segunda vez a freguesia de **São José do Tijuco**, vinculada à comarca de **Nossa senhora do Carmo do Prata** – MG;
- 1901- emancipação em 16 de setembro;
- 1902 - estabelece-se o perímetro urbano;
- 1904 – Tem o nome de: **Vila Platina**
- 1915 - recebe finalmente o nome **Ituiutaba**, pela Lei nº. 663, em 18 de setembro.

Projeto de parte da cidade onde, no centro está proposto a praça da Igreja Matriz de São José. Conforme traçado aqui definido percebemos que os números das ruas e avenidas que circundam a praça central não estão corretamente colocados conforme a realidade de hoje.



Jornal Folha de Ituiutaba, 1952.¹⁷⁴

Vê-se como projetos: Colégio Instituto Marden, alto à direita.

Novo prédio da Prefeitura, alto extrema direita. Edifício Jôquei Clube, extrema direita.

Embaixo esquerda, foto da Cachoeira Dourada.

Acervo: Casa da Cultura de Ituiutaba.

Diante do proposto para o corte temporal da pesquisa, década de 1950 a 2006, os dados estatísticos encontrados como indicadores do ano de 1950 são do Departamento Estadual de Minas Gerais, recenseamento determinando, para o município, o total de 52.472 habitantes. O documento analisado informa que houve um *decréscimo* no número de habitantes com o desmembramento do Distrito de Capinópolis.

Ituiutaba autorizada a construir, no exercício de 1952, mediante concorrência pública, ou por administração direta se dispuser de meios, uma estrada de automóvel ligando a Vila de Gurinhata, neste Município, à Rodovia São Paulo-Guiabá, passando pela fazenda de Patos, podendo despendar, na referida construção, até a quantia de Cr\$40.000,00 (quarenta mil cruzeiros).

Art. 2º — Ficam revogados os arts. 2º e 3º da Lei n.º 72 de 30 de dezembro de 1950.

Art. 3º — Para atender à despesa decorrente do art. 1º, o orçamento para 1952 consignará dotação própria, no valor de Cr\$40.000,00 (quarenta mil cruzeiros).

Art. 4º — Revogadas as disposições em contrário, entrará a presente lei em vigor a 1.º de janeiro de 1952.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

Dada na Prefeitura Municipal de Ituiutaba, aos 20 de novembro de 1951.

David Ribeiro de Gouveia, Prefeito Municipal
Aldino Cardillo, Secretário.

Jogando indistintamente em vários postos de defesa, Zé Carlos se constituirá, fatalmente, num considerável reforço para a simpática equipe boveta, além de segura atração para a torcida.

Papel manilha, manilhinha e em bobina

Grande quantidade de papel manilha, manilhinha e em bobina recebeu a livraria da FOLHA DE ITUIUTABA, que está vendendo a preços especiais.

Sementes novas de hortaliças

Grande quantidade de sementes novas e da melhor procedência acaba de receber a Livraria da Folha de Ituiutaba.

Ismael Leonel de Paula, Presidente
Edson de Moraes, Secretário

DECRETO

O Prefeito Municipal de Campina Verde, usando de suas atribuições legais e de conformidade com o disposto no artigo 107 da Lei de Organização Municipal,

DECRETA:

Art. 1º — Fica prorrogado para o exercício de 1952 o orçamento municipal a que se refere a lei n.º 94 de 9 de novembro de 1950.

Art. 2º — Os créditos adicionais necessários a as anulações de dotações que se fizeram necessárias, serão objeto de lei especial, cujos projetos serão, em tempo hábil, encaminhados ao Poder Legislativo Municipal.

Revogam-se as disposições em contrário.

Registre-se, publique-se e cumpra-se.

Prefeitura Municipal de Campina Verde, 10 de dezembro de 1951.

Lôraro de Freitas Nunes, Prefeito Municipal
Astorio Lopes Cançado Júnior, Secretário

do Futebol

Jaime Martins de Carvalho, 1.º Secretário,
José Vitor de Moraes, Presidente.

Tendo a frente a figura dedicada do desportista José Vitor, e nos demais cargos notas de maior expressão nos esportes ituiutabanos, a diretoria da LIF arregimenta uma pleiade de valores exponenciais do mundo social da cidade, o mesmo acontecendo com a Junta Disciplinadora Desportiva, constituída de figuras respeitáveis e esportistas, portanto, na sua alçada, de impor um nível de ordem e disciplina.

(conclui na 6ª página)

Movimento Demográfico de 1951 no Município

De acordo com os dados abaixo, com o número de nascimentos, casamentos e óbitos, divididos por meses e por distritos em 1951. Trata-se, pois, de elementos os mais curiosos, dando margem a uma série de estudos e comparações as chamamos a atenção dos leitores para o fato mais interessante, diretamente ligadas ao desenvolvimento social, cultural, econômico e sanitário da comunidade. Para confirmar esta asserção, chamamos a atenção dos leitores para o fato mais interessante, diretamente ligadas ao desenvolvimento social, cultural, econômico e sanitário da comunidade. Para confirmar esta asserção, chamamos a atenção dos leitores para o fato mais interessante, diretamente ligadas ao desenvolvimento social, cultural, econômico e sanitário da comunidade.

NASCIMENTOS	MÊSES												TOTAL
	JAN.	FEV.	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEM.	OUTUB.	NOVEM.	DEZEM.	
Distrito													
ITUIUTABA	101	68	58	45	79	75	73	82	74	83	119	41	868
CAPINÓPOLIS	12	12	13	8	22	14	18	29	18	19	14	11	190
GURINHATÁ	9	8	6	13	11	6	9	15	18	9	3	4	111
TOTAL GERAL	122	88	77	66	112	95	100	96	110	111	136	56	1.169
CASAMENTOS													
Distrito													
ITUIUTABA	14	8	11	15	12	15	58	1	45	26	16	24	245
CAPINÓPOLIS	3	2	4	5	5	21	13	2	14	17	1	5	92
GURINHATÁ	0	2	0	0	0	9	7	0	5	3	3	0	29
TOTAL GERAL	17	12	15	20	17	45	78	3	64	46	20	29	366
ÓBITOS													
Distrito													
ITUIUTABA	25	21	29	14	21	12	30	27	29	28	35	49	320
CAPINÓPOLIS	15	17	10	12	11	11	16	10	6	29	1	22	182
GURINHATÁ	1	1	2	1	9	1	0	2	3	1	1	7	17
TOTAL GERAL	41	39	41	27	34	24	46	39	38	58	65	77	519

DEZ 9 2005

Movimento Demográfico do Município - 1951
Fonte: Jornal *Folha de Ituiutaba*.

Sobre a atividade econômica do município, a principal fonte era a agricultura, fazendo jus às excelentes terras, comparadas, segundo IBGE,¹⁷⁵ por Humboldt, Sainte-Hilaire e Edward Miliward, as da Ucrânia na Rússia, e as do vale São Lourenço, no Canadá. Cabe salientar que as mais importantes culturas agrícolas do passado são arroz, milho, algodão,

¹⁷⁵ IBGE. 1959.

mandioca e o feijão. Entre estas, a cultura mais disseminada foi a do arroz, que proporcionou à Ituiutaba o título de *Capital do Arroz*.

Segundo Borges,¹⁷⁶ a cidade é ,

Marcada pela produção agro-pecuária, tendo como base de subsistência o plantio de pequenas lavouras de arroz, feijão, milho e algodão que servia à indústria caseira em que fiavam e teciam nos teares primitivos a roupa de uso diário.[...] Até a década de trinta [...], a base de economia [era] a criação de gado, quando surge também em Ituiutaba possibilidade de garimpo no Rio Tijuco, embora de vida breve, deixou sua marca, influenciando na criação de curutela, onde se construíam farmácias e armazéns, que se abasteciam em Ituiutaba, o que originou mais tarde pequenos municípios, e até cidades. Para a cidade do Tijuco vieram muitos aventureiros, iniciando-se assim uma grande migração de nordestinos, que trabalhavam pela despesa, sendo absorvidos, posteriormente, como mão de obra no campo para o plantio do arroz. [...] A partir de então, Ituiutaba inicia uma nova etapa da economia [...]. Na década de quarenta, *caminha para o progresso* [...]. Percebe-se na sua organização urbana [...] ruas e avenidas amplas, identificadas no centro por números e nos bairros, por nomes, praças de estrutura moderna, população mais numerosa, acrescida de migração estrangeira para o comércio e nordestinos para as lavouras, criação de escolas e hospitais. [...] Além da crise da mineração e, posteriormente, a queda do zebu, fato ocorrido em todo território nacional, aproveitando a fertilidade da terra vermelha, lamacentas, Ituiutaba se volta a todo vapor para a exploração da lavoura de grãos, tendo como ponta de lança o cultivo do arroz. [...] Na década de setenta, sedia a *Nestlé*, trocando o plantio de arroz, pela produção de capim braqueara para gado, mudando, assim, a configuração da cidade, pois a população se expande. A mão-de-obra rural migra para a cidade.¹⁷⁷

Buscando mesclar tempo, lugar, hábitos, crenças, comportamentos de indivíduos e grupos, uma breve história sobre aspectos médico-sociais, em Ituiutaba, será aqui historicizada, contextualizando-os, com intuito de expor a urdidura que possibilitou o feitiço da trama, a tessitura social, ou seja, o modo de configuração da vida de um povo que se fundamenta no que é apreendido de um indivíduo para outro: o indivíduo numa interconexão com a estrutura social.

Aquiescemos que o passado não deve ser tratado somente como cronologia incorporada às análises de antigos comportamentos humanos, pois, como dissemos no início desse capítulo, o tempo vivido é história que pulsa, oxigena, dá mobilidade aos caminhos que agora serão percorridos. Ituiutaba é um lugar social, obviamente, e não é, portanto, um palco

¹⁷⁶ BORGES, Marlene de Fátima Freitas . 2001.

¹⁷⁷ Idem., p. 24.

inerte. Tece sua história num emaranhado de tempos, no qual saúde, doença e amparo serão aqui observados para uma reconstrução historicamente compreensível.

Como uma argamassa, envolveremos a história da chegada de cada médico em Ituiutaba, construindo com vivacidade aqueles momentos, as subsistências daquele cotidiano. O proposto é cruzar um diálogo da história social, política e econômica de Ituiutaba, dando atenção a fragmentos que nos levem aos caminhos do cuidar, do tratar, e do curar, envolvidos nas medicinas tradicional e popular, bem como a atuação de parteiras, benzedores e benzedoiras, acrescentando, ainda, uma passagem pela farmácia e seus práticos - atividade muito comum em cidades mineiras do interior.

De fato, o farmacêutico prático fez parte da história de Ituiutaba e isto fica claro na fala do Sr. João Correia:¹⁷⁸

Sou farmacêutico prático desde 1942, mas entrei na formação em 49. Naquela época era poucos médico. Dr. Darcy, Dr. Godim, Dr. Alceu, eram poucos. Depois é que vieram Dr. Antônio, Dr. David.

E continua relatando que fazia e faz consultas na farmácia onde ainda trabalha:

Todo dia ainda tem uma consultinha. É gente que gosta do que faço. Confia! O remédio é da farmácia onde trabalho, mas, às vezes, entra na receita uns chás, alguma erva natural.

Sr. João Correia¹⁷⁹ fala da Ituiutaba dos anos de 1930, 1950. Continua abrindo os salões de sua memória:¹⁸⁰

Naquela época havia curandeiros, curandeiras, muitos deles ficaram famosos. Davam trabalho porque eu, como farmacêutico e funcionário da farmácia tinha que atender, vender e esses curandeiros medicavam e receitavam com modos naturais. Mas eram bons observadores! Curavam muito mais porque eram muito bons observadores! Numa determinada época, ali na [rua] 17 com a 20 e 22, de frente a casa do Nicota, um desses

¹⁷⁸ CORREIA DE ALMEIDA, João. Farmacêutico prático do final dos anos 40 até a atualidade (2006). Memorialista. Escritor com dois livros editados. Entrevista gravada em 15 de outubro de 2005 na sua residência, rua 16, Ituiutaba. M.G.

¹⁷⁹ Idem.

¹⁸⁰ *Salões de Memória* é uma alusão à obra de Santo Agostinho - **Confissões** - quando este se reporta à memória como se ela estivesse ali, guardada nos salões dos vastos: *Palácio da Memória*. Santo Agostinho *chega aos campos e vastos palácios da memória onde estão os tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentado quer diminuído ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, faz aí tudo o que se lhes entregou e depôs, se é que o esquecimento, ainda o não absorveu e sepultou. Quando lá entro mando comparecer diante de mim todas as imagens que quero (...). Assim, sem cheirar nada distingo o perfume dos lírios do das violetas...* Santo Agostinho -**Confissões**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1999, p. 266-268.

[benzedores] que era meu amigo, seu Gabriel, me ajudou diagnosticar um caso que nem eu nem o Dr. Renato não tínhamos percebido. Pra nós, uma dor de garganta que nada sarava. Ele olhou, espiou, disse: ‘é espinho de peixe encravado na garganta do menino!’ Dr. Renato olhou, viu, tirou o espinho! Nada de remédio! Pra quê? Era só espinho! O menino sarou! Também tinha outros e outras, muitas benzedoras. Lá na fazenda de São Vicente tinha gente famosa nas benzeções. Quase sempre analfabetos. Pé no chão, pé limpo. Gente fazia fila para poder consultar, sempre foi assim. Os farmacêuticos da cidade, ‘seu’ Olavo, ‘seu’ Agostinho, ‘seu’ Carlito e o ‘seu’ Tancredo [donos de farmácias] aceitavam isso. Consideravam parte do mundo daquela época. Se estivessem vivos, que Deus os tenha, eles ainda aceitavam. Eram bãos! E os que benziam também! Humildes e bãos!

Sobre a profissão de *farmacêutico prático nas cidades de antigamente*, o também memorialista Pedroso¹⁸¹ confere que, na década de 1930, o farmacêutico formado era raro por escassez de Escolas Superiores no Brasil. Era ele quem *receitava* remédios que ele mesmo manipulava em seu laboratório, *copiando receitas de livros traduzidos do Francês*, salientando que os sais e tinturas vinham do Laboratório Almeida Cardoso, do Rio de Janeiro. Complementa que nos anos de 1930 o médico morava quase sempre nas cidades grandes e que o povo simples era hostil ao sistema médico oficial. [...] *Não obstante, antigamente, o benzedor [...], e o farmacêutico podiam ter fama como médico.*¹⁸²

A Ituiutaba de hoje, foi, em 1854, conhecida como *Vila do Prata do Imperador*, e freguesia de *São José do Tijuco*, em 1839,¹⁸³ tempos que não possuía um médico residente, e quando necessário, para atender doentes mais graves, um médico era solicitado nas comarcas vizinhas de Monte Alegre, Uberaba, São Pedro de Uberabinha (Uberlândia). É importante acrescentar que, em 1886, foi criada pela segunda vez, a freguesia de *São José do Tijuco*, desmembrada da freguesia de *Nossa Senhora do Carmo do Prata* – MG, ocorrendo sua emancipação em 16 de setembro de 1901, com o estabelecimento de seu perímetro urbano em 10 de janeiro de 1902.

A história médica de Ituiutaba, conforme fontes pesquisadas em livros, revistas e jornais,¹⁸⁴ iniciou-se em 1890, após a Proclamação da República, quando são providenciadas as eleições para Comarcas Municipais, Conselhos Distritais e Intendências Municipais, momento em que vem transferido da comarca de Monte Alegre o médico José Petráglio, para atuar na então freguesia de São José do Tijuco.

¹⁸¹ PEDROSO, Carlos. 1998.

¹⁸² Idem. p. 24/25

¹⁸³ Fonte In: **2001- Centenário de Ituiutaba**. Realização Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Ituiutaba. M.G. Editora Gráfica Ituiutaba Ltda. Ituiutaba, 2001. p. 23.

¹⁸⁴ ACAIACA. Revista de Ituiutaba dirigida por Celso Brant, ano 1953 ; NOVAIS, Alísio Silva. **História Antiga de Ituiutaba**. 1974 - CHAVES, Petrônio Rodrigues; **A Loja do Osório**. Ed. do Autor. Ituiutaba, 1984; CHAVES, Camilo. **Caiapônia**. 3ª ed., EGIL, Ituiutaba, 1998. *Jornal Folha de Ituiutaba*, 15/09/84.

Dr. José Petráglio, doutor em Medicina, formado em abril de 1875, nascido em Piaggine (1846), província italiana de Salerno, chega à *corrutela* por volta de 1890 e, fixando residência, inicia seu trabalho como médico. Seu cotidiano, provavelmente contou com ajuda de escravos forros, por exemplo, na busca de água no *rego d'água* da pequena represa construída na cabeceira do rio São Vicente (que desaguava no córrego Pirapitinga). Dr. José Petráglio, como homem de seu tempo, morava certamente em casa característica daquela época, ou seja, construção simples de poucos cômodos sobre o chão batido, feitas, em sua maioria, de pedra, argila e madeira. As atividades domésticas ou fabricações de cunho familiar, tais como farinha, polvilho, sabão ou lavagem de roupas e utensílios domésticos eram executadas no quintal, chamado de *terreiro*, espaço também destinado ao plantio de hortaliças e à criação de pequenos animais.

Historicizando o homem no seu tempo e lugar, é possível presumir que este médico, vindo e formado na Europa, tivesse interesse em notícias do mundo e principalmente do novo país de moradia e então é quase certo que tenha convivido nesse início de profissão com explosões de matérias lançadas em jornais de todo o país. Nestes era solicitado um novo papel para o médico diante do descrédito do povo no saber da ciência médica. Manchetes bradando *uma nova visão para o médico* eram comuns onde advogavam ser necessário confiar no médico (...). Consideravam o equívoco mais grave desprezar o tratamento médico profissional *optando por lançar mão de remédios caseiros*. Encontramos fontes com avisos que enfocava veementemente: *É preciso que se enraíze, principalmente nas classes mais inferiores da sociedade, uma completa confiança na ação do médico profissional que, pelo seu reconhecido saber e comprovada competência [...]*.¹⁸⁵

Tudo isto levado em jornais das diversas cidades do país era uma tentativa do governo de *romper com as condições de atraso*. A República impunha tempos modernos, com cidades mais limpas, povo mais civilizado, uma vez que ordem e limpeza eram prerrogativas para o progresso. Entretanto, longe dos grandes centros urbanos as práticas cotidianas ainda não estavam alinhadas à essa modernidade, apesar de todas as tentativas. Ituiutaba, então São José do Tijuco, no raiar da República, revela-se com o mesmo modelo de outras pequenas cidades do interior do Brasil. A lógica no interior era regulada pelo mundo rural, na qual a natureza regia os fazeres: plantar, colher sol, chuva, frio, calor.

O espaço central de São José do Tijuco era acanhado e dividido pelos carros de bois, cavalos e carroças. Isto era justificado para aquele tempo, naquele lugar. *As ruas e*

¹⁸⁵ Jornal *O Dia*. Porto Alegre: 1894. In. WEBER, Beatriz Teixeira. *As Artes de Curar*. 1999. p. 116

*praças, mal iluminadas ainda, guardavam o cheiro da infância; nelas, tudo chegava atrasado e ainda haviam quintais.*¹⁸⁶ Segundo Borges, o modelo de vida cotidiano era formado por um saber de experiências vindas de um mundo ligado à natureza, mais rico naquele momento que o saber de codificações da escrita. A vida não era aprendida nos livros, mas no ouvir, nas palavras e nos gestos.

O folclore em Ituiutaba foi e continua sendo parte da vida de todos, enraizado e nutrido por tradições e religiosidade do povo. Os usos e costumes, tecidos em fios de diversas cores, foram enredados conforme as vivências das variadas miscigenações. Festas religiosas, Congada, Catira, Capoeira e Folia de Reis, Danças de Moçambique sempre foram rezadas, cantadas, contadas, enfim, foram refazendo-se em seu constante movimento ao longo da história. Nos primeiros tempos do arraial de São José do Tijuco, o povo, muito apegado em devoções aos santos, louvava-os e festejava-os com grandes celebrações, durante as quais o repicar dos sinos misturavam-se aos fogos de artifício, novenas e terços cantados. O padroeiro da cidade é São José, mas também Nossa Senhora da Abadia é homenageada. Em meio às rezas praticadas pelos católicos, teve lugar garantido as rezas pagãs que, na visão de muitos, são aquelas não ditas pela Igreja: as orações de benzedores, curandeiros, benzedeiras e parteiras.

Entre a religiosidade popular, a fé, a devoção, as rezas e as benzeções, o Dr. Petráglio prestava assistência médica (quase sempre gratuita) ao povo. A Vila Platina se desenvolvia e a chegada de mais médicos tornava-se salutar, o que trouxe à vila o Dr. Antônio Guimarães (1902) e o Dr. Adolpho Marcondes (1904). Mesmo a chegada de mais doutores, o povo, naquele tempo, em sua grande maioria, ainda preferia tratar suas doenças nas boticas ou com pessoas que já conheciam e acreditavam: os benzedores, principalmente as benzedeiras de crianças, além das mulheres, que sempre optavam por uma parteira na hora da chegada da criança ao mundo.

O universo de práticas e curas populares era muito mais familiar à maioria daquelas pessoas e as benzeções, os tratamentos à base de chás e ungüentos, os partos em casa com as parteiras do lugar, tudo isto manteve-se e foi cotidianamente repetido. Se houve nestes períodos conflitos graves entre os profissionais da saúde científica com aqueles que tratavam embasados em práticas empíricas, não pudemos saber, mas é fato que houveram constantes embates entre estes, nas grandes cidades do país, e isso é possível verificar em fontes históricas, principalmente em jornais, além de várias outras estratégias, como a que

¹⁸⁶ BORGES, Marlene de Fátima Freitas. 2001. p. 22.

veio se realizar em outubro de 1929, durante o 9º Congresso Médico Brasileiro, que pautou-se pela tentativa de organização do grupo médico. O Congresso propunha o ensino de ética, liberdade de profissão contra os que *prejudicavam o desenvolvimento da medicina*, tendo por objetivo maior a busca pela moralização do médico enquanto profissional, por excelência, da saúde. *Somente a partir dessa perspectiva é que os médicos passarão a exercer um papel mais significativo na regulamentação do exercício da Medicina.*¹⁸⁷

A comarca de São José do Tijuco passou, em 1904, a chamar-se Vila Platina, mas ainda não possuía calçamento e era iluminada pela luz do luar. O trânsito das tropas dos carros de bois espalhava poeira pelos ares, e na época das águas a lama dominava as ruas, o que certamente tornava-se um suplício para os moradores. Os anseios por trazer civilidade a essa pequena localidade exigiram um maior zelo pelo espaço e assim foi criado o primeiro Jardim Público. *Era freqüentado por moças bem penteadas, vestidas com capricho e rapazes com o melhor terno. Famílias inteiras, depois do jantar, que normalmente acontecia às quatro horas da tarde, visitavam o jardim.*¹⁸⁸

Vila Platina se desenvolve e o primeiro serviço de iluminação pública é inaugurado em 1905, ao som da banda de música Lira Congressista. A cidade era iluminada por lampiões – que continham carbureto (gás acetileno) – ao entardecer, acesos diariamente por Joãozinho Garcia.¹⁸⁹ Criou-se o primeiro grupo escolar, *Vila Platina*, em 22 de dezembro de 1908, hoje Grupo Escolar João Pinheiro, que é referência no ensino básico. Ainda, reflexo de grande crescimento, surge o primeiro jornal, *Jornal Vila Platina*, em 1907.

No ano de 1909, Vila Platina era comarca da cidade do Prata, mas possuía a Casa de Misericórdia São José para atender doentes mais necessitados. Nas poucas ruas e travessas era possível ver algumas casas comerciais, ilhadas por extensos terrenos baldios, espaço destinado à criação de porcos, vacas e, ao mesmo, lugar onde transeuntes cruzavam-se com carros de bois e tropeiros.

Foi neste cenário que o novo médico, Dr. Joviano de Castro, chega, numa cidadela ainda sem linha telefônica (seria aprovada pouco depois, em 29 de julho de 1909). Mas a Vila, ainda pertencente à outra comarca, já mostra visão moderna e busca, em 1909, proteção para suas matas, incidindo multa às derrubadas. Segundo fonte,¹⁹⁰ foi apresentado projeto de lei que determinava imposto de dois mil réis para cada vaca leiteira encontrada andando no perímetro urbano. Pontes e estradas foram construídas, e o primeiro automóvel pôde circular

¹⁸⁷ WEBER, Beatriz Teixeira. 1999. p.120

¹⁸⁸ **Centenário de Ituiutaba.** CIME - Sarah Feres Silveira, 2001, p.38.

¹⁸⁹ Idem., p. 27.

¹⁹⁰ Idem., 2001

na cidade. Com a Lei nº. 663, à Vila Platina é dado, em 18 de setembro de 1915, o termo jurídico, o nome de Ituiutaba, mas ainda permanecendo como Comarca da cidade do Prata.

Nessa época, quando ainda os principais meios de transporte são o carro de boi, algumas charretes ou carroças e as roupas da população eram tecidas em teares, feitas por tecedeiras que descaroçavam e cardavam o algodão em rodas de fiar e urdideiras que dobravam os fios para fazer as meadas que logo seriam usadas nos teares, chega à cidade Dr. Antônio Gabiano. A alimentação, tanto nas residências como nas pensões, é feita em fogões à lenha. *Histórias de assombrações, alma penada, lobisomem, saci-pererê, mula-sem-cabeça*¹⁹¹ são contadas entre as gerações.

Analisamos documentos escritos, construídos com narrativas guardadas nas memórias e (re)vivenciados por sujeitos históricos daquele período, e reiteramos que os costumes populares e tradições tinham e têm bastante significado para o povo. Ao reconstituirmos aquele cotidiano, aplicando métodos e técnicas da História Social, foi possível reverlarmos ações do homem daquele tempo, por meio de seus vestígios. A chegada de novos médicos à cidade, de novos valores sendo constantemente noticiados, não impediu o abandono a outras práticas de curas que eram cotidianamente vivenciadas. As benzeções e os partos realizados por parteiras mantiveram certamente seu lugar, pois estavam profundamente enraizados na formação da cultura brasileira, e teriam sido forjados juntamente com nossa etnia na fusão dos conhecimentos curativos dos africanos, nativos e europeus. Principalmente estavam amalgamados à religiosidade, aos costumes, à fé e às necessidades do povo, como também disseminados por todos segmentos da sociedade.

Assim sendo, de 1916 a 1920, chegaram à cidade outros profissionais da medicina científica, vindos de várias localidades do país, como o Dr. Vicente de Souza Neto, Dr. Rocha Pitta, Dr. Porfírio de Almeida Machado e Dr. Marco Túlio. Estes homens testemunharam a terrível *gripe espanhola* – conhecida também como *influenza* ou *defluxo* (doença microbiana sem uma causa única e específica) que chegou ao Brasil em 1918, tornando-se uma epidemia que impôs grande ameaça à vida da população brasileira, uma vez que a *influenza* se alastrara de forma pandêmica.

Mais uma vez os universos de curas – *o oficial e o outro* – lutaram juntos diante da gravidade da situação e os sais de quinino – *a quina* – adquiriram emprego generalizado. A *gripe espanhola* provocou especulações entre os remédios oficiais e os *preparados miraculosos*, numa mistura de várias ações terapêuticas. Em momentos aflitivos misturou-se a

¹⁹¹ 2001. Centenário de Ituiutaba. p. 85.

credibilidade científica com ao fascínio das curas com o emprego das benzeções; acatou-se, então, conselhos de diferentes universos de curas. Após a gripe, iniciou-se um combate a anúncios *desregrados*, os quais prometiam *curar doenças incuráveis*. Neste contexto, houve uma confusão nas terapêuticas oficial e popular, e, com isto, um universo de trocas e de recriações foram assimiladas. Houve circularidade, estiveram presentes os homens das ciências, gente letrada, e as mulheres – grandes representantes dos tratamentos populares – numa forma diferente de mentalidade coletiva, na qual o influxo de idéias possibilitou reinvenções.

No período da epidemia da *gripe espanhola*, foi também a data de comemoração do primeiro aniversário de morte do Dr. Oswaldo Cruz, e, portanto, um fato constrangedor dado o quadro de tantas doenças em agravo. Num ideal positivista de *Ordem e Progresso*, foi fundada a liga de Pró-Saneamento do Brasil, espaço para momentos de debates sobre muitas doenças e também propostas de higienização, tal qual foi a ordem do momento. O cenário mundial, a partir de 1919, estava em efervescência e mudança.

A guerra acabara e a Europa se achava muito mudada. No lugar dos príncipes, havia agora presidentes de repúblicas. Em vez de cavalaria e carruagens, havia o automóvel, o submarino, o avião. Pouco depois, em vez de ópera e valsa vienense, o rádio, os discos e o cinema. A cultura erudita européia abriga espaço para a cultura industrial americana.¹⁹²

Após 1920, até meados de 1940 chegaram outros novos médicos à cidade: Dr. Mizael Soares de Freitas, Dr. Lauro de Castro Guimarães, Dr. Walter Buhler, Dr. Galileu Lima, Dr. Raimundo Mariano e Dr. Adilson de Mendonça.¹⁹³ As doenças, como a tuberculose e a lepra, quando chegadas até o médico, eram tratadas com carência de condições, sem espaço apropriado para receber estes enfermos, pois era certo que nem se pensava exigir um espaço apropriado, um local tradicional de recolhimento desses necessitados.

Um hospital, equipado com instrumentos adequados, é uma invenção relativamente nova no mundo ocidental. Até o século XVIII, o hospital não era referência para curar doenças e sim um lugar destinado a dar os últimos cuidados e os últimos sacramentos aos enfermos desamparados. Sobre a profissão de enfermagem é documentado que tenha surgido no século XX, o que vem confirmar a dificuldade de atenção oferecida a pacientes impossibilitados de se cuidarem, mesmo tendo sido atendidos pelo médico

¹⁹² **2001 –Centenário de Ituiutaba.** p. 56-62.

¹⁹³ Dr. Mizael Soares de Freitas (1934); Dr. Lauro de Castro Guimarães (1935); Dr. Walter Buhler (1939); Dr. Galileu Lima (1940); Raimundo Mariano Matos (1922/24); Dr. Adilson de Mendonça (1924). Estes médicos, chegados periódica e constantemente nas pequenas cidades, ficavam, por vezes, um período no qual clinicavam fazendo variados atendimento, seguindo tempos depois para outras cidades nas quais atuavam também por um tempo. Podiam ou não retornar às mesmas cidades, como também, permanecer ali por toda vida.

tradicional. A família, amigos e o povo caridoso cuidava, nessas horas de desamparo, do enfermo, fato este que concorreu para solidificar ainda mais os vínculos do povo com a medicina *não científica*.

Os partos eram realizados nas casas das parturientes, mesmo porque somente ali essas mulheres teriam amparo e cuidados, quase sempre de outra mulher, cujo saber era adquirido pela tradição e pela prática. As parteiras tinham o respeito e reconhecimento social, sendo, sem dúvida, muito mais procuradas que os médicos. Os remédios alopáticos e naturais continuaram sendo utilizados, e as farmácias, já então em número de três ou quatro, desempenharam, de certa forma, papel coadjuvante nessas situações.

A medicina passou, aos poucos, da mera observação dos sintomas para a utilização de outras técnicas, como, por exemplo, a utilização de exames laboratoriais. Lentas modificações ocorreram nas ciências médicas até o final dos anos 1900, e sua consolidação científica não aconteceu rapidamente, pois os tratamentos de saúde estiveram constantemente envolvidos pelas várias práticas do povo.

Em 1923, todo movimento da cidade era proveniente da extensa e fértil zona rural, e seguia o modelo do resto do país: grande parte da sua produção era destinada à exportação. Ituiutaba, a cidade do Rio Tijuco, crescia e se expandia, entre os rios Sujo e Pirapitinga, quando, na década de 1920, a população alcançou o número de duas mil pessoas.¹⁹⁴

Chegaram novos profissionais da saúde, Dr. Durval Godinho, Dr. Silvino da Silva Pontes e Dr. Mário Linhares, vindos de vários lugares, formados pelas diversas escolas de medicina, espalhadas pelas principais cidades do país. Permaneciam ou ficavam por período sazonal. A vida desses médicos recém-chegados na cidade era de labor. Buscavam reconhecimento, prestígio e estabilidade econômica, por isso, dispunham-se a sacrifícios e limitações de conforto. Ituiutaba, naquele ano de 1923, inaugura o serviço público de telefone, facilitando contatos rápidos com cidades mais desenvolvidas. Edificaram-se as primeiras indústrias, e máquinas de beneficiar arroz *movidas à eletricidade* foram assentadas na cidade, que mostrava-se então promissora e possuidora de grande dinamismo. Seu Código Tributário havia sido elaborado e o distrito de Santa Vitória anexado ao território ituiutabano.

Em 1930, com o governo de Getúlio Vargas, nasce o interesse por modificações na organização do setor de saúde do Estado, passando o exercício da medicina e profissões afins

¹⁹⁴ Fontes: Cf.: Revista Acaiaca. ed. 1953; CHAVES, Petrônio Rodrigues. **A Loja do Osório**. ed. 1984. NOVAIS, Aloísio Silva. **História Antiga de Ituiutaba**. Arquivo da Câmara Municipal de Ituiutaba.

a serem regulamentados, em 1932, por decreto do governo provisório.¹⁹⁵ Todo esse esforço para estabelecer, concretamente, o reconhecimento dos profissionais das ciências médicas era justificado diante da contínua e grande procura pelas práticas de curas buscadas na medicina popular. Naqueles tempos, as doenças infantis, reconhecidas popularmente como *quebranto*, *coqueluche*, *sapinho*, *moleira funda*, diarréia e outras, eram tratadas com benzeções, praticadas, quase sempre, por senhoras moradoras da cidade ou das fazendas da região. Os remédios eram caseiros, basicamente chás, xaropes e ungüentos, preparados pelas próprias benzedadeiras.

Ituiutaba teve suas avenidas alargadas e ruas construídas a partir de 1926, quando da chegada do Dr. Álvaro Modesto, que pôde exercer sua profissão já em ruas *civilizadas*, criadas ao modelo imposto pelo período Vargas. Em 1930 surge o rádio, que veiculava campanha publicitária de remédios populares, o que ocasionou, nesse período, o maior emprego da homeopatia, em detrimento à alopatia.



Propaganda de Remédios Naturais. Foto veiculada em jornal da cidade
Fonte sem mais registro.
Fotografia de Fernando Borges Marquez de Andrade. Ituiutaba, 2006.

¹⁹⁵ WEBER, Beatriz Teixeira. 1999. p. 118-121.

Nesse período, o exercício da medicina contou com outro médico, o Dr. Laerte Vieira Gonçalves, que trabalhou na cidade considerada hospitaleira, rica e promissora. As ruas foram *encascalhadas*, drenando os lamaçais no centro da cidade. As águas das chuvas, constantes e torrenciais, eram engolidas por bueiros estrategicamente construídos. A cidade teve então representado seu primeiro prefeito, um modelo político moderno, uma referência de progresso, no qual Dr. Cid Ferreira juntamente com Dr. Tobias Gomes Junqueira, dedicariam profissionalmente à sua arte de curar. Contava então com agência do Telégrafo Nacional e, logo mais, em 1934, seria fundado o *Jornal Ituiutaba*.¹⁹⁶

Grande número de garimpeiros chegou a partir de 1935, em busca de diamantes no rio Tijuco, e a cidade se agitou com o achado de uma pedra preciosa, um diamante muito parecido com o *Cruzeiro do Sul*, batizado *Democrata*.

Tudo para eles é sinal certo de bamburro. [...] Muito aventureiro desgarrado, muito criminoso fugido, muita pessoa de instrução, e até de família boa, irremediavelmente perdida pelo vício louco. [...] O rancho são apenas algumas folhas de coqueiro amarradas mal-e-mal. [...] Se corre, porém, a notícia de que a grupiara é rica, os ranchos de pau-a-pique arruam num instante a currutela. Chega cachorro, chega mulher, toca a nascer menino – e o garimpo forma arraial. [...] e puxa venda, farmácia, pensão [...]. Tudo depende, pois, do diamante. [...] Na virada certa, treinada, o garimpeiro emborca o cascalho peneirado – e o que se ajuntou no fundo passa para a coroa do piquete que se vai amontoando ao lado. A suruca - peneirona de malhas grossas - separa as pedras maiores. [...] Passa pato-trombeteiro, passa irerê, passa nuvem. E o dia passa também. Mas o garimpeiro não vê nada disso. O próprio cigarro ele o esquece, apagado no gancho duma orelha. [...] E cisca, e remexe, e remexe, e cisca – ainda não, mas qualquer hora croa um xibiu: nem que seja um avoão, nem que seja um olho-de-mosquito. Qualquer hora vai dar bamburro! Vício louco!¹⁹⁷

Na época conhecida pelos memorialistas como *idade do ouro*, a localidade fervilhava de gente vinda de todos os lugares, movimentando a vida da cidade que sente necessidade de criar seu próprio comércio. Surgem então vários estabelecimentos, nos quais, fumo, secos e molhados, anzóis, chapéus, botinas, galochas, pás e enxadas eram comercializados, pendurados no batentes das portas ou esticados em varais no interior dos estabelecimentos ou em fardos de sacaria grosseira. *Fazendas* tecidas, estampadas em fábricas de São Paulo, ficavam dobradas, empilhadas sobre bancadas de grossa madeira *de lei*. *Mesona de uma tábua só de cabriúva*. O próprio dono do estabelecimento fazia o

¹⁹⁶ Antes veicularam os jornais *O Vencedor* e *Villa Platina*.

¹⁹⁷ PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. Rio de Janeiro: Liv. José Olímpio Editora, 1958. p. 145-147.

atendimento aos clientes. Amigos também ali se juntavam diariamente também para o conto de causos.¹⁹⁸ Mesmo com a chegada dos estabelecimentos comerciais, não faltavam os mascates. Dona Neném¹⁹⁹ contava que comprou muito de mascate: - *O Brimo!*²⁰⁰ Eram colchas adamascadas, enxoval, camisola, dizia ela. Conta que mascate vendia de tudo: botão para camisa, botão para roupa de baixo, botão que não acaba mais. E colchetes, e contas de vidro, e novelos de renda de bico, entremeio, crochê. Renda do Norte, tira bordada, racine, milão. Tesoura, dedais, alfinetes, facas, colheres. Perfume, espelhos, medalhas, batom. Pó-de-arroz, sabonete, apito, baralho, gilete, grampinho, ramona, ruje, esmalte, colar, unto para o cabelo.

Quanto aos médicos, como já mencionado, a cidade possuía alguns. Dr. Galileu Lima, em 1940, era o cirurgião da cidade, um médico disposto a clinicar *de sol a trovoadas. Tinham a seu favor a proteção de Deus, o lombo do burro, e às vezes, o Fordinho bigode.*²⁰¹ A partir desta década, a técnica cirúrgica se intensificou, pois ocorreu a consolidação das práticas de assepsia, houve o controle da dor e das infecções. Entretanto, Ituiutaba, cidade longe de grandes centros urbanos, tinha dificuldades para incorporar novos procedimentos médicos. As adversidades foram muitas nesses tempos em que o instrumental cirúrgico era precário e a falta de modernos equipamentos exigia maior habilidade daqueles profissionais. Tempos em que se desconhecia muitas fórmulas de imunizações e durante o qual muitos dos procedimentos adotados não eram eficazes.

Em meio a vivências centradas na saúde e na doença, a Igreja Católica atuou em várias dimensões, ajudando o povo a suportar os problemas práticos da vida cotidiana. Oferecendo explicações para a infelicidade, permitia a continuidade do ritual da água e óleos bentos, além de organizar ritos que traziam, de certa forma, alegria ao povo. As manifestações religiosas, comemorações e festas tradicionais, como a celebração em homenagem a São José, padroeiro da cidade, e à Nossa Senhora da Abadia e solenidades religiosas da Semana Santa, Finados e Natal, fizeram parte do cotidiano da cidade.

Estado Getulista (1930-1945), período revolucionário com mudança do curso político de Ituiutaba, caracterizando uma época de grande violência na cidade, culminado com o assassinato de um ex-vereador da cidade, Pedro Fenelon, revolucionário engajado na

¹⁹⁸ Uma reconstrução histórica baseada no livro; **A Loja do Ozório**. 1984 .

¹⁹⁹ Orientina Borges Lopes. *D. Neném. 77 anos . -Eu sou de 30 (1930), mas me registraram em 29...então assim eu tenho 77anos.* (Relato guardado na minha memória,e relembado após sua morte.)

²⁰⁰ *Brimo.* (Primo). Sendo sírio- libanez chamava a todos de **brimo** daí o apelido: *Brimo*

²⁰¹ **2001 –Centenário de Ituiutaba.** p.70.

revolução de 1930. *A Vinculação dos fatos que se sucediam em Ituiutaba com a revolução de 1930 está na participação forçada de elementos desta cidade neste movimento.*²⁰²

A cidade possuía algumas agências bancárias e bons colégios, referências para a região, como o Instituto *Marden*, o Colégio São José e o Colégio Santa Tereza, que estavam em pleno desenvolvimento. Além destes, a Escola Secundária Dr. Benedito Valadares, o Grupo Escolar João Pinheiro e muitas outras escolas isoladas. A Ituiutaba de 1940 se desenvolvia e crescia, mas ainda não possuía um conjunto articulado de instituições ligadas à saúde, que beneficiasse os mais pobres. Tudo indica que as pessoas estabeleciam uma relação diferente com a dor, buscavam na família os cuidados da doença, procurando o médico somente quando todas as alternativas domésticas tinham sido esgotadas. Contudo, apesar das várias doenças, a cidade certamente manteve a imagem de um local onde todos procuravam sanar seus padecimentos, pois não há registros de grandes epidemias, com exceção daquelas que assolaram todo o país. Todavia, a busca por soluções da boa saúde esteve quase sempre voltada para as práticas populares de curas que eram, indiscutivelmente, mais usadas. Nos tratamentos buscados nas benzeções e remédios do quintal tudo parecia mais lógico, mais próximo da visão de mundo do povo, que via ali mais sentido. Tudo isto mantinha o envolvimento da família, reforçando os valores culturais do grupo em que viviam.

O ano de 1942, quando explodiu a 2ª Guerra Mundial, foi marcado por incertezas e desalentos, mas, ainda assim, mais um doutor veio para a cidade, Dr. Altivo Teixeira Silva, que trabalhava quase na penumbra, pois a energia elétrica era ruim, funcionando muitos lâmpões e lamparinas ainda, mas a cidade tinha calçamentos e meios-fios de paralelepípedos, e já iniciara a rede de esgotos e a captação de água no Córrego Pirapitinga. Por essa época, um filho da região, que se tornaria grande escritor,²⁰³ conta em seus livros – *Vila dos Confins*²⁰⁴ e *Chapadão do Bugre*,²⁰⁵ a realidade vivida então nos pequenos lugarejos perdidos nos confins brasileiros:

Cabo de enxada engrossa as mãos – e o sedenho das rédeas, o laço de couro cru, machado e foice também. Caneta e lápis são ferramentas muito delicadas. A lida é outra: labuta pesada, de sol a sol, nos campos e nos currais.

Queimado cedo, a chuva caía nem que fora de encomenda por cima da cinza quente, o *mimoso* havia brotado e crescido tão gramado e sadio [...]. Mas a

²⁰² 2001 – Centenário de Ituiutaba. p.69.

²⁰³ PALMÉRIO, Mário de Ascensão . Nascido em Monte Carmelo, M.G. ,em 1916. Conta, com ternura e violência, a paisagem sertaneja, mostrando a história de lutas entre homens.

²⁰⁴ Idem. *Vila dos Confins*. 1958, 5ª edição.Op. cit.

²⁰⁵ Idem. *Chapadão do Bugre*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1965.

tropa solta no campo poupava ainda o mimosal, entretida com a brota do capim-fino que margeava o chão molhado da cabeceira abaixo.

As fazendas vão se abrindo, mais e mais, as lavouras jogam o mato no chão, tomam conta das baixadas, esgotam varjões. Gado de criar povoa os campos, arame farpado fecha os primeiros pastinhos de bezerro, aroeira em pé esquadra currais de bois. [...] Rancho, esse se faz de pau-a-pique rebocado à tabatinga, rancho de porta e janela, com horta de couve e chiqueiro. Povo e bicho de fora: galo músico, galinha garnisé, cachorro paqueiro, cachorro onceiro, cachorro veadeiro. [...] O caboclo bambeia o arame [...], vem contar ao vaqueiro, na hora de curar bezerro, histórias de assombração e de cobra sucuri.

Mormaço. Entrando por toda parte, pelas frinchas da janela e pelo vão do telhado; até dos tijolos rejuntados do chão subiam nuvens de quentura. Um forno. O marimbondo-tatu vinha e voltava. Preto, lustroso... dava giros macios por sobre a cama, largos e altos, decerto estranhando gente deitada a uma hora daquelas.

A terçã maligna. Quando pegava, pegava mesmo. Maleita doença maldita [...]. Passava o acesso, a febre se ia, mas sobrava a moleza geral e o suor... Uma lavagem de água fervida com um tico de sal e azeite de mamona... [...] se tivesse poaia... [...] às vezes um pouco de macela, uma dose boa de losna... bom é um escalda-pé bem esperto...um chá de laranja com dentinho de alho, pelando...²⁰⁶

Assim, as narrativas de Palmério e a vivência em Ituiutaba se amarravam, era tudo uma mesma coisa, a mesma realidade.

A partir de 1942, segundo fontes da *Revista Acaiaca*,²⁰⁷ o Corpo Médico de Ituiutaba estava constituído de novos doutores: De 1942 a 1945, chegaram Dr. Waldemar Veloso Soares e Dr. Diógenes Silva, os quais trabalhavam numa cidade que contava com sala de cinema, campo de pouso para aviões e, ainda, jornais, hotéis, bancos, cabines telefônicas. O comércio cresceu e se desenvolveu visivelmente.

No ano de 1945, período do surto da febre amarela, já havia vários hospitais, fundados entre os grupos de médicos que haviam decidido permanecer na cidade. Chegaram muitos outros a partir de 1946, numa circulação de idas e vindas e algumas permanências: Dr. Antônio Modesto, Dr. Saul de Oliveira Carvalho, Dr. Walter Valentini, Dr. David Ribeiro de Gouveia, Dr. Thomé de Carvalho, Dr. Darci de Andrade Furtado, Dr. Garibaldi de Oliveira Diniz, Dr. José Zoccoli de Andrade, Dr. José Féres, Dr. Antônio Alves da Cunha Campos, Dr. Edelweiss Teixeira, Dr. Petrônio Rodrigues Chaves, Dr. Antônio Cabral de Menezes, Dr. David Palis. Logo, seguindo a estes, Dr. Renato Lansac Patrão, Dr. Samir Palis e Dr. Alceu Ribeiro Franco, chegados entre 1942 e 43 e, mais adiante, outros profissionais da saúde representantes de um tempo não atual: Dr. Helton Valentini, Dr. Olímpio, Dr. Rafael Vilela, Dr. Tufi Tahan e outros, já após os meados do século XX.

²⁰⁶ PALMÉRIO, Mário. 1965, p. 76-186.

²⁰⁷ ACAIACA, Revista. 1953.

Em depoimento obtido com metodologia da História Oral,²⁰⁸ indagamos ao Dr. Alceu Ribeiro Franco²⁰⁹ sobre sua história como médico numa cidade tão longe do Rio de Janeiro, local de sua formação acadêmica e ele confessa: *Retorno um ano depois de formado e começo a agir, em 1945. Convidado como sócio, construímos, num grupo de três, a Casa de Saúde São Joaquim: Dr. David Gouveia, Dr. Renato Patrão e eu.*

Continua seu depoimento:

Pois é. Minha especialidade mesmo era Clínica Médica e Radiologia, mas havia um porém. Se paciente trouxesse uma criança, por exemplo, e o médico falasse que não atendia, que era só o pediatra que podia atender, possivelmente sairia do consultório perguntando se eu era médico mesmo ou apelido (risos). Naquele tempo era-se médico de tudo, de criança, de adulto, obstetrícia.

Antigamente se ficava, às vezes, doze horas na casa de uma parturiente. Alguns partos difíceis! Cesariana, raramente! Naquele tempo tinha que saber fazer a apresentação de feto,²¹⁰ conforme então, seguia a conduta, né?

Quanto aos contratemplos, quando indagamos a respeito, perguntando também sobre a atuação das parteiras, Dr. Alceu Franco responde sem titubear:

Havia muitos contratemplos, mas as parteiras, em certos pontos, até... até era de utilidade a parteira. Se bem que não tivesse cultura, não tivesse conhecimento. Muitas crianças nasceram, e apesar da parteira ser sem cultura, as crianças nascem. De modo que tem utilidade, né?

Percebemos, na fala do médico, que, mesmo se mostrando simpático com a atuação dessas mulheres, denota sua posição hierárquica quando fala de *utilidade* e não de necessidade das parteiras naquele tempo. Quanto à necessidade das parteiras numa cidade

²⁰⁸ A pesquisa Oral realizada com Dr. Alceu Ribeiro Franco foi elaborada com solicitação prévia, num horário determinado pelo profissional, e aconteceu em seu consultório médico, onde foi travado um breve diálogo sem formalidades acadêmicas. Após, fizemos uma exposição sobre o tema do estudo e encaminhamos o diálogo para a proposição da pesquisa. Justificando a necessidade do gravador, o que foi aceito, mantivemos um diálogo semi-dirigido, gravado e posteriormente transcrito. A ética da História Oral exige que o historiador não só obedeça as normas como também que as respeite. As interpretações devem se apoiar em honestidades, livrando-se o historiador, de quaisquer conclusões pré- estabelecidas, independentemente de expressarem ou não suas expectativas. Salientamos que a obediência no procedimento da fonte Oral foi obedecida, tanto nesta citada entrevista, como em todas outras praticadas durante nossa pesquisa.

²⁰⁹ FRANCO, Alceu Ribeiro. É médico do corpo clínico do *Hospital Mater Dei* de Ituiutaba, antigo *Hospital São Joaquim*.

²¹⁰ *Apresentação do feto*: Examinar, observando espaços de tempo entre as contrações, dilatação, bem como tamanho, posição e outras particularidades do bebê - medidas de precauções antes do parto.

pequena, provinciana, com arraigado preconceito sobre as *doenças de mulheres*,²¹¹ soubemos, nas várias análises para esse trabalho, que elas eram essenciais. Toda tradição e costumes impunham que a mulher era a que dava amparo à outra, sua igual, nas horas das dificuldades com a saúde *é a parteira que valia! Mulher é quem tratava de mulher*, declara Dona Maria Aparecida:

Elas eram as verdadeiras companheiras nas horas das dores e angústias. Tive três filhos em casa com uma enfermeira-parteira. Lá no Norte elas são treinadas por outras mulheres na Santa Casa! Meus filhos tão tudo grande e sadio! Você viu, já tenho netos. Tá chegando outro!²¹²

Confirmando esta conscientização elaborada pela experiência de vida da Dona Aparecida, percebemos a mesma certeza adquirida em estudos com a psicóloga Ricotta:

Nós, mulheres, trazemos em nossa formação as impressões pessoais de nossas vivências, exigências e expectativas em relação ao mundo moderno e a herança trigeracional – avó, mãe, filha –, responsável pela transmissão de registros afetivos, de atitudes, comportamentos e valores.²¹³

A afirmação da psicóloga corrobora as várias análises, realizadas a partir da História Oral, ou seja, que as mulheres e suas inevitabilidades apegavam-se às outras, suas iguais, movendo-se, de fato, num território de saberes transmitidos pela herança trigeracional, compreendendo que o mundo vegetal estava cheio de signos destes hábitos, cujas práticas as ligavam ao quintal. Uma união de ancestralidade e fé, mescladas com orações aos santos protetores nas enfermidades e à *utilização de ervas extraídas da flora doméstica, como a macela, arruda e funcho, os gestos impregnados de magia [...]*,²¹⁴ faziam parte do universo feminino.

²¹¹ *Doenças das Mulheres. Doenças da Madre.* (doença do útero e outros órgãos femininos). *Além de investir em conceitos que subestimavam o corpo feminino, a ciência médica passou a perseguir as mulheres que possuíam conhecimentos sobre como tratar do próprio corpo. Esse saber informal, passado de mãe para filha, era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições femininas.* In: DEL PRIORI. 2006, p. 81

²¹² MENEZES, Maria Aparecida de. Nascida em Florânea, Rio Grande do Norte. É há muito avó. Reside em Ituiutaba *pra lá de trinta anos!* Depoimento gravado em 2006.

²¹³ RICOTTA, Luiza C. de A. **Emoções.** O conflito do feminino: modelos herdados e modernidade. In: revista **UMA**, mar. 2006. p. 65.

²¹⁴ DEL PRIORE, Mary. Professora do depto. de História da USP. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**, 2006. p. 94-108.

Sobre a utilização de ervas como plantas medicinais no mundo feminino, Ferreira, numa referência aos projetos elaborados pelas ONGs (Goiás, Malunga e Fundação Ecológica de Mineiros), salienta que:

Nesses projetos, as mulheres têm uma grande participação, pois trazem consigo toda uma sabedoria acumulada e escondida em suas mãos. Elas manipulam o angico, barbatimão, jatobá e raízes diversas para a produção de pomada, xarope, chás, lombrigueiros e multimistura.²¹⁵

Sobre a sabedoria e aptidão desenvolvida pela mulher para manipular plantas, existe, em Ituiutaba, um trabalho que utiliza plantas e ervas para o fabrico de remédios e que é gerenciado pela Sra. Fátima²¹⁶ – *a Fátima da Farmacinha da Terra* . Há no local o plantio, a colheita, a seleção, a higienização e a manipulação para o fabrico de remédios, que são distribuídos ao povo, às tardes de sábados.

Momento de seleção e higienização de ervas, elaborado por uma voluntária. Tudo é elaborado com cuidado e carinho tudo é lentamente feito com as mãos , num fazer em que o relógio parece não contar ; não cobrar seu tempo implacável.

²¹⁵ FERREIRA, Eliane Schmaltz, **Rede Cerrado de ONGs: Novos Códigos de Sociabilidade e a Perspectiva de Gênero**. Tese de Doutorado. USP – São Paulo: 2002. p. 145

²¹⁶ *Farmacinha da Terra* - Entrevista concedida no local , por Sra. Maria de Fátima da Costa, em outubro de 2005.



Farmacinha da terra .
Atividade Voluntária – Farmacinha da Terra..
Mãos que fazem . Aqui a máquina é prescindível.
Fotografia de Rosane Ribeiro Borges.

Voltando às lembranças de um cotidiano vivido nos anos de 1950, na cidade de Ituiutaba, Dr. Alceu Franco²¹⁷ relata uma passagem como obstetra, dificuldade rememorada com sentimento de paixão e ternura de sua vida como doutor, provando aqui que de fato *o tempo é uma das formas puras da sensibilidade*.²¹⁸

Chovia naquela época, barbaridade! Recebi chamado numa fazenda longe daqui. Urgência. Até a beira do Paranaíba a gente foi de carro, chegando no alto, assim para as margens do rio, não ia mais, de tanta chuva e barro. Mas havia lá, me esperando, uma canoinha de uns três metros de comprimento, feita num coxim escavado [feita numa tora de madeira]. Rio cheio,

²¹⁷FRANCO, Alceu. Op. cit

²¹⁸ Immanuel Kant. Prussiano de Königsbert, nascido no dia 22 de Abril de 1724. Grande filósofo, fundador do criticismo alemão - 1724-1804. Coleção **Os Pensadores**. 1999.

esperando o médico. Eu entrei naquilo levando minha maleta de urgência. De vez enquanto passava uma tora rodando. Do outro lado do rio havia três cavalos arriados, esperando. Me deram um cavalo. Eu subi nele. Galope, era barro voando e chuva caindo! Chegamos lá. Casa antiga, porão alto, debaixo porco, galinha transitava. Cheguei. Uma mulher em trabalho de parto. Primípara,²¹⁹ 34 anos, 39º de febre. Os órgãos genitais inchados, inflamados, fazia quatro dias que tava tendo cólicas. Naquele tempo havia um auxiliar bom para o parto que era um óxido-tóxico- (pituitrina)²²⁰ que produzia uma cólica violenta. Dei-lhe uma injeção – era a única esperança – e última!

Veja, como levá-la para Goiás adentro, onde? E como? Cavalo, chuva e barco feito de toco? Dei-lhe a injeção e esperei. Deus estava ali. Nasceu um mulecão. Daí meia hora, ali estava nos braços da mulher.

Até hoje me lembro e emociono. É como se eu próprio tivesse dado a luz. Voltei rumo a Ituiutaba, estava escurecendo, a galope. Barro voando até chegar no carro que me esperava na beira do Paranaíba. Isso era 1947, 48 [...].²²¹

Quando indagamos ao Dr. Alceu sobre história de mulheres médicas – se houve alguma em Ituiutaba – ele diz não ter havido nenhuma (que ele tivesse sabido), e acrescenta: *naqueles tempos havia obstetrícia, mas ginecologia era pouco. Procedimentos em mulheres quase sempre era tratado em casa; somente após os anos de 1950 é que as senhoras adquirem o hábito de dar a luz no hospital.*

Correia de Almeida²²² corrobora com a realidade percebida por Dr. Alceu²²³ e relata sobre a necessidade do ofício das parteiras:

Em 1950 já quase todas as gestantes iam para o hospital. As pessoas mais pobres, aqui tinha a dona Luzia - dona *Luzia Preta*, que atendia esse pessoal mais pobre, né? Essa era parteira! Dona Luzia! Fez muito esse trabalho por aí. Quanto às benzedadeiras, parteiras, curandeiros, as pessoas até hoje procuram. Podem até ter dinheiro, acontece! Veja eu: todo mundo sabe que eu não tenho formatura nenhuma, né? E até hoje, quantas vezes, falo com humildade, tem gente rica, que acostumou tratando comigo [doenças dos filhos, gripes, garganta], agora ainda trata comigo, diz que confia, acostumou. Sempre deu certo. É uma confiança que tem! O mesmo aconteceu com o seu Nhonhô, o Sr. Carlito, deixavam [o povo] de procurar o Dr. Saul, o Dr. Codinho. Deixava o Dr. Petrônio pra ir consultar com seu Nhonhô, seu Carlito. Pessoas que mesmo com dinheiro assim preferiam. Naquela época já tinha o Dr. Godinho, Dr. Alceu, Dr. David Gouveia e Dr. Cunha Campos. Depois chegou o Dr. Petrônio. Dr. Samir chegou bem depois. Os médicos chegavam, mas as pessoas ainda procuravam a gente

²¹⁹ *Primípara*. Mulher na primeira gestação. Primeiro parto.

²²⁰ *Pituitrina*. (palavra inaudível). Sugere ser um medicamento usado antigamente para se conseguir energia muscular (ou relaxamento muscular?).

²²¹ FRANCO, Alceu. Médico. op. cit..

²²² CORREIA de ALMEIDA, João. Memorialista e farmacêutico prático. Ituiutaba.

²²³ FRANCO, Alceu. Médico. op. cit.

[eles os farmacêuticos] e as benzedeiras. E tinha muitas. Até hoje tem! Tem muitas benzedeiras! Naquela época havia curandeiros, curandeiras, muitos deles ficaram famosos. Davam trabalho porque eu, como farmacêutico e funcionário da farmácia tinha que atender, vender, e esses curandeiros medicavam e receitavam com modos naturais. Mas eram bons observadores e curavam muito mais porque eram muito bons observadores. Teve por aqui o seu Gabriel. Também tinha outros. O Mariano. Tinha ainda lá na fazenda de São Vicente, o Sr. Abílio. Era famoso. Era analfabeto. Pé no chão, pé limpo. Gente fazia fila para poder consultar com ele. Quê mais que você quer saber?

Sobre parteiras, indagamos. Queremos saber sobre as parteiras. E ele insiste: *Os médicos chegavam, mas as benzedeiras tinha muitas. Até hoje tem, tem muitas.*²²⁴

Durante o depoimento do Sr. João Correia, percebemos que ele não se sentia muito dado a contar sobre histórias de parteiras, preferindo falar sobre os benzedores, sobre os médicos e donos de farmácia daquele tempo, o que entendemos como um receio talvez inculcado na sua *profissão de farmacêutico*, que nem sempre aceitava essas práticas femininas. De fato, constatamos mais uma vez, que além de pouco documentado, o mundo das mulheres também é pouco rememorado.

Os caminhos da história da mulher não se mostram de modo claro e definido. São percursos sinuosos, intrincados, ao longo dos quais o historiador precisa dispensar muito preconceito presente nas fontes, desconfiar de suas lacunas, duvidar de suas verdades.

[...] Em que lugar encontraríamos a mulher mineira? Começamos pela negação, que parece ter sido a característica central na vida dessas mulheres. Estiveram nas minas excluídas de qualquer exercício de função política nas câmaras municipais, na administração eclesiástica, proibidas de ocupar cargos da administração colonial que lhes garantissem reconhecimento social.²²⁵

Quando procuramos fontes sobre a presença feminina no corpo médico de Ituiutaba, naquele período de 1950, não encontramos nenhuma. Entretanto, neste período, a cidade já contava com três Casas de Saúde (São Joaquim, Nossa Senhora das Graças, Santa Cecília), além do Hospital São José e de um hospital psiquiátrico. Analisamos que, já próximo ao final do século, o número de médicas atuantes na medicina ainda era pequeno. Contudo, em fonte histórica, a médica, autora de *Mulheres e Médicas*,²²⁶ relata que foram elas, por meio de conhecimentos empíricos das plantas, as que deram esboço às primeiras

²²⁴ CORREIA de ALMEIDA, João. Memorialista e Farmacêutico prático. Ituiutaba.

²²⁵ FILGUREDO, Luciano. **Mulheres nas Minas Gerais**. apud MARY DEL PRIORE. 2006, p. 142.

²²⁶ DALL'AVA- SANTUCCI, Josette. **Mulheres e Médicas**- As pioneiras da medicina. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

terapêuticas.²²⁷ Em Ituiutaba, atualmente, há um grande número de mulheres, profissionais da área médica, atuando com liberdade e respeito entre os colegas do sexo masculino. Há mulheres praticando a medicina popular, há parteiras e benzedadeiras, cujas terapêuticas, além de orações e proteções buscadas em imagens de santos ou amuletos, são articuladas com as receitas de ervas naturais.

Segundo Henda Freire,²²⁸ todo uso de plantas em trabalhos de cura deve ser acompanhado por evocações e rezas apropriadas para aumentar a força do vegetal pois a magia do reino vegetal reside no conhecimento do espírito das plantas. Para que o exercício dos poderes das flores se realize plenamente, diz ela, é necessário que certas regras sejam observadas: hora da colheita, secagem de folhas e flores e, sobretudo, a combinação de suas essências.

Indica:

Um raminho de alecrim em cada cômodo da casa protege-a dos raios. As folhas queimadas sobre brasas atraem entidades benfazejas.

Madressilva: Ramos dessa trepadeira, quando pendurados nos currais, protegem o gado. Milfurado: Na noite de São João, dependura-se um galho na janela para afastar os maus espíritos e o olho-grande. Se colhido na sexta-feira, na hora de Júpiter, tem o poder de combater a melancolia.²²⁹

Dona Sebastiana II,²³⁰ que usa plantas e ramos para benzer, explica:

P'ra fazê chá e infusão tem que colhê as flores e as foias em dia seco, solarento e sem vento. Põe espaiadas numa peneira de palha e guarda em lugar seco e sombrio. Quando tiver tudo sequinho, pique tudo em pedacinho e fais o chá! Qué uma receita boa pra reumatismi? Oia aí: Um punhado de semente de girassol, torrada e picada. Ferve num litro d'gua. Tome três vês pru dia. Ais ocê qué sabê cumo que cumecei benzê, né? Aí cumo tô ti contano, dêis de criança eu já tinha esse dom. Recebi uma graça de cura e quando vi que tava curada, eu alembrei que prometi: Meu Deus! Desse dia in diente [...] cumeçô gente ir pra minha casa pra sê benzido. Tive fé! Fui benzendo, com água, brasa, e folha de malva. Fazia uns remedim. Juntava ome, muié, e aquela mininada!

²²⁷ Idem.

²²⁸ FREIRE, Henda da Rocha. **Segredo de Tias e Flores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

²²⁹ Idem., p. 46- 51.

²³⁰ D. Sebastiana II. 60 anos, viúva, mulata, iniciou suas benzeções na idade de *menina*. Se diz Católica. Tem uma capela ao lado de sua casa onde reúne com fiéis aos domingos. Suas orações são um misto de catolicismo com espiritismo. Reza amparada pelo Evangelho Espírita. Possui filhos adultos. No passado foi parteira, hoje sua profissão é benzedeira. Aceita presentes como gesto de cordialidade, tais como: carne, frutas etc.

A benzedeira e a parteira, receberam credibilidade em Ituiutaba, como também em vários outros lugares das regiões do Brasil. Sabemos, por meio de leituras variadas citadas ao longo deste estudo, de histórias de vida e ação em todo o mundo. Essas mulheres são honradas e respeitadas, o que nos mostra que o espírito científico é uma coisa, o ser humano é outra. A sabedoria feminina se manifesta por sua capacidade para proteger, curar, amparar e ministrar beberagens, com ervas de quintal, práticas registradas pelo mundo todo, tanto em sociedades primitivas como nas atuais, mostrando que essa habilidade, se treinada e praticada, será desenvolvida, protegida e perpetuada, e (re)surgirão outras benzedeiras, outras parteiras, certamente com novas adaptações nas suas práticas que, por sua vez, transmitirão sua sabedoria às mais jovens.

Avaliamos que, em algumas regiões do país, benzedeiras e parteiras não têm transmitido seus conhecimentos por falta de interesse das mais jovens em aprender o ofício. Em Ituiutaba isto não é muito diferente. De fato, são pouquíssimas jovens que se interessam pelo aprendizado, entretanto, é certo que ainda há seguidoras. Tivemos contato com dois casos de benzedeiras jovens iniciando o ofício, uma delas, de aproximadamente 35 anos, filha de uma senhora benzedeira mais velha, e a outra, mais jovem ainda, aproximadamente 20 anos, neta desta mesma senhora. Ambas estão sendo orientadas pela matriarca.²³¹

Dona Sebastiana I²³² explica seu ofício: *Eu sei benzê do jeito que minha mãe benzia e sei benzê também do jeito que as outras [benzedeiras] benzia também. Eu não benzo mais com brazinha porque eu não tenho. Eu benzo com raminho.*²³³

E faz sua bênção: - Quebranto ou mau olhado quem te botô. Quem te botaria? Quem há de tirá? É a Virgem Maria! Reza em seguida três Ave-Marias.

Verificamos que, realmente, a transmissão da prática e conhecimentos da arte de benzer é passada através de gerações, na grande maioria das vezes do feminino para o feminino.

Quanto à prática de partejamento, há novo caminho sendo trilhado – *as doulas*,²³⁴ que falaremos mais adiante. O estudo dirigido ao entendimento das práticas populares no

²³¹ Estas benzedeiras não residem em Ituiutaba, e sim em Uberlândia, justificativa da não análise sistemática dentro dos métodos de pesquisa pois fugiam da configuração do corte geográfico proposto para a pesquisa. Entretanto investigamos informalmente, e mantivemos contatos. Residem em Uberlândia, no bairro Martins. São: Avó – do lar, com idade aproximada de 60 anos; filha desta, solteira, fisioterapeuta, com idade próxima a 35 anos e a neta; jovem de 20 anos, estudante de fisioterapia. (filha de outra filha da benzedeira).

²³² D. Sebastiana I. 65 anos, branca, benze (ao ar livre), desde os 8 anos de idade. Católica convicta. Casada. Sua casa é uma pequena multidão de filhos, genros, netos, sobrinhos, vizinhos. As profissões que exerce são de lavadeira e passadeira. Não mostrou interesse em adquirir benefícios em troca de seu *dom de benzer*.

²³³ Dona Sebastiana I.

²³⁴ Doulas. Mulher que dá suporte físico e emocional a outras mulheres antes, durante e após o parto. São treinadas por enfermeiras e até por alguns médicos, dependendo da justificativa de necessidade social.

ofício de parteira, nos dias atuais na cidade de Ituiutaba e regiões rurais do município, mostram que as mulheres ainda fazem partos, embora com menos frequência, e que ainda orientam outras mulheres sobre doenças femininas – tudo com a segurança de seus conhecimentos empíricos .

Dr. Alceu Franco,²³⁵ referindo-se aos hábitos e costumes de Ituiutaba, declara que hoje não tem conhecimento de parteiras que estejam atuando, mas que nos anos de 1950, 1960, quando não *havia muito médico para atender, os médicos eram escassos na cidade, então a parteira, nas fazendas então, onde não tinha muito recurso, era a parteira mesmo que resolvia!*

Parteiras leigas, parteiras tradicionais, aparadoras – ofícios ainda hoje reconhecidos como naturais e imprescindíveis para a população de regiões afastadas dos grandes centros urbanos, continuam atuando como analisamos, em Ituiutaba e em algumas regiões do interior do Brasil. A atuação destas parteiras ainda é um dos caminhos utilizados pela população para solucionar suas necessidades de saúde, especialmente na assistência ao parto e aos primeiros dias de vida do recém-nascido. É verdade que em menor incidência, reafirmamos, mas ainda há procura por esse atendimento. Há pouca história documentada dessas mulheres que , sem acesso à educação , se emanciparam através de seus ofícios, de parteiras. Durante muito tempo seus feitos foram ocultados , não merecendo publicação, pois nem mesmo eram reconhecidos. Conforme analisa Viotti:²³⁶

Durante muito tempo, esses dois retratos – o da mulher dependente e o do poder patriarcal com seu inegável viés classista – ocultaram dos historiadores [...] a complexidade e variedade da experiência feminina.[...] Até a segunda metade do século XX, a história pouco valorizou as mulheres.
237

D. Luca²³⁸ conta que algumas pessoas ainda a buscam para aparar crianças, mas que, *agora, quando as pessoas vem aqui a gente indica pro médico. Eu invito até de dá o toque, porque senão ele [o médico], acha que a gente já mexeu. Que complicou! E fica brabo!*

²³⁵ FRANCO, Alceu Ribeiro. Médico. Ituiutaba.

²³⁶ VIOTTI, Emília da Costa. **Da Monarquia à República**, 8ª. ed. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2007.

²³⁷ VIOTTI, Emília, p. 496- 497.

²³⁸ D. Luca. Wailde Domingues da Silva. 79 anos, negra, parteira. Depoimento Oral colhido em 15/06/2006. Ituiutaba. Foi parteira durante 40anos, abandonando essa prática (segundo ela), há pouco mais de 5 anos. Hoje é doceira. Obs.: Dona Luca morreu em Agosto de 2006 durante a construção

Ao se referir, *agora, quando as pessoas vem aqui eu invito até de dar o toque*, Dona Luca confessa que ainda há procura por atendimento do seu ofício, e o *evitar* não indica uma ação não praticada e sim, às vezes, esquivada. D. Luca, quando declara que, *agora, eu invito até de dar o toque, senão ele[o médico], acha que a gente já mexeu, que complicou*, denuncia que *agora* os médicos não aceitam suas interferências. E ainda, quando lhe pedimos para tirar uma foto, ela imediatamente entra no quarto e volta com um par de luvas (descartáveis) nas mãos. Ela tinha o material guardado em sua casa, portanto, é provável que ainda o utilizasse.

*Essa é a parte da higiene*²³⁹, confessa, mostrando as mãos protegida.

²³⁹ Dona Luca. Op. cit



Wailde Domingues da Silva. 79 anos, negra, parteira.

Dona Luca com suas luvas descartáveis. Sua casa é simples e ela, na sua simplicidade, se mostra ativa e segura. Nota-se seu pequeno altar, além da presença de quadros com símbolos do catolicismo.

Foto de Fernando Borges Marquez de Andrade – Ituiutaba, jun. de 2006.

A quase a totalidade das parteiras são senhoras já de meia idade, pobres, simples, com nenhuma ou pouca escolaridade, que vivem com poucos recursos e residem em moradas simples. Demonstram orgulho de nada cobrarem pelos serviços prestados: *Aceito se a grávida ou a famia dela tiver recurso!*. Seria uma contribuição em mantimentos, roupas (usadas quase sempre), cobertores e panos.

Dona Luca²⁴⁰ relata que sempre aceitou lençóis, cobertores, panos porque era necessário para o próprio ofício: *A gente sofria com a falta de higiene. As casas eram sujas, sem lençol. Tudo sujo. Aí eu levava lençol meu. Tudo limpin.*

Nota que esta senhora, usa os verbos no presente: *Aceito se a grávida ou famia dela tiver recurso!*, e também no passado: *as casas eram sujas, eu levava lençol meu.* Quando diz que no presente ela *aceita recursos se a famia tiver*, evidencia, mais uma vez, que ainda pratica o ofício, e quando se refere a casas sujas, falta de panos limpos, mostra que os partos era , de fato, feitos na casa da parturiente, num ambiente precário, denotando que o povo desconhecia alguns hábitos de higiene. Em ambas situações, D. Luca nunca se contradiz no que diz respeito ao seu ofício de parteira: *eu já tenho filhos do parto qui são avós*, mas acrescenta que nos tempos passados tudo era mais sombrio:

A cidade era piquinininha, tempo de alma penada, assombração, ainda luz de lampião. Tava cumeçano ter rede de esgoto – tudo era muito difícil, o povo era mais pobre em tudo, mais a gente mais rica já usava paletó, chapéu e gravata.

Esse lugar que Dona Luca rememora: *tava cumeçano ter esgoto [...] gente rica já usava paletó chapéu e gravata*, era Ituiutaba, quando iniciava seu ciclo desenvolvimentista, recebendo energia elétrica da Usina Salto de Moraes. O fluxo de pessoas chegando naquele momento era ininterrupto: do garimpo para a pecuária de bovinos e suínos e desta para lavoura, muitas matas e invernadas foram transformando a paisagem. A notícia sobre a terra fértil espalhou-se e homens de outras regiões, principalmente do Norte, chegavam, trazendo parentes e famílias inteiras. A vida no campo tinha sua monotonia, mas, segundo Oliveira Silva,²⁴¹ mesmo naquele tempo:

²⁴⁰ Dona Luca..

²⁴¹ SILVA, Dalva Maria Oliveira. Memória: **Lembrança e Esquecimento**. Trabalhadores Nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60. Dissertação de Mestrado. PUC. 1997.

A monotonia era carregada de movimento, devido à presença de muita gente e de um ritmo acelerado de trabalho que obedecia rigorosamente ao tempo marcado pela natureza – o tempo de preparar a terra, o tempo de plantar, o tempo de colher, marcado pela ansiedade da espera da safra. [...] Aos poucos, muitos foram deixando as fazendas em busca da cidade e do estudo para os filhos.²⁴²

Assim, o campo, antes repleto de trabalhadores, inverte a demografia. O censo de 1950 registra as mudanças de um período de intenso êxodo rural, ou seja, as famílias estavam se dirigindo para a cidade.

ITUIUTABA – POPULAÇÃO														
1950			1960			1970			1980			2000		
rural	urban	total	rural	urban	total	rural	urban	total	rural	urban	total	rural	urban	total
-	-	52.47	39.48	31.51	71.00	17.54	47.11	64.65	9.26	66.65	75.81	5.23	83.58	88.823

Gráfico do Censo Demográfico de Ituiutaba. Anos de 1950 a 2000.²⁴³

Duarte²⁴⁴ complementa nossa observação expondo que o processo de substituição da agricultura de subsistência pela agricultura comercial, em Ituiutaba, inicia-se em 1940, completando seu circuito em 1960, quando há um grande fluxo migratório de trabalhadores vindo das regiões vizinhas, ocasionando grandes e variadas transformações na cidade. A exaltação da riqueza da terra e do povo ordeiro e progressista gera euforia e muito otimismo e a região de Ituiutaba é vista como a terra das oportunidades – onde haveria trabalho para todos. Duarte²⁴⁵ salienta ainda que, durante a década de 1970, estando a cidade já estruturada, iniciou-se na zona rural a mecanização agrícola e a subsequente substituição da agricultura pela pecuária de corte, surgindo novas possibilidades de empreendimento urbano:

²⁴² SILVA, Dalva Oliveira. 1997. p. 101.

²⁴³ BORGES, Marlene de Fátima. **Restos de Manhã**. Análise do Brincar nas décadas de 50 e 70, na região do Pontal do Triângulo Mineiro. Dissertação de Mestrado. UFU. Uberlândia. 2001.p.26. Gráfico: Fac símile.

²⁴⁴ DUARTE, Márcia Querobina Santos. **Raízes Rurais na Vivência Urbana: persistências, desistências, recriações**. Ituiutaba – 1970-1985. Dissertação de Mestrado UFU – 2001. Para saber mais sobre Ituiutaba veja ainda: SILVA, Dalva Maria Oliveira da. **Memória Lembrança e Esquecimento**. Dissertação de Mestrado. PUC. 1997.; BORGES, Marlene de Fátima Freitas. **Restos de Manhã**. Análise do Brincar nas décadas de 50 e 70, na região do Pontal do Triângulo Mineiro. Dissertação de Mestrado. UFU. Uberlândia. M.G. 2001.

²⁴⁵ DUARTE, 2001.

Razão da notável adaptação de alguns seguimentos sociais ao modelo econômico, o que levou o trabalhador evadido do campo migrar-se para outras regiões [...] ou permanecer no Município e constituir-se na cidade. Esses migrantes que aqui permaneceram, ocuparam as áreas da periferia da cidade desenvolvendo estratégias de manutenção da sua vida material, de seus valores e sentimentos – de sua cultura, enfim. 246

Sobre as ponderações de Duarte para as estratégias desenvolvidas pelo povo em busca pelo seus valores e sentimentos – *de sua cultura, enfim*, o estudo sobre a história cultural convida para que se trilhe um caminho de análises sobre o cotidiano - sobre os modos de vida das pessoas ou grupos – para entendermos suas necessidades, suas crenças, seus anseios, Como Machado,²⁴⁷ apreendemos que, de fato, são as maneiras de falar, os trabalhos artesanais, os modos de vida e de recordar situações experimentadas, que possibilitarão a chegada até a história vivida no mundo rural. Entendemos que há elementos culturais característicos de outros modo de vida que são assimilados ou transmitidos, adquiridos ou mantidos, numa forma que gera o circular de hábitos, pensamentos, crenças, o que Ginzburg²⁴⁸ denomina de circularidade cultural. Sobre isso, Duarte enfatiza: *Ituiutaba, que sempre teve características rurais, recebeu uma impregnação de costumes, adquirindo características culturais mescladas de elementos urbanos e rurais.*²⁴⁹

Ituiutaba, na atualidade, não é mais eflorescente. Cidade pouco buliçosa, envelheceu um pouco. No aspecto médico hospitalar foi, até o início do século XXI, cidade com muito maior número de Hospitais e Casas de Saúde. É bem verdade que o modelo atual nesta área é de prevenção, o que, de certa forma, justifica a eliminação das ofertas de leitos hospitalares. Médicos e médicas de grande prestígio permanecem na cidade, mas muitos migraram para outros centros.

Ituiutaba.

Caminhas e mudas, é da ordem natural dos seres e coisas. Nas palavras do sábio espírito Emmanuel, ‘tudo está sujeito a mudança, só o que não muda é a lei de mudança’. Enquanto adicionaste erros e acertos, somaste experiência e maturidade.²⁵⁰

²⁴⁶ Idem., p. 9-11.

²⁴⁷ MACHADO, Maria Clara Tomaz, 1998.

²⁴⁸ GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes** O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

²⁴⁹ DUARTE, Márcia Querobina Santos. 2001, p. 9.

²⁵⁰ LEITE, Alciene Ribeiro. **2001 – Centenário de Ituiutaba**, 2001, p. 51.

Arte Figurativa

Nome da Obra: *Visitação. (Detalhe)*

Autor: Mariotto Albertinelli

Exposta na Galeria degli Uffizi

A criação artística foi aqui utilizada numa leitura em que foi observado o **Olhar cúmplice e protetor entre duas mulheres.**

Obra do século XVII, momento artístico caracterizado pela estética conhecida como '*Maneirista*', em que o artista buscava seu jeito particular de criar, observando captar o subjetivo, observando e documentando as emoções.

CAPÍTULO III

Benzedeiras. Parteiras.

Curar, às vezes. Ajudar, com frequência. Consolar, sempre.

As rezadeiras usam
Águas da chuva e do rio
Curam as dores do corpo
Cisco no olho, espinhela caída

As benzedadeiras vão
Com fé na oração
Curando nossas feridas
Como Obaluaê

As rezadeiras quebram
Quebranto, mal olhado
Males que vêm dos ares
Nervos torcidos, ventre virados

As benzedadeiras são
As estrelas das manhãs
As nossas anciãs
Nanãs boruguêis

Afastam a inveja
E o mal olhado
Com suas forças
Com suas crenças
Com suas mentes sãs

As rezadeiras são
As nossas guardiãs
Por dias, noites, manhãs
Nanãs

Esta canção é uma oração
Para as benzedadeiras
Do coração mando este som
Para as rezadeiras

As rezadeiras são
As nossas guardiãs
Por dias, noites, manhãs...²⁵¹

²⁵¹ Letra de Martinho da Vila. Disponível em: <www.lettras.mus.br>. Acesso em: jan. 2006.

Ainda no século XXI, como podemos ver, é cantada música de exaltação e agradecimento às benzedeiras e parteiras, conforme letra anterior. Elas são cantadas em versos que expressam as ações vivenciadas cotidianamente por muitos de nós.

Na história da humanidade, a relação da mulher com o ato de cuidar, curar e oferecer proteção foi forte e exteriorizada, registrada nas pinturas rupestres de rochas e cavernas, em cerâmicas, papiros, ossos, dentre outros artefatos que sobreviveram ao tempo em termos de resquícios de antigas culturas. Sabemos que em muitas civilizações da antiguidade, curiosamente, a imagem da mulher esteve associada às mesmas crenças, aos mesmos ritos, aos mesmos símbolos, inspirando sentimentos de amor, proteção e cura, além de despertar na alma humana emoções destrutivas, como a inveja e o medo. Considerações que contrariam ou negam estes preceitos necessitam ater-se aos cultos praticados à Grande-Mãe (Terra, Lua – símbolos do feminino), que estendeu-se por vários séculos, mantendo-se presente em vários cultos e em várias vertentes religiosas.

A partir das análises destas fontes, é possível reconstruirmos parte de uma história, cruzando acontecimentos passados e presentes. Desse modo, perpassando por diversos períodos, chegamos à contemporaneidade, na qual examinamos signos e mitos referentes à conceituação da mulher na sua arte e ofício de cura no paradigma atual: é quando podemos ver, ouvir e sentir essas mulheres, que hoje são conhecidas como benzedeiras e parteiras.

O sentido de ser parteira, de ser aparadeira, para a maioria dessas mulheres, tem uma conotação de missão, de um *dom que se recebeu de graça e deve de sê devorvido de graça*, como fala Dona Sebastiana.²⁵²

Dona Sebastiana II insiste e reafirma: *Deus disse: ajuda o que tá em vorta de tí que eu te ajudarei, né?*

E continua explicando que iniciou no ofício ainda tão menina que não lhe era permitido entrar no quarto onde estava a mulher parindo:

Lá onde eu morava, as mulher morria muito de parto, lá na beira do Paranaíba... então tava passando mal pra ganhar neném, me levava lá [...], dava uma vasilhinha pra mim, eu fazia o remédio... As outra vinha, pegava na porta o paninho com o remédio meu e ia lá e passava na barriga dela. [...] Ai tudo começou. Daí por diante eu passei por assistente (parteira) também, sabe? Eu agora rezo, faço xarope pra curá bronquite... parei de fazê parto. Tenho a capelinha... todo mundo vem: domingo, 5 horas, começa chegá gente...²⁵³

²⁵² Dona Sebastiana I.

²⁵³ Sebastiana II.

Ouvimos Dona Marzira²⁵⁴ que fala da fé em si mesma como benzedeira e da fé que os que a procuram têm na sua reza. Assim, parece haver um condicionamento na crença que o paciente tem com as rezas, as quais somente têm efeito se o doente nelas acreditar. Ela diz: *Nóis é assim, oh: - Nóis pédi a Deus prá todo mundo... O que vale é a fé, né? Quem vem, também tem que ter fé... tem que vim com o coração limpo.*²⁵⁵

Ainda, Dona Sebastiana I, que não conhece Dona Marzira, confessa (em depoimento oral), dias depois: *É a fé da gente! É a fé das pessoas que procura a gente ...então ajunta as duas fé... aí faz efeito!*²⁵⁶

São muitos os que se declaram curados com as rezas de benzedeiras. Entretanto, é muito difícil avaliar a eficácia das rezas, pois é bastante comum o uso de tratamentos simultâneos – remédios alopáticos com naturais. E mais, não é nossa intenção provar ou não curas por meio do uso da alopatia ou das práticas populares embasadas em ervas e benzeduras, e sim entender o feminino, nas práticas de amparo e busca de curas, vivenciadas num determinado contexto social.

Deste modo, deve-se entender a mulher não só como um ser criativo, criador de sua história, é preciso percebê-la como alguém que pode se transformar, modificando também o espaço ao seu redor. A subjetividade, a sensibilidade exercitadas dão a ela o potencial de poder dentro do grupo em que se expressa, e isso é feito no exercício da relação com o outro e também na relação com o mundo externo.²⁵⁷

Todos os pensamentos, comportamentos, sentimentos, assim como a religiosidade, crença, fé, individual ou coletiva, praticadas cotidianamente por um povo ou um indivíduo, constituem comportamento social. São linguagens comuns das quais os indivíduos compartilham uns com os outros.

O comportamento social da mulher pode ser compreendido também através da tão discutida expressão – *sensibilidade feminina* – na qual Beauvoir expõe: *A famosa*

²⁵⁴ Dona Mazira. Benzedeira.

²⁵⁵ Idem.

²⁵⁶ Dona Sebastiana I. Benzedeira.

²⁵⁷ Conforme análises na obra de ENRIQUEZ, Eugène. In: **Mulher e Subjetividade**. (Org): Elvira Barreto Cardoso. Maceió. 1997. Indivíduo e Sujeito não são sinônimos. Sujeito humano seria aquele que tenta crescer no mundo e para o mundo, para então poder transformá-lo. Sujeito é um ser histórico. Indivíduo seria o homem conformado, sem autonomia, massificado. Sujeito seria então o oposto de indivíduo.

*sensibilidade feminina participa um pouco do mito, um pouco da comédia; mas o fato é , também, que a mulher se mostra mais atenta do que o homem a si mesma e ao mundo.*²⁵⁸ Na perspectiva de Beauvoir, em que *a mulher se mostra mais atenta*, pode estar contido o exercício da subjetividade feminina latente. Desta maneira, e como já expusemos, o indivíduo, representado aqui pela benzedeira e parteira, mesmo se expressando na sua individualidade – seu comportamento particular –, participa e ocupa lugar na trama da rede social, o que evidencia que de fato a sociedade produz o semelhante e o típico, mas acomoda também na sua tessitura, o individual.²⁵⁹ Exemplo disso está colocado na vida doméstica feminina, onde cuidam da casa, das roupas, das crianças, dos doentes da família mas procuram seu espaço próprio ali mesmo, dentro de suas casas, exercendo um ofício escolhido e realizador, inserindo aí os ofícios de partejar e benzer.

Assim, parteiras e benzedeiras foram capazes de transcender os limites domésticos tecendo um fio no interior dessa mesma estrutura social. Do privado à observação, ao conhecimento, à força, à fé. A mulher, a partir de seus comportamentos individuais vivenciados no cotidiano doméstico e agregados às suas intenções subjetivas, pôde apreender deste cotidiano (teve tempo de observar), conhecimentos que lhe penetraram agucidade. Por outro lado, a condição social desta benzedeira e parteira, sempre esteve estabelecida nas periferias, mesmo nos períodos que foram *insubstituíveis*, tempos em que suas práticas eram as únicas esperanças de saúde melhor. Como bem expressa Perrot²⁶⁰ *A história das mulheres, é uma história diferente*: foi construída por desejos de outros, com intenções de outros, principalmente foi entendida com a visão do outro. Mesmo quando foi arrimo, isto era disfarçado, velado sutilmente:

A História das mulheres tem sua cronologia nem sempre fácil de estabelecer. Na verdade, é um ponto que causa embaraços. [...] Revolução Francesa, Primeira Guerra Mundial. [...] Conduzem arados, automóveis e bondes [...] sempre na retaguarda [...] apenas dão suporte [...] continuam mulheres do povo. Guardiãs da casa e da comida, são elas as eternas responsáveis por essa parte. Cabe a elas cuidar dos mantimentos, do preço dos grãos ou do pão [...]. São nutrizes que protegem seus filhos e o povo, que também é seu filho.²⁶¹

²⁵⁸ BEAUVOIR, Simone. 1980, p. 390.

²⁵⁹ Cf., ELIAS, Norbert. 1994, p. 56.

²⁶⁰ PERROT, Michelle 2007.

²⁶¹ Idem. p. 141-154.

O lugar social das benzedadeiras e parteiras, é com os outros indivíduos - são portanto partícipes de uma construção social, de uma tessitura social. Mulheres que se construíram com suas particularidades, levando como ingredientes seus comportamento adquirido na vida privada. Foi o cotidiano vivenciado dentro do seu mundo de mulher, que as ensinou a observar, calcular, concluir, medir: tempo, espaço, palavras... aplicados no seus ofícios.

Quotidianamente, a cozinha ensina-lhe paciência e passividade; é uma alquimia; cabe-lhe obedecer ao fogo, à água; ‘esperar que o açúcar derreta’, que a pasta fermente e também que a roupa seque, que as frutas amadureçam. Os trabalhos caseiros aparentam-se a uma atividade técnica; mas são por demais rudimentares, por demais monótonos para convencer a mulher das leis da causalidade mecânica. Aliás, mesmo nesse terreno, as coisas têm seus caprichos; há tecidos que encolhem e outros que não encolhem ao serem lavados, manchas que desaparecem e outras que não, objetos que se quebram sozinhos, poeiras que germinam como plantas. A mentalidade da mulher perpetua a das civilizações agrícolas que adoram as virtudes mágicas da terra: ela acredita na magia. [...] nas videntes, nos curandeiros; introduz na religião as superstições primitivas [...] encarna nos santos os antigos espíritos da natureza: este protege os viajantes outro as parturientes...e naturalmente nenhum prodígio a espanta; sua atitude será a da conjuração e da prece; para obter determinado resultado obedecerá a certos ritos comprovados.²⁶²

Para o estudo do exercício da subjetividade ou sensibilidade feminina representadas nas parteiras e benzedadeiras, analisamos os modelos de vida praticados nos seus cotidianos, buscando os sentidos das suas ações como sujeitos sociais, quando propõem afastar males e dores. Avaliando outros seguimentos e comportamentos sociais, indagamos, a partir de análises na oralidade, o ponto de vista daqueles que praticam a arte de curar seguindo uma formação acadêmica baseada na ciência. No campo científico não procuramos análises em suas leis e princípios, pois não é objeto de nossa pesquisa estudar preceitos e procedimentos das ciências médicas, mas são pertinentes as reflexões nesta área para que se possa contextualizar os modos de vida, as vivências tecidas no social.

²⁶² BEAUVOIR, Simone. 1980. p. 364 - 365.

Constatamos em fontes históricas e literárias²⁶³ que desde os tempos de Hipócrates a arte de curar não era exercida somente por acadêmicos, que eram poucos, como o foram no Brasil em vários períodos, e ainda são (além de estarem distribuídos geograficamente de forma desigual). A *medicina popular*²⁶⁴ exerceu e continua exercendo sua função associada à fé e à magia. Povos de diferentes culturas, em diferentes épocas estiveram sempre reinventando e (re)apropriando conhecimentos medicinais, anteriormente experimentados. Neste contexto, as mulheres estiveram amparando, curando e consolando. A sua força, advinda de sua fé em proteger associada às práticas cotidianamente exercitadas, dá-lhes o *direito* de cuidar e amparar. Em todos os tempos, a mulher foi parteira e zeladora dos doentes. Houve períodos em que o conhecimento das parteiras foi o único amparo que as grávidas tiveram para parir e receber cuidados após os primeiros dias do puerpério.

Elas perceberam que fazer vir à vida não era somente cortar o cordão e retirar a placenta. O partejar vai muito além de cortar cordão umbilical, retirar a placenta lavar o sangue, *despejar os vasos de águas com sangue*. É preciso, como explica Carrara,²⁶⁵ *continuar trocando as águas nos próximos dias, banhar e vestir mãe e filho, ministrar chás, fazer pomadas para ulcerações da mãe, untar a óleo e polvilhar ervas na cabeça e pele do bebê*. São técnicas antigas guardadas e profundamente internalizadas nos costumes populares. Ofícios desenvolvidos através das práticas e observações empíricas transmitidas de geração para geração:

O parto era exclusivamente realizado pela aparadeira, que se recolhia com a parturiente dentro do quarto, durante, aproximadamente 30 dias, para, somente então, permitir a entrada do pai e dos familiares. [...] A aparadeira fazia tudo o que era necessário para o parto. Dava banhos, comida e remédios para a parturiente e, quando a criança nascia, ela mesma untava-a com óleo-bento adquirido na igreja. [...] Costumavam também medir o umbigo antes de cortá-lo e desinfetá-lo, para evitar o *mal-de-sete-dias* (o tétano). Procuram não despertar a criança violentamente para a vida. Acordam a criança delicadamente, com pequenas palmas [...] para evitar um susto na criança [...]. Quando as contrações são fracas costumavam dar banho de sabão virgem (sabonete não usado) para acelerá-las, ou, então,

²⁶³ DEL PRIORI, Mary. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**; BASSANEZI, Carla. Coordenadora de textos. 8º ed. São Paulo: Contexto, 2006; Sidney Chalhoub (Org.) **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas: UNICAMP. 2003. et al ; DALL'AVA- SANTUCCI. **Mulheres e Médicas**. As pioneiras da Medicina. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005; WEBER, Beatriz Teixeira. **As Artes de Curar**. Medicina Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928. EDUSC. Ed. da Universidade Sagrado Coração, 1999.

²⁶⁴ *Medicina Popular ou 'do povo'*, é ou são as práticas populares de curas, baseadas nos costumes do povo, ou seja, a saúde é buscada basicamente através de orações, fé, e remédios fabricadas com ingredientes da natureza.

²⁶⁵ CARRARA, Douglas. **Possangaba**. O Pensamento Médico Popular. Rio de Janeiro: Ribro Soft, 1995.

que friccionam o ventre da paciente com óleo de mamona, quase sempre preparado caseiramente, assim como para ministrá-lo sob a forma de purgante, antes do parto. ²⁶⁶

Vivências percebidas através de conversas informais ²⁶⁷ com senhoras, ²⁶⁸ deu-nos a certeza de que a parteira era, de fato, uma *companhia de muita necessidade* e não somente a que complementava ou auxiliava, mas a que oferecia proteção. É verdade que as experiências são relatadas com muitas variantes, mas é perceptível a aura de tranquilidade expressas pelas senhoras assistidas por parteiras tradicionais. Todas se reconheceram amparadas e satisfeitas na ora dos seus partos.

Dona Maria Aparecida, teve três filhos nascidos com parteiras treinadas, conta que todos :

Nasceram lá no Norte! Virgem! Lá tem é muita parteira! Tem hospital também, mas as mulheres ainda procuram as parteiras que agora são treinadas, às vezes como enfermeiras. Mas era assim, tudo se resolvia com as outras mulheres mesmo porque elas conhecem a gente que é igual... ²⁶⁹

Dona Sebastiana II ²⁷⁰ relata que:

Lá onde eu morava, se outra mulher não acudia, tinha que se virá sozinha... murria muita mulher do parto...
Eu sei! Fui parteira! Quem me ensinou? Foi Deus!
Cumecei comigo; com meu menino mais velho. Quando chegou o tempo de ganhá ele, era véspera de São João, dia 25, eu tinha 15... 16 anos...
Tive ele na maior facilidade, sentadinha assim...
Foi assim que cumecei... hoje ele é vovô, meu fio.
Depois eu passei a assistente das outras... aprendi comigo... e fui ajudá outras que não tinha cum quê...

²⁶⁶ Idem., p. 120-121.

²⁶⁷ Por conversas informais, entendemos ser conversas aprendidas na informalidade - em diálogos livres ocorridos num ônibus, na costureira, por exemplo. Este relatos normalmente não são gravados, pois são colhidos sem preparo prévio. Acontecem simplesmente.

²⁶⁸ MENEZES, Maria Aparecida de . Nascida no Norte, casada três filhos; avó, moradora em Ituiutaba. av. 17.A. ; ARAUJO, Maria Aparecida Medeiros. Natural de Florânea. R.G.Norte.(mora em Ituiutaba há 21 anos, sobrinha de Menezes). (referindo-se à suas amigas e parentes do Norte). Dona Luca.(parteira), Dona Sebastiana II.(benzedeira).

²⁶⁹ MENEZES, Maria Aparecida.op. cit.

²⁷⁰ Sebastiana II. Benzedeira.

Dona Jeza,²⁷¹ diz:

Eu sou benzedeira. Na minha família teve outras que benzia. Benzia de cobra... dor de cabeça ... mas minha avó, mãe do meu pai...ela era parteira, né?

Começou ser parteira com 18 anos de idade...ela pegou 12 crianças... naquela época criava muito...num tinha ninguém pra cortá o imbigo. Ela começou com ela. Ela foi parteira até morrer. Ela fazia tudim... Morreu dia 07 de Outubro de 1970, morreu mais ou menos da minha idade...²⁷² Ela fazia óleo pra passa nas partes da mulher que tinha acabado de ter criança, que era uma bênção...só vendo!

Fazia cataplasma da flor e folhas de Amor-perfeito, socada e fervida com leite para tirar a caspa da cabeça de bebê.

Observamos o quanto, de fato, foi lento o processo de inclusão da obstetrícia no campo acadêmico. Veja Dona Jeza quando fala de sua avó: *Começou ser parteira com 18 anos de idade... ela pegou 12 crianças... naquela época criava muito...num tinha ninguém pra cortá o imbigo. Ela começou com ela mesmo.* Ou ainda a narração de Dona Sebastiana: *Lá onde eu morava, se outra mulher não acudia... tinha que se virá sozinha. Murria muita mulher do parto! Eu sei! Fui parteira! Quem me ensinou? Foi Deus!*

Percebemos por esse relato que não havia de fato outras pessoas, muito menos médicos(as), senão as próprias mulheres, para se ajudarem na hora do parto. As mulheres se solidarizam de uma forma eficiente e grata. Não necessitavam súplicas nem pagamento. Primeiro elas se socorriam. Entretanto, sabemos que o ensino médico acadêmico existia, o que não existiam era médicos(as) para mulheres, e como podemos verificar, mulheres na medicina, somente heroínas:

No século XII as universidades médicas já estavam abertas em vários países da Europa, mas não havia inclusão da mulher, e parece que ficaria assim durante aproximadamente mais sete séculos, visto que a história não as cita. Mas havia sim mulheres cobrindo o que seria uma lacuna na história da medicina. Elas não se conformaram com as dificuldades e em vez de renunciar, lutaram... mesmo que precisem vestir-se como homem para amputar os feridos nos campos de batalha, assinar com um nome falso as teses que apresentam nas academias de medicina... elas continuavam a trazer alívio para os males do povo...As parteiras de Paris – mais do simples

²⁷¹ JESUS, Maria Jeza de . Benzedeira, 68 anos. Mulata, iniciou suas benzeções quando *mocinha*. Viúva. Cuida, em sua casa de parentes doentes e esta senhora dá assistência aos filhos casados, noras e netos. Sua profissão é do lar. Não mostrou interesse em aceitar *agrados*.

²⁷² Idem.

aparadeiras, contribuíram para fazer a primeira escola de obstetrícia do mundo[...]²⁷³

A parteira do século XIX, como exemplo, a popular francesa Madame Durocher – Maria Josefina Matilde Durocher²⁷⁴ que além de parteira da casa imperial, foi abnegada no seu ofício com a população pobre no Rio de Janeiro nos idos de 1834, faz parte dessa história. Um período em que a atuação das parteiras era considerado, segundo Maria Lúcia Mott²⁷⁵ e Sérgio Buarque de Hollanda,²⁷⁶ como início de uma nova época na assistência ao parto no Brasil.

Os partos eram realizados quase que exclusivamente no domicílio da parturiente, que eram sempre assistidas por outra mulher. Evidentemente, a rigidez dos costumes no passado era muito acentuada, impondo maior, respeito e admiração pelo trabalho incessante dessas mulheres - reconhecidas como segunda mãe uma dos bebês aparados por elas – *Filhos de Parto*. Como mencionado anteriormente, as parteiras, além de utilizarem um procedimento característico, dedicam-se com amor, afeto e delicadeza à parturiente, inclusive prolongando sua dedicação dias após o parto: banhos em mãe e filho, cura do coto umbilical, caldos, sopas, chás e ungüentos.

A *sensibilidade feminina*, ou sua subjetividade desenvolvida, exercitada com aguçada sensibilidade, o treinamento para ajudar, está interiorizado na figura da parteira. Segundo estudos na antropologia²⁷⁷, com bases na biologia, investigações recentes do comportamento humano levaram à conclusão de que a biologia *força*, o comportamento dos sexos. Evidente que não os determina, mas pode *facilitar* os comportamentos.²⁷⁸ Isto talvez explique o desejo de ajudar e amparar mais aguçado presente no universo feminino e transmitido no trabalho dessas mulheres. Denotam (parteiras e benzedadeiras), uma doação incondicional, não impondo como fim um sistema mercantil no seu ofício. Seu trabalho parece ser, antes de mais nada, um dever a ser cumprido, numa arte recriada cotidianamente.

²⁷³ DALL'AVA-SANTUCCI. 2005, p. 16.

²⁷⁴ DUROCHER. Parteira respeitada que para diferenciar-se das outras mulheres, impor competência profissional e inspirar confiança nas suas parturientes evidenciava seu aspecto viril usando trajes e acessórios masculinos. Durocher, é representante da grande contribuição das mulheres na construção do conhecimento científico no Brasil quando após abandonar sua arte como modista, decide à profissão de parteira obtida através de formação no Curso de Partos oferecido pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

²⁷⁵ MOTT, Maria Lúcia. 2005.

²⁷⁶ HOLLANDA, Sérgio Buarque de. 1985.

²⁷⁷ ROSALDO e LAMPHARE, 1979.

²⁷⁸ Estudos na obra **A Mulher a Cultura e Sociedade**, 1979, das autoras ROSALDO e LAMPHARE, enfatizam que dependendo do meio no qual a população é observada será encontrada diferenças nas expressões do domínio das relações. Em outras palavras, o determinante biológico, não é condutor de comportamentos, mas homens e mulheres possuem a impressionante capacidade de adotar novas formas de relações sociais *em novos mundos sociais ou físicos*.

São hábeis, corajosas, doadoras e solidárias, mas parcimoniosas quando convém ao bem de todos.

Carrara²⁷⁹, em sua obra intitulada *Possangaba*, confirma nossas observações, afirmando que de fato as parteiras sabem, *e com maestria*, conduzir os caminhos para o nascimento de uma criança. Sabem, reforça ele, avaliar a adequada dilatação do colo do útero com o toque manual, como também percebem a inadequada conformação da bacia ou a precariedade de seus recursos técnicos quando esses podem levar a uma situação de risco para mãe e filho, quando elas sugerem então encaminhar para o *doutor* a parturiente. Todavia, quando recorrer ao hospital é impossível, as parteiras tentam elas mesmas favorecer o nascimento da criança.

Dona Luca²⁸⁰ fala de sua experiência como parteira:

Quando o neném nascia com gosma... ficava aflito... a garganta cheia... a gente enfia o garrote e chupa - quase até a boca... tira antes - até o garrote²⁸¹ encher...Tira travêis. Sopra o garrote até limpar o que tá dentro e punha de novo, até o neném aliviar e respirar.

Notamos que Dona Luca utilizou o garrote como cânula, como sugador improvisado para aspirar o muco contido na boca e garganta do recém-nascido. Esta atitude nos mostra que esta parteira, realmente sabe lançar mão de técnicas próprias, como procedimentos de primeiros socorros, ainda que denote também a precariedade dos instrumentos utilizados. Neste sentido, Carrara²⁸² corrobora com nossas afirmações:

O que se observa na prática das parteiras populares é que elas possuem determinadas técnicas para assistir suas pacientes. Sabem classificar os vários tipos de apresentações da criança (pela cabeça, de popa, com a mãozinha, atravessada, sentada). Costumam também medir o umbigo antes de cortá-lo e desinfetá-lo, para evitar o mal-de- sete- dias.²⁸³

Dona Luca²⁸⁴ continua demonstrando a certeza de sua prática: *A placenta pode esperar até 5 minutos... aí vem outra coliquinha... a gente vai massageando, vai passando a*

²⁷⁹ CARRARA, Douglas.1995.

²⁸⁰ D.Luca. Parteira.

²⁸¹ Garrote: O chamado *garrote* é na verdade uma borracha tipo cânula. De borracha elástica, utilizada também para *garrotear* veias com intuito de ao prender o sangue nesta, inchá-la tornando-a visível, facilitando assim ali injetar medicação.

²⁸² CARRARA Douglas.1995.

²⁸³ Idem., p. 121-122. Observação: O *mal-de-sete-dias* é nome popular para o *tétano*, doença que provoca a rigidez convulsiva e dolorosa dos músculos. Produzida pelo bacilo *Clostridium tetani*.

²⁸⁴ D. Luca. Op.cit.

mão... e a placenta vem saindo – vem com uma capa, branca... que nem buxo... Tem que sair, senão dá hemorragia.

Verificamos sua experiência, nos relatos e acreditamos que, de fato, em momentos de sofrimento da parturiente, ao perceber um grande perigo para a mãe e filho, esta senhora encaminhava o parto para o médico: *Quando acreditava não ser possível fazer o parto sozinha.... isto acontece por exemplo, quando tá perdendo mecônio... já tá passando da hora... Aí eu curria. Saía, e pedia recurso pru médico.*

Atualmente, as parteiras populares, pelo menos nas grandes regiões urbanas, estão deixando de se dedicar à essa atividade, entretanto, nas áreas rurais é ainda muito praticada, mesmo com recursos de materiais precários. Percebe-se que essas senhoras acumularam determinadas técnicas, quase sempre embasadas de modo empírico, em vários anos de prática, no grande senso de observação, dedicação e amor ao seu ofício.

Com as modificações sócio-econômicas advindas do processo de industrialização capitalista, o Estado passou a ter maior controle sobre a saúde pública, estabelecendo normas, impondo diretrizes que nem sempre conseguem assegurar maiores benefícios ao povo e muitas vezes há também a resistência dos hábitos populares que perseguem saberes, mantendo seus costumes. Assim é que, ainda hoje, o trabalho das parteiras continua, podendo ser examinado em diversos lugares nas regiões do Brasil, como é o caso de Ituiutaba, região pesquisada.

A prática do partejo é um trabalho harmonioso entre as mulheres, pois parteira e parturiente têm inter-relações que combinam interesses, são afinidades que existem nos hábitos de ambas, que se interagem de maneira complementar.

Em pesquisa de campo foi possível descobrir que muitas grávidas têm voltado a ter seus bebês de forma mais natural e com maior participação pessoal, gerando a demanda por novas formas de parteiras: como por exemplo o trabalho das *doulas - Mulher que Serve*²⁸⁵. Hoje doula é referência a mulheres que dão suporte físico e emocional a outras antes, durante e após o parto - um reencontro do espontâneo e o institucional, e como diz Bastide:²⁸⁶ *a sociedade e a religião concorrem igualmente [...] com vistas a transformar o espontâneo em institucional.*

²⁸⁵ DOULA. Grupo Doulas do Brasil. Fundado por Ana Cristina Duarte, formada em biologia, é doula e Educadora Perinatal em S. Paulo – Angelina Pita; Psicóloga, Doula e Administradora (São Paulo, SP) –Dorothe Kolkena: Formada em relações exteriores, é Doula e Educadora. Idaiatuba, S.P. – Geórgia Gazola: Formada em Medicina Tradicional chinesa e Acupuntura. Doula e Educadora Perinatal. Santo André. S.P. Fonte: <http://doulas.com.br/quem_somos.html>. Acessado em 8 ago. 2006.

²⁸⁶ BASTIDE, Roger. 2006. p.257.

O que nos interessa aqui é destacar a importância desta união entre a parteira tradicional, a doula e a medicina tradicional. Isto possibilitou um fenômeno não esperado: a recriação das parteiras – as *doulas*, agora treinadas por senhoras, antigas no ofício e também por médicos e enfermeiras tradicionais –, ou seja, a medicina científica se aproximando das parteiras e o inverso. As *doulas* atuais são mulheres esclarecidas científica e socialmente, também sensíveis aos interesses das parturientes, pois são antes de mais nada, mulheres com suas particularidades e interesses de conhecer, para poder ajudar a companheira grávida, surgindo, assim, uma nova concepção de parteiras treinadas.

Também como as parteiras, e ao contrário do que comumente se acredita, as atividades místicas, como exemplo, as benzeções, requerem um determinado conhecimento técnico. Percebemos que rituais e cultos religiosos de cura unidos à observação das práticas médicas vêm gerando reflexões e trocas de experiência, entre os indivíduos, envolvendo-os numa dinâmica que lhes permitem mudanças de perspectivas, expressas numa forma de circularidade de conhecimentos, uma vez que passam ali a dividir anseios e idéias, proporcionando fortalecimento entre os participantes.

Sobre *circularidade de conhecimentos*, Ginzburg²⁸⁷ salienta que [...] *entre a cultura douta e a cultura popular costuma existir uma relação circular*.²⁸⁸ Assim sendo, os elementos culturais característicos de outros modos de vida são assimilados ou transmitidos, adquiridos ou mantidos, numa forma que possibilita a circularidade de hábitos sociais, como determinados pensamentos e crenças.

No interior do Brasil, há uma pluralidade de cultos religiosos que oferecem serviços de cura, proteção e amparo. Junto a vários desses, estão particularmente os ofícios de benzedeira e parteira, que são ainda amplamente praticados, atendendo desejos e chamados de pessoas pertencentes a diferentes classes econômicas, sociais e culturais. Prova disto são os vários artigos, que aparecem em grandes e pequenos jornais e revistas do país, como o documentário editado na Folha de S. Paulo²⁸⁹, que discorre sobre a tradição de benzer:

Todas benzem contra quebranto, mau-olhado, bicha (vermes), bucho virado (gastrite), cobreiro (alergias) e espinhela caída [...]. A costureira Laura é

²⁸⁷ GINZBURG, Carlo. Historiador. Suas reflexões incluem trabalhos na Micro-História onde o conceito de circularidade é pedra angular nos seus trabalhos.

²⁸⁸ GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira** nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Cia. da Letras, 2001.p. 23. Ver mais com o mesmo autor. In: **O Queijo e os Vermes**. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

²⁸⁹ **Jornal Folha de S. Paulo**, *Caderno Cotidiano*. Marianne Piemonte. 25 mar. 2007.

benzedeira. Costuma ser requisitada por moradores da favela de Paraisópolis (zona sul de SP.) e dos casarões vizinhos ao colégio Visconde de Porto Seguro, no Morumbi. Ela não cobra nada pela reza. ‘a palavra de Deus não é paga. Tem quem traga uma garrafa de mel ou tecido. Isso sim, eu aceito’, conta.²⁹⁰

Os comportamentos sociais mudam, assimilam novos hábitos ao longo do tempo, mas conservam, como dissemos anteriormente, resíduos de tempos antigos ou muito antigos.

A história cultural postula haver unidade e identidade em todos os homens, além das diferenças culturais. Os hábitos sociais, tais como as crenças numa determinada oração ou ritual religioso observado hoje representam o tempo presente, o tempo da ação, oferecem daí um rico repertório de simbologias, carregados de emoção, guardando também representações e sentidos de outros tempos.

Concordamos que a oração possui em si um determinado modelo cultural, e que a reza popular pode estar envolta numa espécie de encantamento mágico, contido no todo. Postulando que a oração é sagrada e portadora de fé, não deve ser observada como algo autônomo, nem ser analisada isoladamente, pois mesmo vinculadas aos mitos, ritos, ao místico ou até interpretada como loucura, é um jogo litúrgico de fé. Percebemos que o modelo de ação ou de práticas experimentados ontem ou hoje, é parte cultural, independente das formas ou fórmulas que são ou foram vivenciadas.

As benzedeiras e parteiras estudadas são pessoas religiosas, mas quase sempre sem ligação com uma religião específica. Como suas práticas, ou seus saberes, não têm hábitos e regras impostas por instituições ou estabelecem vínculo comercial e econômico, a correta definição de seus modos de fazer deve ser entendida como *ofício*, e não profissão. Ainda, este ofício denota sincretismo religioso porque não é elaborado dentro de uma religião única, institucionalizada, é um ofício aceito e caracterizado por uma religiosidade do povo, temática analisada por várias áreas do conhecimento, como a antropologia, a sociologia, a teologia, além de um grande número de estudos que buscam entender rituais e crenças, explorados por historiadores, tais como Certeau,²⁹¹ Ginzburg,²⁹² Bloch,²⁹³ Michelet.²⁹⁴ Religiosidade do povo

²⁹⁰ **Jornal Folha de São Paulo**.2007. p. 67.

²⁹¹ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano** Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

²⁹² GINZBURG, Carlo. **Mitos Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

²⁹³ BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**: o caráter sobrenatural. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. Cap.I. O Toque das Escrófulas e sua Popularidade até o final do século XV.

²⁹⁴ MICHELET, Jules. **A Feiticeira**. 500 anos de transformações na figura da mulher. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

não se baseia em algo presumível, irredutível, é, como explica Certeau,²⁹⁵ prática cotidianamente reinventada, em que *sujeitos comuns* constroem seus significados, e que por isso mesmo, não deve ser abordada com métodos clássicos das funções sociais. Devendo interpretar as experiências religiosas consideradas populares como sendo prática cultural, buscando observar as representações e as apropriações.

Machado,²⁹⁶ buscando compreender a cultura popular e suas várias formas de representações sociais, considera que *religiosidade popular* é assim estabelecida:

Para o homem cuja realidade é irremediavelmente cindida entre o finito e o infinito, entre o bem e o mal, entre a vida e a morte, entre o castigo e a graça, entre o que é e o que deveria ser [...] como o amálgama entre criatura e criador restabelecendo a ordem, a harmonia e a esperança [...]. Assim, crer numa ordem superior pode, muitas vezes, não significar apenas aceitação, sublimação ou alienação do real vivido. A fé no imponderável, pode tanto revelar uma forma de sobreviver à exploração, à espoliação, quanto pode ser uma tática de recusa à ordem estabelecida, às estratégias impostas.²⁹⁷

Acrescenta que:

As práticas culturais estão sendo recriadas e recicladas, mas o fato é que enquanto os homens acreditarem em um poder superior ao seu para estabelecer um certo grau de harmonia e ordem em suas vidas cotidianas, enquanto o emocional necessitar do religioso para encontrar equilíbrio e paz, a busca pelos rituais mágicos continuará em uso.²⁹⁸

Em outras leituras percebemos que *religiosidade popular* contém em si um pluralismo de vivências: é prática cultural partilhada, obedece a um ritual próprio, não se caracterizando pela ortodoxia ou erudição. Está mais ligada a um modelo de catolicismo doméstico, possuindo um rico significado nas palavras. Nas práticas religiosas populares, as palavras carregam um grande valor simbólico, pois foram ditas num exato momento e de

²⁹⁵ CERTEAU, 1994.

²⁹⁶ MACHADO, Maria Clara Tomaz. 1988. Tese de Doutorado.

²⁹⁷ Idem., p. 176.

²⁹⁸ Idem., p. 252

forma apropriada. Tais palavras passam, assim, a ter sentido de verdade concreta, independentemente de onde foram copiadas ou de onde foram recriadas. Ou seja, estão ali preenchidas de intenções simbólicas.

E sobre isso Figueiredo²⁹⁹ expõe de forma clara: *As palavras articuladas por pessoas investidas simbolicamente do dom de pronunciá-las compunham as opções disponíveis para aliviar os problemas do corpo e da alma.*

É desta maneira que as palavras tornam-se orações e podem curar, expressadas em qual forma for. Neste sentido, Roger Bastide³⁰⁰ salienta que a oração possui características pagãs e cristãs e que sua definição é generalizante, sendo um rito religioso sagrado, global e complexo e não somente um rito oral. Ainda, segundo ele, não devemos buscar a separação da oração coletiva da oração individual, pois a oração coletiva é o conjunto de orações individuais, como também não devemos buscar distinção entre religião pessoal e religião institucional. Sobre o papel do corpo na oração, esse estudioso salienta que [...] *o próprio corpo pode ser uma oração.*³⁰¹

A oração silenciosa é também como a oração oral, *um rito oral*, pois, mesmo inaudível, substitui a palavra externa pela palavra interna. Assim, compreendido o que seja uma oração, doravante, sempre que a referência ao poder da fala ou da palavra como forma de oração surgir, propomos que se entenda que a oração pode ser fala inaudível, uma vez que é tida como *palavra interna*. É neste momento que a benção carregada de intenções e falas dirigidas, audíveis ou não, mostra-se numa espécie de combinação de ritual com fé nas palavras e gestos.

Notamos que a consciência popular elabora e organiza sua realidade de tal modo que possa entendê-la e compreender os meandros mitificados ou não. Esta reflexão foi por nós trabalhada conforme foi sendo percebida em análises na religiosidade popular, em que o importante é acatado pelo significado das relações dadas, conforme foram criadas e conscientizadas pelo povo. O importante é perceber que, nas interpretações, às vezes dispersas, estão formando-se ali por suas lógicas próprias.

²⁹⁹ FIGUEIREDO, Bethânia. 2002, p. 127.

³⁰⁰ BASTIDE, Roger. 2006

³⁰¹ Idem., p.156.

Nesse meio misterioso, a distância (também) não impede o contato.[...] Assim, as formas rituais, ou seja, as disposições sociais que têm por objetivo a criação da força mágica ou sua reprodução, são também as que criam o ambiente natural ^{.302}



Flagrante de um cotidiano – Dona Raimunda³⁰³ no seu ofício.
Nota-se os semblantes de tranquilidade na doação e recepção.
Fotografia de Rosane Ribeiro Borges

³⁰² CARRARA, Douglas. 1995.p. 204.

³⁰³ Dona Raimunda. Benzedeira, nordestina, 35 anos aproximadamente. Casada, com filhos, acompanha o marido lavrador, como caseira em fazendas.

Além do já dito sobre a relação da fala com a oração, Gomes e Pereira³⁰⁴ entendem três fatores essenciais na benzeção – *uma tríade que deve conter*: quem benze, o benzido e a palavra portadora de cura; mesmo que o ato seja repleto de rituais e elementos adicionais (água, fogo, ervas, sal), a tríade sempre sustentará o ato. Deste modo, ao se observar a obtenção da cura pela benzeção, a potência da palavra emitida pela benzedeira (inaudível ou não), quando se lança na batalha para a extinção do mal e restabelecimento do equilíbrio, vem determinada pela força da intenção: desejos ou palavras curativas próprias, com critérios e normas da benzedeira. Deve-se lembrar que a oração não é somente o rito oral, é um rito total, de maneira tal que acontece e expõe *as profundezas da alma*.³⁰⁵



Utilização de um ramo verde para benzer. Prática muito utilizada nas benzeduras de criança. Segundo quem benze, quando o raminho murcha, é sinal que *havia peso ruim na criança*.

Fotografia de Rosane Ribeiro Borges

³⁰⁴ GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. PEREIRA, Edmilson de Almeida Pereira. **Assim se Benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUFJ. 1989, p. 22.

³⁰⁵ BASTIDE, Roger. 2006, p. 158.

A palavra torna-se para a benzedeira o agente curativo, dado que tais rezas estão envolvidas nos mistérios contidos nas crenças populares. Assim é também a interação dessas benzeções com os elementos naturais (água, fogo, ar, terra, vegetação), que são a base do pensamento mítico. As análises da história cultural sobre a oralidade demonstrada nos atos de benzeção confirmam que, antes de tudo, a benzedeira acredita ela própria na sua força interior e nas palavras que anuncia. Dona Irma é exemplo: *Sou benzedeira! Acredito porque aconteceu comigo. Fui curada por uma senhora bem velhinha. Ela fala e sua fala vira reza. É uma bênção.*³⁰⁶



D. Irma à porta de sua casa, cuja frente estão plantadas várias ervas que utiliza para fazer remédios: *bebidas curadoras*.
Fotografia de Rosane Ribeiro Borges.

³⁰⁶ SANTOS, Irma Martins Alves dos. Benzedeira. Residência Praça Alan Kardec. Bairro Ipiranga. Ituiutaba. Depoimento concedido em outubro de 2005.

Outra benzedeira, Dona Maria,³⁰⁷ ao iniciar sua benzeção, faz o Sinal da Cruz. Pede ao Pai Nosso e a Nossa Mãe Santíssima, que seja libertado o quebranto, mal-olhado, e inveja. *Todo mal que tiver, deve ser tirado.*

Continua, numa prece falada de forma ininterrupta, seguindo tonalidades do alto ao inaudível:

Ó Deus bondoso mentor de luz que encobre em campo de batalha e nesse dia de hoje e nessa hora bendita e santa. Que hoje é o dia de salve, é o dia de Nossa Senhora. É o dia que Nossa Mãe Maria Santíssima encontra com seu filho e peço a benção por essa perante irmã que será abençoada Meu Pai! Libertada de tudo que for male e que assim seja! Do quebrante, mal-olhado, inveja e o que tiver no caminho dela será tirado.³⁰⁸

Dona Maria reza o Pai Nosso novamente e, com ênfase e expressão de fervor, segue com oração da Ave-Maria:

Entrego essa humilde prece ao pé de Nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa Mãe Maria Santíssima, Jesus Cristo saiu da cruz.

Todos os bondosos mentores (grifo meu, mostrando forma de sincretismo, religioso) que encontram trabalhando nesse dia nessa prece. São Jorge guerreiro com sua espada e vem proteger essa irmã em Nome do Pai e Nossa Senhora Aparecida, a rainha e protetora do Brasil.

Todo mal será limpadado com os poderes de Deus. Quebrante, mal olhado serão levados, e jogados, no mar sagrado.³⁰⁹

Notamos nas falas das benzedeiras a evocação de que o mal deve ser levado para o mar - *lavado pela água*. Vejamos na reza da D. Maria, logo acima: *Todo mal será limpadado com os poderes de Deus. Quebrante, mal olhado serão levados, e jogados no mar sagrado*. Em várias outras rezas, a água também está presente - seja num copo de água, num rio ou no mar:

Vai-te embora quebrante. Eu te ordeno. Consume-te como está sendo consumida esta água pela terra [...]. Sai do sangue todo esse sofrimento e vai

³⁰⁷ D. Maria. 70 anos, negra, benze há trinta anos. Ela diz ser católica. Suas benzeções são dentro da doutrina espírita. Viúva. Também foi empregada doméstica e hoje é aposentada. Em sua casa moram filhos e netos. Aceita *agradados* como velas, sabão ou roupas velhas.

³⁰⁸ Idem.

³⁰⁹ Idem.

logo para as ondas do mar [...]. Te benzo cristão, de mal-olhado. Rio, mardores e choros, lava. Já lavou a moléstia desse cristão!

Na obra *Assim se benze em Minas Gerais*,³¹⁰ há uma exposição dos autores sobre o efeito da água na benzeção:

As superstições relativas à água afirmam que os malefícios feitos contra uma pessoa, quando colocados na água, se tornam altamente poderosos. A força oceânica tem o poder de lavar o mal para o extremo limite da vida, para além das presenças, para o desconhecido.³¹¹

Novamente percebemos na oração a interação de palavras com a presença de elementos da Natureza. Diversas construções históricas³¹² referem-se à grande representação que a água produz na purificação, como uma lavagem que proporciona restauração e renascimento.

O valor da reza na cultura popular está na forma como é falada, está na fé dos sujeitos. Percebemos que quando a prece é apoderada pela multidão, esta oração torna-se parte dela. O povo, no sentido do popular, pode assimilar orações eclesiásticas que muitas vezes vêm desvirtuadas pela repetição oral, mas também podem criar ou recriar a sua linguagem própria para o diálogo com o mundo místico, e normalmente essas falas vêm acompanhadas de muita intensidade, são orações de premência. *A repetição aplicada na oralidade propicia desvios causando incompreensão no sentido das palavras, o que dá ainda mais mistério. Fascina o homem aquilo que ele não pode entender [...]. Repetir palavras incompreensíveis faz parte da magia da benzeção.*³¹³

Ainda segundo observações de Gomes & Pereira, é aceito por aqueles que benzem que algumas palavras usadas nas benzeções são tão fortes que não podem ser entendidas: sequer podem ser divulgadas. Há ainda o entendimento de que as palavras incompreendidas, contidas em muitas benzeções, sejam resquícios muito antigos, sendo mantidas suas estruturas numa forma sacralizada. Exemplo disso está nesta declaração: *Se subé as palavras e tive fé, pode benzê! Com fé consegue tudo!*³¹⁴

³¹⁰ GOMES & PEREIRA, 1989.

³¹¹ Idem., p. 30.

³¹² GOMES & PEREIRA, 1989; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves, 2002; CARRARA, Douglas. 1994; MOTT, Luiz. 1997; PEDROSO, Carlos. 1989.

³¹³ GOMES & PEREIRA, 1989, p. 24.

³¹⁴ Idem. Relato colhido na cidade de Nova Era. p. 26

Sobre fé, crença religiosa, lemos no caderno mais uma belíssima citação: *crença religiosa não é como a sabedoria, uma coisa à qual a gente pode ser levada pelas reflexões, ela está mais próxima da paixão*³¹⁵.

As benzedeadas pedem proteção de Deus, do Espírito Santo, de Jesus, Nossa Senhora Aparecida. Iemanjá, Pai Porfírio... O pedido é uma verdadeira evocação de paixão. Vejamos aqui que a [...] *palavra é um jogar-se para o outro, estabelecendo a necessária harmonia de emissão e recepção, necessita, quase sempre, de um apoio maior: porque nem todas (forças) estão no nosso alcance.*³¹⁶ Este apoio maior é centrado no Todo Poderoso e em crenças de toques em objetos sagrados que podem ser: relíquias, patuás, água benta, ramos, breviários, manuscritos de preces tidas como orações fortes. *Faz parte do universo mítico mineiro a crença na transferência de poder através do objeto sagrado.*³¹⁷

Dona Sebastiana I confirma as observações descritas em Gomes&Pereira afirmando que para benzer é preciso ser escolhida e receber o dom da palavra curadora - *o dom da força de curar*:

Deus deixou um dom para essas pessoas; dom da cura. Um dom divino para as pessoas de coração bom, o dom da palavra boa! Se recebeu o dom, é preciso dar. Porque a gente tem que ajudá o outro... a pessoa recebe aquela graça [...]. Tem aqueles próprio pra benzê [...] aquelas palavras que caem e aliviam... mãos ungidas por Deus.³¹⁸

O caminho que caracteriza o sistema da triologia contida na dádiva no qual percebemos que Dona Sebastiana e outras benzedeadas e parteiras se inserem, é o Dar. Receber. Retribuir, estudado a partir do pensamento de Marcel Mauss, é adaptável à percepção que esta senhora diz sobre o sentido de seu dom.

Segundo leituras em Mauss,³¹⁹ Paulo Henrique Martins,³²⁰ Lewis Hyde,³²¹ Maurice Godelier,³²² Jacques Godbout,³²³ dádiva, ou dom dado como dádiva, é uma prática que

³¹⁵ **Jornal Folha de S. Paulo.** Caderno *Mais*. 13 de maio, de 2007. p. 6

³¹⁶ **Jornal folha de S. Paulo.** 2007.p. 72.

³¹⁷ Idem., p. 238.

³¹⁸ Dona Sebastiana I.Benzedeadas.

³¹⁹ MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

³²⁰ **A Dádiva entre os Modernos**: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. (Org.). Paulo Henrique Martins. Petrópolis: Vozes, 2002.

³²¹ LEWIS HYDE. **The Gift: imagination and the erotic life of property** New York, USA: Vintage Books, 1983. Texto traduzido pelo prof. Dr. Paulo Roberto Albieri Nery, p. 1-5.

³²² GODELIER, Maurice. **O Enigma do Dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

possibilita o vínculo social , excede o valor de mercado que não é explicado baseado neste paradigma – não está postulado no interesse, em contratos ou normas – estando circunscrito numa dinâmica compreendida nas três obrigações: Dar. Receber. Retribuir. Ainda segundo os estudiosos da dádiva, esse sistema somente é compreensível quando é analisado com o princípio da liberdade dos atores sociais. O dom é recebido de graça e de graça deve ser dado.

Dona Sebastiana I define claramente isto: se recebeu o dom é preciso dar. Aqui está claro: é uma dívida voluntária. Apreendemos em estudos maussianos³²⁴, que dádiva ou dom é prazeroso e não obriga, é desejo, não obediência, é moral; dom natural não persegue ou visa retribuição como também não visa reciprocidades, ou equivalências. O dom não se fecha em si mesmo, circula entre os parceiros, pois esses, valorizam o prazer da dádiva. Jacques Godbout, autor de *Homo Donator versus Homo Oeconomicus*³²⁵, bem o define dizendo que o dom é um jogo constante entre liberdade e obrigações.³²⁶ Analisado inicialmente por Marcel Mauss³²⁷ entre as sociedades primitivas e denominado por sistema das prestações totais, tem como modelo de economia a troca ou escambo, onde as trocas não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades dadas em forma de banquetes e ritos, em festas e feiras, das quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente.³²⁸ Quando se doa nestes rituais de festas e feiras, há a felicidade, a fruição do encontro entre parceiros.

Dona Sebastiana, quando se vê escolhida e merecedora da força de curar, acredita no seu potencial, no seu dom, e o utiliza. Dom recebido da Graça! Dom Divino, enfatiza! Como é Divino e é gratuito, empresta-lhe o direito da felicidade de dá-lo gratuitamente, o que faz por meio de benzeção ou em curas e apoios diversos.

Analisando Dona Sebastiana, numa representação do universo das benzedadeiras e parteiras, refletimos sobre a falada sensibilidade feminina imbricada nos seus desejos de dar, amparar e cuidar, percebendo ter-se desenvolvido no cotidiano de suas vidas, num trabalho inconsciente e condicionado pelo tempo, o dom, ou seja, solidificado essa sensibilidade de

³²³ GODBOUT, Jacques. *Homo Donator versus Homo Oeconomicus* in: **A Dádiva entre os Modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social.** (Org). Paulo Henrique Martins. Petrópolis: Vozes, 2002.

³²⁴ Estudos baseados em propostas maussianas: Veja referências acima detalhadas. Anos das edições: 2001, 2002, 2003.

³²⁵ Idem., p. 63-76.

³²⁶ Ibid. Idem. p. 76.

³²⁷ MAUSS, 2002.

³²⁸ Idem., p. 191.

mulher. Percebemos que esta particularidade vivenciada nas práticas dos seus ofícios torna-se socialmente um direito conquistado via o processo de individualização. Dona Sebastiana I, assim como as outras benzedeadas e parteiras – Marzira, Irma, Maria, Jeza, Luca, Mariinha, Sebastiana II e Raimunda – representam suas manifestações sociais, como expusemos anteriormente, a partir do exercício das suas sensibilidades. Construíram-se configurando uma individualidade, e mesmo sendo parte do social, que de fato são, não se submeteram a uma única representação, aquela articulada numa só via – delimitada pela visão do macho. Configuraram-se expressas no nível, é simbolizado pela capacidade feminina de curar. Refizeram-se primeiro no âmbito privado, no seu interior e no interior de suas relações para só então exporem sua força no âmbito público. Benzendo e partejando, a identidade feminina expressa poder social.

Do ponto de vista em que não nascemos mulher nem homem, tornamos um ser produzido pela sociedade. Dessa forma, entendemos que o feminino delineia-se através da efetivação das vontades individuais e da possibilidade de ser capaz de participar desse processo de criação da realidade social por meio do exercício da subjetividade, representado na forma de sensibilidade. Neste sentido, objetivamente:

A individualidade que o ser humano acaba por desenvolver não depende apenas de sua constituição natural, mas de todo o processo de individualização. Sem dúvida, as características próprias têm influência no seu destino, mas este destino é portanto a forma individual que o indivíduo assume lentamente ao crescer, não está traçado desde o início na natureza inata do bebê.³²⁹

Sobre religiosidade, percebemos, como dito anteriormente, que é parte constituinte da fé, ou vice versa: a fé está contida na religiosidade. É a fé a condição primeira para acreditarmos no poder do dom sagrado de curar e amenizar males. O espírito da solidariedade permeia o ofício das benzedeadas e parteiras, pois na crença delas, e conforme é entendido pelos estudiosos da dádiva e do dom, uma graça recebida deve ser partilhada com os semelhantes. Isto está claro na fala da benzedeadora Dona Sebastiana: *Se recebeu o dom é preciso dar. Porque a gente tem que ajudá o outro... a pessoa recebe aquela graça. Tem que dar ela de graça!*

Dona Maria fala de retribuição de caridade:

³²⁹ ELIAS, Norbert. 1994. p.28.

Pois é, eu fiquei doente com uma enfermidade... com muita dor de cabeça... inchando... aí eu pedi pra Nossa Senhora da Aparecida [...] prá ela me tirar aquela enfermidade e enquanto vida eu tivesse, eu ia trabalhá pra benefício de caridade, e ajudá os irmãos que batesse na minha porta... Aí foi fila aqui em casa.³³⁰

Ainda, sobre religiosidade, Dona Maria, foi analisada dentro de suas convicções sincréticas:

Tô com 70 anos, e até hoje, 70 anos! Pego a bíblia! Graças a Deus peço à Nossa Senhora pra mim dá força e proteção. Eu gosto muito da Nossa Senhora Aparecida, gosto muito do Chico Xavier, tenho muita fé em Iemanjá, Cabocla Jurema, Nossa Senhora da Guia, Preto Velho, Pai Porfírio, e nos guias... mensageiros de luz.³³¹

Na análise das histórias de vida, percebe-se que as benzedeiras estudadas têm sua religião pessoal e mesmo quando se dizem seguidoras de uma determinada religião, há nelas um pluralismo de práticas, misturadas às suas vivências, caracterizando uma religiosidade particular. Estas senhoras, mesmo quando se afirmam *católicas* nem sempre participam destes rituais litúrgicos, pois na realidade seguem variados modelos de crenças e ritos, o que é entendido como próprio da *religiosidade popular*. São sim, cristãs, numa forma total de amor e dádiva. Os altares construídos com imagens de variados santos, Orixás, Preto Velho e outros símbolos e entidades de diversas religiões, são, como refletiu Freyre³³², produtos de misturas entre vários grupos raciais.

Para Freyre teria sido impossível um cristianismo português puro, sem as hibridações das variadas regras religiosas vivenciadas na Colônia. Nessa perspectiva, justifica-se as práticas religiosas dos brasileiros que nem sempre seguem padrão único. Não se aprisionam em tiranias e rigores, facilitando intimidades com vários cultos sem entretanto caracterizar corrompimento. Neste sentido, Machado,³³³ em análise sobre religiosidade popular, assevera que medir grau de espiritualidade – o certo ou errado – em manifestações religiosas é algo questionável. Salienta que as formas de expressões cotidianas que marcam nossa realidade social são *reflexo de uma maneira de ser, fecundado em nossas raízes fundantes*.³³⁴

³³⁰ Dona Maria. Benzedeira.

³³¹ Dona Maria. Benzedeira..

³³² FREYRE, Gilberto. 2002.

³³³ MACHADO, Maria Clara Tomaz. 1998.

³³⁴ Idem., 1998. p. 57.

Percebe-se nas fotos que se seguem, diferentes construções de altares criados por algumas benzedeiras - representações variadas de cada uma de suas formas de religiosidade. São variações dentro de uma mesma religiosidade popular. O que é certo ou errado nas diferentes conformações destes altares? Qual demonstra maior ou menor grau de espiritualidade?

Como bem soube perceber Machado³³⁵ são várias formas de expressão que refletem uma maneira pessoal de ser, não impondo aí diferenciação de sentimento.



Dona Sebastiana no seu altar construído num cômodo ao lado da sua pequena casa. As imagens sobre a mesa, na parede, e na prateleira, simbolizam o sincretismo de sua religião.

Fotografada por Rosane Ribeiro Borges

³³⁵ Idem.



Altar de Dona Irma.

É importante observar os componentes constitutivos desta foto para a melhor compreensão do fenômeno sincretismo religioso.

Fotografado por Rosane Ribeiro Borges.



Altar de Dona Mariinha.

Novamente aqui, os motivos sincréticos, construindo o altar de Dona *Mariinha*. Nota-se várias imagens de santos do catolicismo em harmonia com imagens representativas da Umbanda e ao fundo a Estrela de David, representando o Judaísmo.

Fotografado por Rosane Ribeiro Borges

Foi possível notarmos, nos altares das benzedadeiras e parteiras, o sentimento sincrético religioso, entretanto, mesmo com variações nos diversos símbolos religiosos, a representação da Igreja Católica nunca está ausente. Este comportamento Bastide³³⁶ analisa como sendo uma espécie de concorrência entre sociedade e religião, expondo que ambas têm tendência a buscar transformar o espontâneo em institucional, controlando e domesticando uma religiosidade popular ou religião sincrética – nesses exemplos analisados, os santos do catolicismo são privilegiados em detrimento de outras divindades. Verificamos esta postura ao observar as benzedadeiras em pesquisa de campo: Dona Sebastiana I responde prontamente quando lhe pergunto qual sua religião: *Católica!, enfatiza.*

Sabendo que sua mãe foi benzedeira (soubemos durante a entrevista oral), indagamos como sua mãe benzia: *Rezando, do mesmo jeito da gente! Tudo católico!*, responde prontamente.

Durante incontáveis vezes analisamos este categórico dizer sim, de se dizerem católicas, sempre encontrado numa pronta resposta: *Sou Católica!*

Continuamos analisando. Dona Sebastiana II complementa quando perguntamos sobre sua religião: - *Católica! Tenho até capela! É ali... Rezo lá todo domingo. Cinco horas rezo o terço, peço benção! Tem o Evangelho...* Neste momento lançamos o olhar para o livro na sua mão e vemos que é um Evangelho Espírita.

E a senhora, Dona Marzira, qual sua religião? *Católica! Sou católica e vou morrer católica! Minha vó era católica... nós rezava terço... pra toda banda... num podia nem fazer barui... Era silêncio mesmo!*³³⁷

Partindo do princípio de que todas essas mulheres dizem enfaticamente que são católicas quando na realidade nem sempre praticam os dogmas desta religião, e sim, exercitam um sincretismo religioso, acreditamos que elas possam estar envolvidas de um sentimento religioso não ligado a divindades específicas desta ou daquela *escola* religiosa e sim são seguidoras de uma *religião da humanidade*. Acreditamos, ainda, que a sociedade tem tendência a buscar transformar o espontâneo em institucional, daí a referência em serem *Católicas*.

Mudando o sujeito analisado, procurando indagar representantes de outro corpo social, mas ainda sobre o mesmo tema, elegemos Padre Samir, que fala sobre religiosidade, fé, ser cristão, ser católico e crença:

³³⁶ BASTIDE, Roger. 2006, p 250-275.

³³⁷ Dona Marzira. Benzedeira.

Eu vejo que a questão das benzedadeiras faz parte de uma tradição popular, cultural e a igreja reconhece o valor dessas benzedadeiras... muitas delas são católicas, e... a igreja não condena...faz parte de uma fé popular... de uma tradição de família... Eu, como pároco, como padre... quando pequeno fui também levado em benzedadeiras... minha mãe me levou. Lembro de uma senhora, ela era cristã, como lembro de um senhor muito religioso...inclusive fazia parte do *Congado* Eles benziam com terço. Sempre me lembro de vários terços... sempre tinham nas mãos rosários... Eu era pequeno... eu era benzido...eu acreditava naquilo e minha mãe também acreditava muito, por isso ela me levava. Minhas irmãs também iam e continuam até hoje... passado como tradição de família... levam ainda seus filhos às benzedadeiras. Até pouco tempo ainda perguntaram o que a igreja achava a respeito e o que eu pensava sobre benzeções. Minha posição sobre isso... eu acredito! Eu acredito naquela pessoa que tá ali... na oração dela, no poder da bênção dela, e... no poder da cura também, porque é a fé daquela pessoa é a fé que ela empresta de si naquela bênção ali. Eu fui aprendendo ter fé , acreditar... confio. Não condeno não! Ela era muito pobre... a gente via a necessidade dela... minha mãe levava algo para aquela senhora e ela ficava muito grata. Agradecia muitas vezes... nunca cobrava em dinheiro.³³⁸

Padre Samir quando fala que ele e sua mãe acreditavam na benzeção *Eu era pequeno... eu era benzido...eu acreditava naquilo e minha mãe também acreditava muito, por isso ela me levava*, demonstra que acreditar *naquilo* pode ter o sentido de crer no supersticioso, de demonstrar acreditar nesse universo místico popular. É necessário compreender que tudo o que não é explicado racionalmente, pode ser mais facilmente aceito como pertencente a um universo mágico e religioso, e assim pode ter trânsito livre na sociedade, mesmo que discreto e velado.

Como bem soube expressar Gomes & Pereira, crer nessas coisas, é parte da vida do homem. *As benzeções são a prova da luta do homem contra suas próprias limitações, num mundo ilimitado.*³³⁹

Cruzando as análises contidas no estudo *Assim se benze em Minas Gerais*³⁴⁰ sobre superstição, fé e crença nas benzeções, com as ponderações colocadas pelo Padre Samir, que admite aceitar as benzeções: *Minhas irmãs também iam... e continuam até hoje... passado como tradição de família... levam ainda seus filhos às benzedadeiras*, percebe-se que fé e crença nestas práticas estão também aconchegadas na própria Instituição Eclesiástica que, às vezes, não consegue estabelecer diferenças entre esta, e algumas propriedades da religiosidade popular.

³³⁸ Padre Samir. Pároco. Padre em Ituiutaba na Igreja Matriz de São José. Natural de Canápolis. Entrevista realizada no Salão Paroquial da cidade de Ituiutaba, set. 2005.

³³⁹ GOMES & PEREIRA, 1989, p. 20-21.

³⁴⁰ Idem.

Por Religião, segundo o Dicionário das Religiões consta-se difícil encerrar uma definição simplista, singular ou genérica pois pode ser uma série de sistemas reconhecíveis de crença e prática que apresentam uma semelhança familiar [...] acrescentando ainda que os definidores da religião estão sujeitos ao erro de materialização (concretização mal colocada).³⁴¹

O estudo observando religiões é importante para que se entenda os significados das crenças e da procura pelo sagrado nas diversas sociedades. As práticas religiosas devem ser compreendidas como práticas culturais, valores enraizados, mas com simbologias que variam. Assim várias sociedades têm sua religião própria: Religião Chinesa em Taiwan e Hong Kong, Religião Banto dos povos da África Central e Meridional; Religião Daiique dos povos tribais de Bornéu (Indonésia e Malásia); Religião Germânica, Religião Grega; Religião Natural, que é entendida como sendo *espontânea e incontroversa ao mundo, ou religiosidade que se desenvolve, sem ser ensinada, na experiência humana. Como tal é posta em contraste com as religiões de tradições específicas*.³⁴²

Sobre religião e religiosidade, Machado³⁴³ pondera que:

A religião aparece como o amálgama entre criatura e criador restabelecendo a ordem, a harmonia e a esperança na transcendência da vida [...]. Assim, crer numa ordem superior pode, muitas vezes, não significar apenas aceitação, sublimação ou alienação do real. A fé no imponderável, pode tanto revelar uma forma de sobreviver à exploração, à espoliação, quanto pode ser uma tática de recusa à ordem estabelecida, às estratégias impostas.³⁴⁴

Uma observação no Livro das Religiões³⁴⁵ é comentado que desde a Idade Média, costuma-se afirmar que o homem pode se aproximar de Deus de duas maneiras diferentes: *por meio do pensamento e por meio da fé*.³⁴⁶

E na contemporaneidade, crenças religiosas, razão, fé... O que poderia ameaçar a fé? Encontramos³⁴⁷ esta ponderação:

³⁴¹ **Dicionário das Religiões**, Círculo do Livro. São Paulo: 1984, p.217.

³⁴² **Dicionário das Religiões**. 1984, p.225.

³⁴³ MACHADO, Maria Clara Tomaz.1998.

³⁴⁴ Idem., p. 176.

³⁴⁵ GAARDER, Jostein. **Livro das Religiões**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

³⁴⁶ Idem., p. 146.

³⁴⁷ **Jornal Folha de S. Paulo**. Caderno Mais. *Um outro mundo é possível*. 13.05.2007, p. 6.

Pensou-se durante um tempo, ingenuamente, que o desenvolvimento dos conhecimentos científicos iria levar ao declínio e ao desaparecimento progressivo da crença religiosa. Mas essa previsão não parece ter sido nem um pouco confirmada.

De modo algum nenhum progresso das ciências tornou a humanidade mais impermeável à crença em geral e nem mesmo às crenças que podem parecer à primeira vista irracionais e absurdas.³⁴⁸

Sobre a Superstição lê-se³⁴⁹ que é crença errônea; falsa idéia a respeito do sobrenatural: Temor absurdo de coisas imaginárias. Superstição é, para a filosofia: *O excesso ou aberração da religião; a forma da religião que não se segue.*³⁵⁰ *Sentimento religioso excessivo ou errôneo. Crença errônea; falsa idéia a respeito do sobrenatural. Temor absurdo de coisas imaginárias.*³⁵¹

Percebemos que o termo é polêmico, visto que tem conotação diferente conforme as variadas crenças religiosas, ou o enfoque que o analisa. Assim, uma determinada idéia pode apresentar um absurdo – uma aberração para uma religião –, ou ser perfeitamente aceita para os seguidores de outras. Superstição pode também ser aceita pela percepção de Marion Bradley,³⁵² que afirma que há pessoas que vêem aquilo que querem, algumas vêem santos e milagres, outras vêem dragões ou fadas.

E na luta do homem contra suas próprias limitações, a fé, como também a visão do mágico, tornam-se acalentadoras, assim várias doenças são benzidas: Vento Virado, Cobreiro, Impingem, Brotoeja, Sapinho, Quebranto, Mau-Olhado, Espinhela Caída, Coqueluche, Bicha (vermes), etc. Estas são algumas das doenças cujas curas, são buscadas por meio de rezas, onde a intenção e a palavra dita são fundamentais para a cura.

Para compreendermos o pensamento mágico não basta somente analisar as invenções e as grandes descobertas que no momento podem ser esclarecidas pela ciência. É preciso reconhecer que o pensamento mágico possui sua própria identidade.³⁵³

Weber³⁵⁴ entendeu que o mundo mágico seria um *jardim encantado*. Assim sendo, sem esperança ou crença no mágico, o mundo desencantaria, passaria por um estado de desilusão ou, usando sua palavra: passaria por um *desencantamento*. *O pensamento mágico*

³⁴⁸ BOUVERESSE, Jacques. Filósofo francês autor do livro cuja tradução seria: **Podemos não crer?** Folha de São Paulo. 13/05/2007.

³⁴⁹ Superstição: ABBAGNO, Nicola, **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: 1962; MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998. ; **Dicionário das Religiões**. John R. Hinnells (ed). São Paulo: Circulo do Livro. 1984.

³⁵⁰ ABBAGNANO, Nicola - Mestre Jou. 1962. p. 899.

³⁵¹ MICHAELIS, 1998

³⁵² BRADLEY, Marion Zimmer: **As Bruxas de Avalon**. A Grande Rainha. 20ª edição Livro 2. Rio de Janeiro: Imago editora Ltda.

³⁵³ CARRARA, Douglas. 1995, p. 202.

³⁵⁴ MAX WEBER. Analisado por Antônio Flávio Pierucci. In: **O Desencantamento do Mundo**, 2003.

possui sua própria identidade, ou melhor, possui força expressiva própria, quando não buscamos enxergá-lo carregado de sentido científico. Daí a expressão *Quanto mais o intelectualismo repele a crença na magia... mais haverá o desencantamento do mundo.*³⁵⁵

Curar com benzeções, com palavras ritualísticas, é crer na magia e não no técnico, portanto não está aí contido buscar provar seus princípios curativos, está aí contido outras buscas e, portanto, outras certezas, aquela que não são dominadas pelo cálculo.

Partindo da hipótese de que toda benzeção deve ter tido uma causa eficiente que a produziu, reza-se para curar doenças e malefícios, repetindo seus ritos e simbologias.

Vento Virado é um mal reconhecido pelo povo como doença que só pode ser curada por meio de benzeção. Vento virado, no entendimento da cultura do povo é uma doença que a medicina não pode curar, e é caracterizada pelo desinteresse da criança em brincar, se divertir e se alimentar. Não dorme, ficando mal-humorada, apresenta diarreia, vômito e halitose, a *moleira afunda*. O povo entende que o *vento vira* quando a criança leva susto, sofre um tombo ou lhe passam medo.

Um dos rituais praticados para benzer vento virado inicia-se pondo a criança de ponta cabeça e, segurando-a pelos pés, encosta-a no batente da porta de entrada da casa onde se estiver benzendo, até que ela se acostume com a posição. Então, com um pequeno *puxão*, recolhe-se a criança à posição normal com muito delicadeza, aconchegando-a nos braços carinhosamente. Durante o ritual, a benzedeira reza, faz gestos de bênção, pronuncia sons às vezes inaudíveis. Ou audíveis, com rezas muito repetidas por várias delas: *Pelo mal vento virado, cabeça baixa e pés acima... mude o vento, cure a sina ... Viajando céu acima jogue fora o céu nublado. Virando o vento de cima. Jogue ao mar o mal fundado...*

O *cobreiro* também é benzido por quase todas as benzedeiras pesquisadas. É identificado pelo povo como um mal originado pelo contato da pele com um inseto ou animal peçonhento - cobra, aranha, cachorro com *pelada*. Provoca intensa coceira e dor na região afetada ficando essa coberta de minúsculas bolhinhas de água. Para o povo o cobreiro tem cabeça, corpo e rabo, por isto toda reza de benzeção para este mal, repete estas palavras. O ritual da benzeção de cobreiro inicia-se com a benzedeira tendo nas mãos um *talinho de mamona ou de mandioca* seguido de falas ou rezas quase sempre assim: *Eu corto a cabeça, eu corto o meio e eu corto o rabo.*

³⁵⁵ MAX WEBER. In: PIERRUCCI, 2003, p. 48-50

Identificado pela medicina científica com o nome de *Herpes Zoster* - o chamado *cobreiro* é uma dermatose vesiculosa que pode se manifestar de forma aguda podendo ser reincidente. Acomete mais freqüentemente adultos.

Impingem para as benzedeiras é toda doença de pele que traz queda de pelos – *pelada*. A benzedeira distingue cobreiro de impingem porque segundo ela, cobreiro é úmido e impingem é seca. Têm aspectos parecidos, caracterizados pela erupção de manchas irregularmente circulares, vermelhas cheias de pústulas, ou não. A reza mais comum é falada assim: *dá no tutano, depois no osso e depois da pele dá no sangue. Sai do sangue todo esse sofrimento e vai logo para as ondas do mar*. Cientificamente pode ser detectada como Tineas – fungo pequeno que se nutre dos tecidos da pele, lesando-a. O médico a diagnostica como sendo *Micoses cutâneas superficiais*.

Mau-Olhado. É reconhecido como sendo doença de adulto, enquanto *Quebranto*, seria o mesmo, porém identificado como doença de criança. Ambos são males recebidos de pessoas cujo olhar vem carregado de maus sentimentos, como inveja ou ódio. Segundo a crença do povo, algumas pessoas possuem essa propriedade no olhar - fazendo adoecer pessoas e secar plantas. É um mal que se caracteriza como um abatimento geral que provoca falta de apetite, inquietação tristeza e choro. O doente apresenta ainda sonolência e prostração. Benze-se de *quebranto* e *mau-olhado* de forma quase igual em todos os lugares que, segundo as próprias benzedeiras é assim: *Com dois puseram e com três eu tiro. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, tudo que foi inveja, quebranto e mau olhado sai desses ossos sagrados. Deus que te Cure*. Em seguida reza-se uma Ave Maria e um Pai Nosso.

Na benzeção para *quebranto*: Depois de perguntar o nome do doente, a benzedeira repete-o variadas vezes, acrescentado-o durante as rezas, da seguinte maneira: *Quebranto ou mau olhado quem te botou, quem te botaria. Quem há de tirar é a Virgem Maria*. Reza-se em seguida três Ave- Marias.

Terçol, Engasgo, Erisipela, Peito Inflamado e outros, são males reconhecidos dentro da cultura popular como sendo também doenças que devem ser tratadas através de benzeções. Há ainda buscas por benzeções de dor-de-dente, dor-de-cabeça, bernês, picada de cobra; além de súplicas para o roçado, animais domésticos e outros

O pensamento da medicina popular convive muitas vezes, de forma conflituosa com o pensamento da medicina científica, que lhe impõe restrições, mas há também influências, costumes sobrevividos através dos tempos, que se mesclam, numa forma de *circularidade* onde diversas práticas populares são introduzidas na prática científica e vice-versa.



Farmacinha da Terra.

Essências, *carqueja* extratos, sais, óleos: de *angico*, de *eucalipto*, de *alecrim*, de *sucupira*, além da *quina*, *jaborandi*.³⁵⁸

Fotografado por Rosane Ribeiro Borges em 15 de Outubro de 2005.

³⁵⁸ Sobre essas plantas medicinais, muitas em extinção, algumas descritas por naturalista que passaram pelo Brasil: *Angico* – *Piptadenia colubrina*. Indicado para tratar tosse, bronquite e outras afecções respiratórias; diarreia, desenteria e angina. **Georg Heinrich von Langsdorff**. *Camará* – *Lantana camara*. Indicado tradicionalmente para resfriado bronquite, asma, coqueluche, é expectorante. **Auguste de Saint-Hilaire**. *Barbatimão* – *Stryphnodendron barbadetiman*. Indicado como cicatrizante. **Emmanuel Pohl**. *Jaborandi* – *Pilocarpus jaborandi*. Indicado como tônico capilar. **Carl Friedrich Philipp von Martius**. *Quina* – *Sickingia sp.* Indicação tradicional para tratar malária. **C.F.P. von Martius**. *Carqueja amarga*. *Baccharis genistelloides*. Indicado para dor abdominal, doença do fígado, má digestão, prisão de ventre, gripe e resfriados. **C.F.P. von Martius**. *Cassáú* – *Aristolochia cymbifera* – Indicada para febres e disfunção erétil masculina. **G.H.von Langsdorff**. Fonte: **Jornal Estado de São Paulo**. Caderno Vida & . p. A30. 25 Mar. de 2007.



Farmacinha da terra.
Aqui todos são Voluntários.³⁵⁹
Fotografia de Rosane Ribeiro Borges.

³⁵⁹COSTA, Maria de Fátima.

Tudo começou em 81. Eu estava muito doente.. sem cura... aí eu comecei ler... buscar alternativas para mim. Eu descobri que existia muitas ervas... e já existe muita pesquisa sobre isto, que ajuda a pessoa a fazer o tratamento para si mesma. Por exemplo eu comecei a fazer para mim uma multi-mistura como alternativa... Procurei ler... devorei livros sobre o poder das plantas...Participei de reuniões... teve um encontro em Uberlândia onde ficamos três dias entre raizeiros, benzedeiros, parteiras... depoimentos de quilombolas... Aprendi a trabalhar com argila, com uma neta de quilombola, a Marcelí. Queria aprender sobre a medicina alternativa... Foram três dias que cresci muito... saí de lá com o propósito de expandir... Continuo freqüentando encontros em Ceres, Figueira, Goiânia...a Dra Livia sempre está... ela é maravilhosa , médica mística! São 4 fazendas com uma estrutura fantástica.. Vão todos: lá não existe pessoas maiores que as outras, são pessoas que precisam que buscam são portanto iguais... vão para aprender, tratar de saúde... no meu caso fui para conhecer... para tratar de mim também... aprendi muita coisa... a cura através das plantas... sons aromas... com a homeopatia também. Aqui em Ituiutaba a Dra Ivana (Abdo Martins) tem nos dado assistência, orienta... é extraordinária! Atendemos 80, 100 pessoas! Distribuimos conforto e amenizamos dores... Aqui todos são doadores! Trato o espírito e o corpo por isto utilizo florais e remédios ionizados. Não trato só a ‘casca’, não trato só fisicamente, não. Olhe nossa horta!³⁶⁰

A horta é um espaço de muito verde; com muitas diversidades de ervas, flores, sementes e pequenos arbustos, numa sintonia perfeita. No interior do espaço físico há o preparo das ervas, os galões de essências, o material para uso, os remédios já embalados, o grande salão para receber 80, 100 pessoas.

Análises na história cultural permitem desvendar o mundo das ações sociais, pensamentos e comportamentos tecidos na rede social das benzedoras e parteiras enquanto sujeitos históricos. Mulheres que falam por meio de rezas, que respingam água na brasa ou acariciam as contas do rosário com seus dedos enrugados. Percebe-se nas suas posturas e atitudes, o vigor do seu interior – embora o físico já nem sempre apresente assim. Essa mulher, cuja sensibilidade a faz individual, pode estar nos subúrbios ou nas mansões ou junto a seu altar rezando como fez Dona Marzira ao nos benzer: *Assim que o sol lá vai entrando... então todo mal do seu corpo, o sol lá vai levando. Então eu peço a Nosso Senhor Jesus, que amanhã o sol sai e iluminará com felicidade e saúde, e com luz vai te derramando.*³⁶¹

As mulheres que, de geração a geração viram como fundamental a sobrevivência com a vida comunitária, são, às vezes, com o desenvolvimento dos hábitos urbanos e científicos, induzidas a desvencilharem-se das tradições de seus conhecimentos e práticas, sendo conduzidas para uma nova aprendizagem não-escolhida. Quando isto acontece, não se

³⁶⁰ COSTA, Maria de Fátima.

³⁶¹ Dona Marzira. Benzedora.

enquadram, não se submetem a uma auto-regulação individual, às vezes imposta como modelo de uma nova estrutura:

Alguns conflitos criados através de reflexos de processo social não-planejado, são poderosos demais para ser contido por unidades sociais, e muito mais difícil, pelo próprio indivíduo que às vezes tem que ser travados entre o indivíduo e ele mesmo.³⁶²

Segundo Elias, serão necessárias várias gerações e muitas ondas de resistências para assimilações ou adaptações a novos costumes e assim mesmo pode ocorrer o *efeito trava* – conceituado pelo sociólogo como solidificações de tradições que sobrevivem. Como exemplo, pressupomos a atual escassez das parteiras, às vezes afastadas de seu ofício, e perseguidas pelas novas leis da saúde pública.

Para ocorrer mudanças, é necessário que haja transição de um nível de hábito já em uso para o outro a ser inserido, e nesse período, é natural que haja sentimentos de perdas. Uma integração de costumes não-planejados ou entrelaçamento mais global entre as tradições, além de lento e doído, é, por vezes, castrador, aniquila, enfraquece comportamentos e modos de ser e pensar, edificados em várias gerações.

Felizmente, o tecido social é elástico e maleável, acata lentamente novas assimilações ocorridas durante as gerações e se assim acontece, não ocorre o *efeito trava*, pois tendo sido longamente modificado, é naturalmente refeito, numa auto-regulação concedida, e é o que tem ocorrido no desenvolvimento do novo movimento das *novas parteiras* – as *doulas*.³⁶³

Doulas são, mulheres treinadas para resgatar as práticas do parto natural, que pudemos supor que estão ameaçadas de desaparecer por falta de incentivo a este ofício. É assim explicado por Mesquita.³⁶⁴

Doulas são mulheres especialmente treinadas pela tradição que se associam tecnicamente com médicos e enfermeiras para ajudarem no trabalho de

³⁶² ELIAS, Norbert. 1994, p.174.

³⁶³ DOULA. A palavra *Doula* vem do grego - *mulher que serve*. Hoje indica mulher que dá suporte físico e emocional a outras mulheres *antes, durante e após o parto*. In: site <<http://doulas.com.br/doulas/> html>. Acesso em 08 ago. 2006.

³⁶⁴ MESQUITA, Mariana de. É acadêmica em Artes Cênicas na UFU. Desenvolve estudos para atuar como parteira - *doula, assistindo, orientado, apoiando a parturiente para dar à luz num modelo de hábitos naturais, mantendo as tradições*.

partos de maneira humanizada buscando oferecer às gestantes, suporte físico e psicológico antes, durante, e no pós parto.

Ainda segundo ela o *parto humanizado* é:

Uma tentativa de resgate do parto que se tinha antes, quando a mulher paria em casa, no ambiente dela, com a ajuda da parteira, que era uma pessoa que trazia um conhecimento repetido de geração à geração... A parteira deixava a mulher muito à vontade, diferente do que acontece hoje onde a mulher não tem uma participação ativa no seu próprio parto. No hospital a mulher é infantilizada, ela é tratada como uma pessoa incompetente mesmo... e então, ali mesmo, no próprio hospital, ela busca informações e indaga como encontrar outro caminho? Nasce ali um desejo de conhecer outra forma para ter seu segundo ou terceiro filho. Eu por exemplo não tive filhos mas tive experiências decepcionantes, com vivências no hospital... e aí foi que comecei pesquisar... sempre gostei da idéia de ser parteira... isto era meu ... eu já gostava da idéia... - Eu digo a meu marido: se um dia tiver filhos quero que seja em parto natural.³⁶⁵

Mesquita confessa que várias mulheres hoje, após reverem suas experiências do parto anterior, sentem-se incomodadas, pois não se sentiram participantes como parturientes, por isso, elas mesmas buscam, no momento, conhecer alternativas para que sua próxima experiência não se repita. Analisando procedimentos atuais sabe-se que médicos e enfermeiras cada qual têm cada um sua função tão definida no cenário do parto, que de fato podem deixar lacunas.

Há várias mulheres preocupadas, almejando um parto mais humanizado indagam: *Quem cuida do bem estar emocional da mãe? Quem se encarrega de suprir essa demanda de emoção, afeto, que não cabe a nenhum outro profissional dentro do ambiente hospitalar?*³⁶⁶

Num tempo não muito remoto,³⁶⁷ as mulheres e suas doenças moviam-se num espaço de saberes transmitidos oralmente. O mundo natural estava cheio de significados das suas práticas – o quintal, a horta, as plantas. Esse saber informal transmitido de mãe para filha era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições. Há várias referências sobre o amparo que uma parturiente, seu bebê, e os outros da casa, recebiam dos vizinhos e parentes:

³⁶⁵ MESQUITA, Mariana de op. cit.

³⁶⁶ *Quem são as Doulas?* Ver mais In: Doulas do Brasil. <<http://doulas.com.br/doulas.html>>.

³⁶⁷ A literatura médica era, até o século XVIII, despreparada no conhecimento em obstetrícia, pois o corpo feminino era visto com inferioridade e aos médicos acadêmicos não era justificado deter tempo nos conhecimentos menores – adequado sim, para parteiras, comadres – mulheres da família.

Antigamente a parturiente era acompanhada durante todo parto por mulheres mais experientes, suas mães, as irmãs mais velhas, vizinhas, geralmente mulheres que já tinham tido filhos; já tinham passado por aquilo. Depois do parto, durante as primeiras semanas de vida do bebê, estavam sempre na casa da mulher parida, cuidando dos afazeres domésticos, cozinhavam ajudando a cuidar das outras crianças.³⁶⁸

A seguir, ainda na mesma fonte, mais referências sobre o papel da doula:

Antes do parto: é ela que orienta o casal o que esperar, antes e depois do parto. Explica os procedimentos comuns e ajuda a mulher a se preparar, física e emocionalmente.

Durante o parto: a doula funciona como uma interface entre a equipe de atendimento e o casal. Ela explica os complicados termos médicos e os procedimentos hospitalares e atenua a eventual frieza da equipe de atendimento... Ela ajuda a parturiente a encontrar uma posição mais confortável para o trabalho de parto, mostra formas eficientes de respiração e propõe medidas naturais que podem aliviar as dores...

Após o parto: ela faz visitas à nova família, oferecendo apoio para o período de pós-parto especialmente em relação à amamentação e cuidados com o bebê.³⁶⁹

Aqui, depoimento da gestante Claudia³⁷⁰ atendida, ela e seu marido, desde o quarto mês de gestação, num trabalho em parceria com a doula, Caldero-Barcya, na cidade de Campinas:

Fazíamos uma sessão por semana. Nestas sessões tínhamos: ...explicações e esclarecimentos sobre o momento de formação que o bebê estava e o meu corpo naquele momento e na hora do parto.

- Conscientização do meu corpo através de toque.
- Descoberta do próprio corpo, e dos toques que poderiam eliminar as dores.
- Ensinaamentos para que o meu marido pudesse cuidar de mim durante a semana, através de massagens...

Durante o parto Lúcia me fez massagens, manobras e falou comigo durante todo o tempo. Intermediou a comunicação entre eu e o ginecologista. Fez massagens, me dando floral para tomar...

Depois do parto vibrou conosco... fez cumprir a minha vontade de ficar com o bebê apesar das enfermeiras não estarem dispostas...

Com certeza a presença dela fez muita diferença, pelo alívio nas dores, por me dar certeza de que iria conseguir, por *insultar-me* confiança para chegar ao fim, por me tirar o medo.

Se tivesse outro bebê, só o faria com a presença de uma doula...³⁷¹

³⁶⁸ Doulas do Brasil.

³⁶⁹ TOLEDO, Claudia Renata de .. <<http://doulas.com.br/doulas.html>>.

³⁷⁰ Idem., E-mail: ativa-a2@uol.com.br

³⁷¹ Fonte recolhida no site <http://doulas.com.br/doulas.html>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Misturam-se as almas nas coisas,
Misturam-se as coisas nas almas,
Misturam-se as vidas,
e assim as pessoas e as coisas misturadas saem
cada qual de sua esfera e se misturam.*³⁷²

É um desafio teórico oferecer conhecimentos sobre o processo de individualização das parteiras e benzedadeiras na sociedade ituiutabana, no período de 1950 a 2006. Explicitar o impulso feminino nesta produção acadêmica, a preocupação de provar a capacidade desses sujeitos sociais, o desejo de retirar a noção de *mulher* como essência feminina única, evidencia o investimento em buscar essas formas de experiências guardadas nos movimentos sociais como sendo ações marginalizadas. Ao longo dessa pesquisa e das deduções analíticas, tornou-se evidentes que os caminhos femininos, expressos nas artes e ofícios de proteção e cura, originam-se da construção social. Entretanto, precisamos acreditar que há individualidades, e particularidades, e, voltando à reflexão de Rago (citada na introdução), verificamos que: *há um universo feminino, próprio, diferente do mundo masculino, mas não inferior, regido por outra lógica e racionalidade*³⁷³, explicando que o mundo feminino contém uma forma particular, pessoal, que recebe influência da pressão cultural, mas que possui, também, particularidades independentes, a qual analisamos como subjetividade³⁷⁴ ou uma auto regulação individual, expressada através da sensibilidade trabalhada individualmente.

As benzedadeiras e parteiras analisadas nasceram, evidentemente, numa sociedade, internalizaram valores e crenças, bem como um conjunto de regras sociais. Mas, ao mesmo tempo, foram criadoras de comportamentos particulares, inseridos na teia social. Ou seja, essas mulheres fizeram suas escolhas, tomaram suas decisões, assumiram particularidades, interferindo na realidade social de maneira tão profunda que possibilitaram novas interações sociais. O certo é que, benzendo e partejando, a identidade feminina, inserida no processo de fazer-se individualmente, é expressada no espaço do poder público numa forma reconstruída –

³⁷² MAUSS, Marcel. 2003, p. 212.

³⁷³ RAGO, Margareth. **As Mulheres na Historiografia Brasileira**. 1985, p. 4.

³⁷⁴ Subjetividade. *Engloba o conjunto de processos pelos quais os indivíduos, em estreito contato com as estruturas simbólicas da cultura humana, tenta assumir e abrir um acesso à forma genérica do seu ser*. In: BARROS LIMA, Nádia Regina Lourenço. (Org.). **Mulher e Subjetividade**. Elvira Barreto Cardoso. Macaio. 1997.

um mundo feminino alargado por ações individuais, ampliado por anseios de mudanças e fortalecido lentamente por resistências acrescentando aí, sensibilidades aguçadas de desejos de proteger, amparar, cuidar.

Apreendemos a partir de estudos antropológicos,³⁷⁵ que o comportamento humano não é determinado unicamente pelo social, visto que a biologia também *força* o comportamento dos sexos (evidente que não os determina, mas – *pode facilitar comportamentos*). Em análises no mesmo trabalho – *A Mulher a Cultura e Sociedade*³⁷⁶ - há ênfase de que, dependendo do meio no qual a população é observada, poder-se-á encontrar diferenças nas expressões do domínio das relações. Em exposições anteriormente debatidas, concordamos que o determinante biológico não é condutor de comportamentos, entretanto, acreditamos que os indivíduos possuem a impressionante capacidade de adotar e praticar formas individuais e particulares de relações sociais.

Certo é que, a mulher, sendo sempre analisada pelo senso comum – o viés delineado pela construção social masculina – não havia sido, anteriormente ao ano de 1970, analisada pelos vários discursos propostos em estudo dos gêneros. É, a partir dos anos 1970, com a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, que surge uma avaliação crítica acentuada, vinda de trabalhos acadêmicos, e movimentos feministas – estudos temáticos que se tornaram inovadores, pois a própria história estava fragmentada sem esse discurso. Percebe-se, então, vários olhares dirigidos para o seu entorno. Faz-se várias ponderações sobre o feminino, sobre o cotidiano de suas vidas.

Nossas ponderações recaem nesses novos caminhos, novo viés que nos aciona buscar, nesse mesmo foco, uma demarcação que pode denunciar algo sobre a excepcional *sensibilidade da mulher*, que mesmo sendo modelada pelo social, não é unicamente construída por ele; tudo isso buscando olhar para a mulher para enxergá-la nas suas ações de liberdade e também nas de resistências.

Por meio de reflexões trilhadas pela observação do cotidiano de benzedeadas e parteiras, foi possível elaborar algumas idéias sínteses sobre a criação social da sensibilidade feminina, buscado a partir da hipótese: *ninguém nasce mulher: torna-se*.³⁷⁷ O processo social *torna-se* foi descortinado pelo detalhado esforço de descrever os ofícios dessas mulheres em ação: partejar e benzer. Isto é: expor a correlação forte entre o feminino e o ato de proteção e cura.

³⁷⁵ ROSALDO e LAMPHARE. *A Mulher a Cultura e Sociedade*, 1979.

³⁷⁶ Idem.

³⁷⁷ BEAUVOIR, Simone. 1980

A representação social do feminino, problemática que monopolizou essa pesquisa histórica pelo intermédio de análises das parteiras e benzedeiras – senhoras, na grande maioria, de meia idade, pobres, simples, com nenhuma ou pouca escolaridade, vivendo com poucos recursos, em moradas simples – são reflexões buscadas para a compreensão das mulheres. Analisando as construções sociais já conhecidas, de que a mulher se faz no caminho, caminhado em terra batida, trilhado por outras mulheres, procuramos descobrir suas intenções subjetivas, oxigênio para suas grafias individuais - *grafias pessoais* - ³⁷⁸ buscando conhecer um outro somatório de desejos e intenções pessoais, além das acrescidas pelo social (en)globalizador.³⁷⁹

Em termos de *grafias pessoais*, Dona Marzira³⁸⁰ explica que possui um *dom* e um destino para ser benzedeira. Ela diz gostar de benzer porque acredita que sua capacidade de benzer vai-se *desenvolvendo cada vez mais*:

Eu não escoí caminho não. Porque não acho que é iscoiê caminho... eu acho que muitas coisas já vem nascido... com aquele dom, né? Aquela, aquele destino que você tem que cumpri então um dia bate na sua porta [...]. Eu acho que é assim, pela... natureza da gente. A gente vem... pela nascença da gente mesmo. A gente já nasce com aquela força, aquela intuição e vai desenvolvendo cada vez mais. Depende da nossa força. Ela é força que Deus deu.³⁸¹

A benzedeira Dona Marzira, representa, neste contexto, as Marias, Josefas, Írmas, Raimundas, Abadias, Lucas... benzedeiras e parteiras pesquisadas no ambiente social de Ituiutaba, e como tal expressa socialmente o universo feminino na sua correlação com o universo de curar. (Re)defini-la(s) como sujeito histórico ou reconstruir, teoricamente seu espaço social, foi realizado ao longo desta pesquisa, passo por passo, obedecendo à abordagem da história cultural. Deste modo, aceitamos que esse sentimento explicitado por Dona Marzira pode conter uma transcendentalidade que esta senhora sente no seu poder de curar, cuja competência está vinculada a ela por sentir-se capaz de se exercitar com um

³⁷⁸ ELIAS, Norbert. 1994, p. 150. O indivíduo contém em si suas singularidades, suas particularidades ou seja possui individualização, compartilha entretanto com outros membros de sua sociedade..

³⁷⁹ Social Englobalizador Entendemos que seguir o social *englobalizador* seria ceder ao influxo já estabelecido pela teia social. E de outra forma, fugir dele, seria o debater-se e portanto resistir-se contra este.

³⁸⁰ Dona Marzira tem 67 anos. Benzedeira de adulto e criança. Receita chás de ervas, ungüentos Benze há 22 anos.

³⁸¹ Idem.

mundo mágico - atuar com o mítico - ³⁸², o que Silva Porto esclarece dizendo que o *mito não esconde sua intenção, mas essa intenção é apresentada de uma forma sublime, abolindo as complexidades, dando clareza e purificação às funções das coisas.*³⁸³

Sobre transcendentalidade mística ou mito, Muraro³⁸⁴ explica que toda cultura humana possui seus mitos representados pelas crenças e atitudes perante a vida e a morte e que isso é necessário para a sobrevivência de uma cultura. Assim, mito e cultura são fundamentais à produção de uma ordem social, pois procuram justificar a realidade humana experimentada pelos indivíduos.

É interessante observar que o mito cristão explica que um deus masculino cria homem e mulher, num princípio em que a mulher (Eva) é parte do homem (tirada da costela de Adão) em que ela é a figura fraca, influenciável, desestabilizadora - num mundo de projeções masculinas, as mulheres estão ligadas a mitos de fragilidades influenciadoras. Neste sentido, numa sociedade onde o domínio masculino é predominante, há sempre a imagem de desprestígio para o feminino - suas habilidades desenvolvidas, ou vistas como próprias de seus universos, foram veladamente adoradas, e muito mais menosprezadas e odiadas. Durante todos os tempos, as mulheres que curam ou rezam doentes são vistas, no mínimo, com grande incômodo; quase sempre com embaraço:

A naturalidade e a intimidade com que tratavam a doença, a cura, o nascimento e a morte tornavam-nas perigosas e malditas. Com a acusação de curandeirismo, eram duplamente atacadas: por serem mulheres e por possuírem um saber que escapava ao controle da medicina e da Igreja.³⁸⁵

Essa pesquisa, centrada nas ações de parteiras e benzedadeiras de Ituiutaba, é observada em pressupostos de que o feminino é construído pelo social, mas com reflexões em que há aí incluso as individualidades pessoais, acrescentadas ao insumo da crença e da fé - a religiosidade, e o mítico - que entram como forte contrapeso.

³⁸² MITO. MÍTICO : Segundo observação de SILVA PORTO, Maria de Fátima. Doutora em História e Culturas Políticas- UFMG/ Mestre em História Social- UFU. O mito é uma representação simbólica presente no imaginário coletivo de mulheres e homens entendido como sendo uma verdade e conhecido através de narrativas. O mito não é uma idéia ou objeto, é um significado que procura explicar a realidade humana.

³⁸³ SILVA PORTO, Maria de Fátima. **Mitos. A Representação da Mulher:** Uma rápida Referência. p.1-13

³⁸⁴ MURARO, Rose Marie. 2000.

³⁸⁵ RAVOUX-RALLO, Elizabeth. **A Rubra Diferença**, Terra de Mulheres In: DEL PRIORI, 2000, p. 107-108.

Reflexões em que religião e magia andam juntas, conduzem ao entendimento do mundo dessas mulheres, compreensível pelas formulações elaboradas por Weber,³⁸⁶ que propõe observação em *experiências místicas individuais*,³⁸⁷ ou seja, desvinculadas de reflexões requeridas pelo mundo racional. Percepções dirigidas unicamente para o entendimento racionalizado concorrem para a ausência do encantamento, levam ao *desencantamento do mundo*, diria o sociólogo. A *desmagicalização* ou *desmagicação* do mundo seria o negativo de encantamento; do encantado; do mágico e encantador, seria o oposto *do jardim encantado* de Weber.³⁸⁸

Assim, onde somente se busca a compreensão de causas e efeitos procurados nos pressupostos da racionalidade pura, menos se captará seus sentidos. *Quanto mais o intelectualismo repele a crença na magia, e com isso os processos do mundo ficam ‘desencantados’, perdem seu sentido mágico e doravante apenas ‘são’ e ‘acontecem’ mas não ‘significa’ mais nada [...]*.³⁸⁹

Vejamos nosso entendimento: buscar entender a cura de um mal, o alívio de uma dor ou a justificativa de um ‘dar-se’,³⁹⁰ por meio de uma explicação científica ou a de um comportamento modelado pelo social-econômico vigente é buscar um entendimento que desmagificaria o mundo; é fugir do encantamento. Procurar sentido apenas no que é verificado cientificamente é deixar secar uma explicação mágica. De outra forma: quando se permite somente conclusões que a ciência explica, não se permitindo enxergar esta mesma conclusão no viés do *mundo mágico*, este perde o sentido de mágico, e aquele, preso na intelectualização e racionalização, passa ser determinado e dominado pelo cálculo. É exatamente o que afirma Pierucci³⁹¹: *O que se torna assim tão duro para o homem moderno, e mais duro ainda para as jovens gerações, é o estar à altura desse ‘dia a dia’*.³⁹²

Ao longo dessa pesquisa, expusemos, inclusive refletindo em Melo e Souza,³⁹³ sobre o fato de que as agruras do período colonial foram minimizadas através das práticas e crenças mágicas,. Quanto às benzedadeiras, ontem e hoje, o acreditar no seu potencial de curar,

³⁸⁶ WEBER, Max. In: PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do Mundo**. 2003 .Pierucci analisa o conceito criado por M. Weber: *desencantamento do mundo* .

³⁸⁷ Idem, p. 30-31.

³⁸⁸ WEBER, Max. aput PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do Mundo**. Weber cria conceitos tais como *desencantamento do mundo*, *jardim encantado*, buscando em poucas palavras explicar um conceito consistente e lógico. *Desencantamento do mundo* - Uma metáfora que transita entre o lógico e o figurativo, já que pode sugerir um *conceito não científico*.p. 33

³⁸⁹ PIERUCCI, Antônio Flávio. 2003, p. 48, PASSO 3.

³⁹⁰ Dar – Receber- Retribuir – Trilogia estudada por Marcel Mauss, 2002, op. cit. Estudo onde estas ações e reações, não podem ser analisadas através do sistema econômico.

³⁹¹ PIERUCCI, Antônio Flávio. 2003.

³⁹² Idem, p. 53.

³⁹³ MELO E SOUZA, 1986.

dá-lhes igualmente, lenitivo e valoração de serem o que são. A certeza de que a fé é caminho certo para se alcançar um bem almejado alivia e dá serenidade aos que a praticam e aos que a recebem. A conscientização de que *dar* o que se recebeu de graça é gratificante e faz enlaçar sentimentos.

Se é verdade que o mundo está se desmagificando, isto ocorre porque esquecemos como mantê-lo mágico. O homem, quanto mais livre de imposições externas, mais e mais poderá se beneficiar da magia. Um tempo em que homens e mulheres seguiam mais seus desejos íntimos, numa maior liberdade de *ser*, viviam num mundo que lhes parecia mágico.

O homem é filho de seu tempo...

Ao estudar um tempo passado carregado de vivências que persistem no mundo atual, com um olhar neste passado e outro no presente, podemos perceber as diferenças que tão bem soube captar Marc Bloch: *em suma, nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento.*³⁹⁴

Analises no mundo percebido e protegido nas *mentalidades*³⁹⁵ mostra conter hábitos mais guardados e, exatamente por isso, o estudo dos comportamentos sociais deve também ser observado num longo tempo passado; já longamente vivenciado.

Reflexões sobre as práticas de curas e doações de amparo, ao longo dos tempos, são verificadas desde sempre. Percebemos as experiências de mulheres praticando a medicina dita primitiva, as parteiras, as benzedeiras, atuando com orações e outras proteções buscadas em amuletos e talismãs, como também, e principalmente, na utilização de efeitos buscados na terapia das plantas. De maneira geral, essas parteiras e benzedeiras não receitam remédios industrializados, elas utilizam ou recomendam ervas do quintal para este ou aquele mal.

Exemplo da sabedoria popular, com indicações típicas, receitas por benzedeiras que tivemos contato :

Expectorante é Mel com Poejo acrescentado à Erva Elefante e Erva Cidreira de folhinha.

Erva de Santa Maria é usada como emplasto quente em nervos doídos.

Para ferida? Folha Santa.

Purgante? Rícino feito de Mamona.

Males do fígado? Chá de Jurubeba.

Falta de sono? Chá de Erva-Cidreira.

*Enjôo: Losnas.*³⁹⁶

³⁹⁴ BLOCH, Marc. **A Escrita da História** ou ofício do historiado. Rio de Janeiro: J.Zahar, 2001. p.60.

³⁹⁵ VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987. O termo *mentalidade* deixou de ser apreciado na Nova História por sugerir algo pronto, fixo; preferindo o uso de expressões que sugerem alguma coisa menos estática; algo aprendido e portanto maleável: costumes, hábitos...

Na realidade de Ituiutaba, a benzedeira e a parteira conquistaram, socialmente, credibilidade. A manifestação da prática feminina de amparar, curar e ministrar chás elaborados com ervas do quintal foi e ainda é comum na cidade e isto demonstra o porquê dessa habilidade continuar sendo praticada, desenvolvida, protegida e perpetuada por mulheres. Certamente surgirão outras benzedeadas, outras parteiras, com novas adaptações nas suas práticas, que por sua vez serão transmitidas às mais jovens. Sobre o fato social da existência de reelaborações de antigos hábitos, emerge, como evento não esperado, a profissão das mulheres *doulas*, como novas práticas de partejar, as quais foram refeitas e herdadas das antigas parteiras.

Ainda, nesta pesquisa de campo, sempre foi possível perceber pelos relatos dessas benzedeadas e parteiras o quanto é forte nelas a certeza de possuírem este *dom para amenizar sofrimento e amparar*. Um sentido que acreditam ter sido determinado por algo superior conferido a elas para que pudessem buscar aliviar males. Foram por nós atentamente observadas, pois buscávamos interpretar não somente o dito, mas também o que ficava implícito em suas palavras: a emoção, os gestos, o respirar profundo e a segurança ao dizer:

Peço, pelo poder de Deus, pelo nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que assim seja, porque aonde ele passa nada de ruim vingar-se. Onde ele passou nada embarçou. Que assim seja com os poderes de Deus. Em Nome do Pai, do Espírito Santo. De Deus te abençoe.³⁹⁷

Novamente aqui é possível percebermos que a palavra dita com convicção e fé pode tornar-se poderosa para quem a fala e para os que nela acreditam. Nos ambientes das orações de benzeduras, observamos o ir e vir destas senhoras no seu ofício cotidiano. Captamos semblantes, vimos e ouvimos suas benzeduras. Fomos benzedas: *Senhor! Pelo poder e bondade peço a vossa proteção. Abençoa essa fia Rosane, em nome do Pai – a cabeça e os pés. Abençoa em tudo que assim seja!* Seguiu orações de Pai Nosso e três Ave-Marias.

É possível sentirmos a energia liberada pela fé, é possível perceber o desejo forte transformado em convicção pela força da sua intenção. Observamos os altares erigidos por elas. Examinamos e admiramos os jardins e quintais repletos de ervas e flores. Conhecemos os chamados *Cordões de Lágrimas Santa Luzia*, fios longuíssimos confeccionados com

³⁹⁶ Todas essas ervas para chás e ungüentos foram sendo citadas ao longo da pesquisa oral por variadas vezes e por várias benzedeadas ou parteiras.

³⁹⁷ Dona **Maria**. 70 anos, negra, benze há 33 anos, e se diz católica. Suas benzeções são identificáveis como uma espécie de *passe*, característica da doutrina espírita. Viúva.

lustrosas contas - *Lágrimas* - que jogados em nosso entorno, por sobre a cabeça e caindo aos nossos pés, representava contato de proteção. Nos altares, cuidadosamente montados com forros rendados, flores de plástico acomodam imagens, quadros, alguidares com água limpa. O cheiro de vela queimada está sempre no ar. Tudo parece contribuir numa representação de mulher, tudo simboliza a permanência feminina.

Durante cinco anos de contato em pesquisas dirigidas dentro do tema da representação feminina, acomodada nas figuras das benzedadeiras e parteiras, foi possível delinear uma característica básica destas mulheres, captar sentimentos: são senhoras que demonstram boas intenções, buscando aliviar males, pesos físicos, morais e espirituais. Suas posturas, atitudes emanadas, são de um feminino forte, deixando transparecer um vigoroso poder exalando do seu interior, embora o físico já nem sempre aparente assim. Para essas análises de campo é imposto atenção aguçada articulada à grande sagacidade. Sentimos o próximo e o envolta olhando, enxergando e ouvindo essas mulheres. Suas atitudes, argumentos, posição frente à família, vizinhos ou pessoas que pediam benzeções ou bênçãos. Tudo sugeria algo harmoniosamente crível, perfeitamente próprio com a relação entre o feminino e a competência para amparar. As benzedadeiras têm respeito pelas outras, suas iguais, acreditam elas também nas bênçãos de suas companheiras, mas estão tão convictas de sua força de fé que preferem elas mesmas se benzerem se necessário for; e o fazem quase sempre. Aprendem o ofício com outra mulher, que, na maioria das vezes, pertencente a uma ou duas gerações anteriores, mas recebem também ensinamentos de alguém distante. A fala de Dona Marzira é exemplo desta certeza:

Minha vó era benzedeira e parteira. Minha mãe também. Num aprendi com minha vó nem com minha mãe. Eu acho que não nasci para aprender cum famia minha, senão eu tinha aprendido com minha 'vó. Cuma tia, que sabia muita coisa também. Eu fui aprendê com a *veinha*.³⁹⁸

São cadeias de gerações num processo de reproduções e recriações guardadas em hábitos e tradições populares e religiosas. Com o tempo, resistindo a mudanças e já arraigado em cada sujeito, pode ser observado e estudado o feminino nesse processo social. Ou melhor: relações sociais inseridas na estrutura social e a um só tempo, o feminino fortalecido no

³⁹⁸ D. Marzira. 71 anos, branca, benze há 22 anos. Católica praticante. Casada. Sua casa em Ituiutaba é simples e contornada por um jardim repleto de flores e ervas, o que a torna uma residência de grande beleza e singularidade. Fabrica chás e outras bebidas curativas. Profissão do lar. Além disso, faz crochê e tece no tear. Não mostrou interesse em receber *presentes*.

processo de individualização – uma cíclica (re)criação social fixada pelas parteiras e benzedeadas. Benzedeadas, parteiras leigas, parteiras tradicionais, assistentes, aparadoras, doulas, ofícios hoje reconhecidos como amenizadores, delicado e terno, sereno e deleitoso, tão orgânico e essencial para muitas populações.

Estudar a trama social pela observação das práticas de curas e assistências mútuas é um núcleo de análise privilegiado, pois oferece diversos sentidos que nelas se concentram, pois saúde e doença são campos da vida cotidiana. Houve disputas em torno de variadas correntes buscando o bem estar físico, percebe-se existir aí arenas em que diversos projetos e imagens de nação se chocam. Os arraiais, vilas, currutelas crescem e viram cidades, mas o que ocorre é que os variados *lugares* se reorganizam, , mas crenças não são eliminadas.

Ituiutaba é cidade com 105 anos, que mantém, ainda, costumes e suas raízes sociais.

Duarte expõe que Ituiutaba, *que sempre teve características rurais, recebeu uma impregnação de costumes, adquirindo características culturais mescladas de elementos urbanos e rurais.*³⁹⁹

O estudo dirigido às práticas populares expressas nas práticas de amparo e cura, exercitados por mulheres em Ituiutaba, alargou entendimentos nos significados e representações desses cotidianos vivenciados, pois é possível verificar uma articulação com a questão da sensibilidade feminina. São exercícios vivenciados em emoções, intimidades e consciências próprias, acrescidas com a realidade externa construída, como também com as ideologias, com os saberes, com a consciência social e política.

Sr. João Correia, memorialista ituiutabano e já anteriormente citado, expressa sem afetações sua visão sobre a mulher que benze: *Minha filha, a benzeção é como um bom conselho! Tem que ter confiança e ter fé! P'ra ser benzedeadas tem que ter base sólida. E a mulher tem mais porque é primorosa, é mais solidária.*⁴⁰⁰

Dona Sebastiana, benzedeadas, se vê: *escolhida e merecedora da força de curar.* Acredita que tem o dom de curar e o exercita gratuitamente. *Dom recebido da Graça, Dom Divino,*⁴⁰¹ o que lhe permite dá-lo de volta, pela sua benzeção, para curas de males diversos. Eis a sensibilidade sendo realizada socialmente. A circulação da dádiva entre essas mulheres cria vínculo social entre o dar e o receber. Se a benzedeadas recebeu o dom de benzer de outra benzedeadas, por exemplo, por sua vez, passa a ter em si parte daquela doadora, dado que ficar

³⁹⁹ DUARTE, Márcia Querobina Santos. Dissertação de Mestrado, 2001. p. 11.

⁴⁰⁰ Almeida, João Correia de. Memorialista num seu monólogo sobre benzedeadas.

⁴⁰¹ Dona Sebastiana II. Benzedeadas..

com o dom de benzer também para si, e, se ficar fechado em si, seria amoral e ilícito. Não seria justo, como elas mesmas o disseram. O dom recebido deve circular, pois esta *coisa* recebida de graça não é coisa inerte, precisa circular ou voltar de onde veio. Isto é útil teoricamente para a compreensão da correlação entre dádiva e a subjetividade feminina.

O fenômeno estudado por Mauss - sistema da dádiva - foi analisado em sociedades primitivas, nas quais os nativos mantêm um constante dar e receber numa espécie de corrente contínua em que, em todos os sentidos, os presentes são dados, recebidos e retribuídos. São trocas, não por bens e riquezas, mas por amabilidades: *sistema das prestações totais*.⁴⁰² É deste modo que as dádivas trocadas permearão toda a vida econômica e moral do grupo. Falar de *dom*, ou o simples fato de evocá-lo no mundo moderno, parece anacronismo - sociedade mediada pela competição entre as pessoas. O dom ritual, estudado primeiramente em sociedades pré-mercantilistas, na qual desempenhou importante papel, não era de forma alguma um dom caritativo, mesmo se baseando num sistema de oferendas, era uma forma de prestação de serviço sem conotação econômica, inserido em três obrigações que o caracteriza: *dar, receber e retribuir*.

O *dom* analisado e observado nas mulheres estudadas: benzedoras e parteiras - obedece este princípio básico estudado por Marcel Mauss:⁴⁰³ possui em si o princípio das três obrigações citadas uma vez que essas mulheres, ao receberem o *dom* de benzer e partejar, recebem-no como algo que deve ser devolvido, deverá ser doado para os que dele tiver proveito, e, mais ainda, vivenciado numa sociedade capitalista, sobrevive alheio à regras desse sistema que exigiria a venda dessas benzeções e dos partos. Isto não ocorre. Não há vendas, não há dinheiro envolvido nos ofícios de benzeduras, e nas práticas dos partos existem sim as trocas: roupas, panos, sabão, álcool. Verificamos que essas mulheres são e continuam pobres, moram em casas singelas e se vestem com o básico, vivendo e vencendo a vida, doando diariamente seu *dom* de curar. Assim, o feminino vivido por essas mulheres é possível em termos de uma organização de vida social fora das regras do modo de produção capitalista.

Cuidam da casa, da roupa, das crianças, dos doentes, da família e procuram seu espaço ali mesmo dentro da sua casa, exercendo suas particularidades, ofícios recebidos como dádivas.

Neste sentido, teoricamente, é possível correlacionar os estudos sobre o sentido da dádiva realizado por Mauss com a representação social da sensibilidade feminina. Ou melhor,

⁴⁰² MAUSS, Marcel. 2003. p. 191.

⁴⁰³ Idem.

compreendermos que os *dons* assumidos pelas benzedeadas Sebastiana, Irma, Marzira, Maria, Jeza, Raimunda, Mariinha e pelas parteiras Luca e Sebastiana II, podem conter uma espécie de espírito ou algo que está posto, mas não se vê, guardado na coisa recebida (*dom*), como o que foi verificado como *hau*, e estudado por Mauss:

Vou lhes falar do *hau*...

O *hau*, não é o vento que sopra. De modo nenhum. [...] O *hau* é como se fosse algo vivo [...].

É o espírito do *taonga* (presente).

Devo dá-los de volta, pois são um *hau* (do presente dado).⁴⁰⁴

Há um sentimento ou uma obrigação implícita de que aquilo que foi dado, portanto recebido, e que deve ser novamente doado. Aqui parece estar contido um dos sentidos que move a arte e o ofício de proteção e cura das benzedeadas e parteiras. Este *bem* ou *dom* das parteiras e benzedeadas possui assim um *hau*, que é como se fosse algo vivo, um espírito que sempre deve ser retribuído: *devo dá-los de volta, pois são* como o *hau* do *dom* que recebi. O *dom* recebido por essas mulheres não é coisa inerte, Dona Maria explica à sua maneira:

Eu tinha a minha sogra, ela benzia. Aí ela falou:

-Maria, Deus tá perto de me chamá, você vai ficá encarregada dessa missão. Vai ficá benzendo.

Aí eu falei. - Ô Dona Badia, eu nunca benzi.

- Eu te ajudo e Deus te ensina.

Aí veio aquela... Aí eu comecei [...] fui recebendo aquele *dom*.⁴⁰⁵

As ações característica do sistema da *dádiva* podem ser entendidas naquilo que as benzedeadas e parteiras pensam de si próprias, um entendimento possível dentro da trilogia ***dar, receber, retribuir*** analisada por Mauss. De fato, o sistema das dádivas faz circular as *coisas*, as quais são dadas e retribuídas. Eis como se configura a interação entre a prática da dádiva e o sentimento feminino representado na arte e ofício das benzedeadas e parteiras. A sensibilidade feminina trabalhada pode ser explicitada na realização das dádivas e, por meio do exercício social da dádiva, podemos observar a sensibilidade feminina.

⁴⁰⁴ MAUSS, Marcel. 2003, p.198. Diálogo de um nativo Maori, analisado por Mauss na Poninésia.: o espírito das coisas. Para ver mais : Cap. I, p. 194-200.

⁴⁰⁵ Dona Maria. Benzedeadas..

Dona Sebastiana II explica que benze: *Com Nossa Senhora! Só que eu não sabia na época que era Ela... eu não queria acreditar.*

A prática de dádivas, ou de *dons* dados como *dádiva*, são ações que possibilitam o vínculo social; excede o valor de mercado já que não é explicado por ele. Não está postulado no interesse, em contratos ou normas, estando circunscrito numa dinâmica compreendida em três obrigações: dar, receber, retribuir. A dádiva é compreensível quando é analisada com o princípio da liberdade dos atores sociais. O *dom* é recebido de graça e de graça é dado. Para Mauss: *compreende-se logicamente, nesse sistema de idéias - que seja preciso retribuir a outrem o que na realidade é parcela de sua natureza e substância.*⁴⁰⁶ É deste modo que a *natureza e substância* protegida no feminino e manifestada nas práticas da *dádiva* configura a individualização deste feminino representado pelas parteiras e benzedadeiras.

Dona Sebastiana I define claramente: *se recebeu o dom é preciso dar de vorta.* Aqui está claro: é uma dívida voluntária. Apreendemos que o exercício da dádiva é prazeroso, é desejo, não obediência; é moral. A dádiva não persegue ou visa retribuição, mas visa reciprocidade ou equivalência entre as pessoas envolvidas. O dom dado como dádiva não se fecha em si mesmo, circula entre os parceiros, pois estes valorizam o prazer da dádiva. Jacques Godbout, autor de *Homo Donator versus Homo Oeconomicus*,⁴⁰⁷ bem o define, dizendo que *o dom é um jogo constante entre liberdade e obrigações.*⁴⁰⁸ Analisado por Marcel Mauss⁴⁰⁹ entre as sociedades primitivas e denominado de *sistema das prestações totais*.

A dimensão social da mulher, como um sujeito histórico,⁴¹⁰ por meio do exercício da sensibilidade, abre saídas do cerco determinado pelo social para se fazer individualmente, mantendo-se, entretanto, inserida na trama social. Obviamente, se faz na relação com os outros, na relação com o mundo externo, isto é, a realidade construída pelo social e cultural, expressando, assim, cotidianamente, a *sensibilidade feminina*, exercendo, induzindo seus desejos subjetivos, atenta ao mundo circundante.

Veja como Dona Sebastiana I, expressa sua maneira subjetiva de benzer: *Eu benzo como elas benzia, e benzo como meu coração manda:*

⁴⁰⁶ MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. **Ensaio Sobre a Dádiva**. São Paulo: Cosac&Naify, 2003, p. 200.

⁴⁰⁷ MARTINS Paulo Henrique. **A Dádiva entre os Modernos**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2002, p. 63-76.

⁴⁰⁸ Idem. p.76.

⁴⁰⁹ MAUSS, Marcel. 2003.

⁴¹⁰ Indivíduo e Sujeito não são sinônimos: Eugène Enriquez In: **Mulher e Subjetividade**. (Org.). Elvira Barreto Cardoso. Maceió. 1997. Sujeito humano é aquele que tenta crescer no mundo e para o mundo para então poder transformá-lo. Sujeito é um ser histórico. Indivíduo seria o homem conformado, sem autonomia, massificado. Sujeito é pois o oposto de Indivíduo.

Eu sei benzê do jeito que minha mãe benzia e sei benzê também do jeito que as outras [benzedeiras] benzia também. Eu benzo como elas benzia, e benzo como meu coração manda.

Eu não benzo mais com brasinha porque eu não tenho. Eu benzo com raminho.⁴¹¹

Dona Luca⁴¹², parteira por várias gerações, fala de sua fé e experiência, sempre observando conhecimentos de outras que - *vieram antes de mim*, e sempre dividindo com as *mulheres que amparava, suas necessidades*, mas sempre seguindo - *meus rumos*. Exercitando, portanto, sua sensibilidade:

A gente fazia assim...a gente olhava a paciente, a gente procurava observar. Eu me admiro da orientação que Deus dava. Saber como a gente sabia, que era a hora [do parto], ou outra coisa, uma pressão alta por exemplo. Quando ela [a parturiente] ia ficando mole, quando ela ia ficando cansada, já aí a gente corria num chá de ervas. Erva-cidreira, erva-doce: para acalmar. Flores de Verbena ou Peônia: para dores e febre. Roseira- brava e Maravilha: para urinar e desinchar.

O social manifesta-se com o semelhante e, também, a individualidade da mulher, ocupando um lugar específico no interior de sua sociedade, fazendo parte da trama, da *rede social*. Deste modo, eis uma inferência: as mulheres são sujeitos que se refazem e recondicionam socialmente. Este processo de fazer-se, individualmente, é também construído pelas subjetividades que são próprias do mundo moderno. Por exemplo, o partejo popular deve ser visto como um trabalho social, pois parteira e parturiente têm inter-relações que combinam interesses, afinidades seletivas entre duas mulheres. Daí, pode-se concluir: as grávidas, atualmente, estão voltando ao desejo de ter bebês de forma mais *natural*, para serem sujeitos desse processo de individualização, com maior participação pessoal. Este fenômeno vem gerando o surgimento de novas parteiras: *as doulas*. Isto é, o reencontro do espontâneo com a institucionalização da parteira - relação virtuosa entre a medicina tradicional e a parteira tradicional. Há uma dinâmica entre esses níveis culturais: erudito e popular que Ginzburg⁴¹³ chamou de fluxo e influxo entre indivíduos e cultura, que o fez propor o conceito de circularidade.

⁴¹¹ D. Sebastiana. Benzedeira.

⁴¹² D. Luca. Parteira..

⁴¹³ GINZBURG, Carlo. 1987. p.4.

Eis a circularidade social entre o plano da produção social e do ofício de cura advindo da manifestação da sensibilidade feminina no ato de partejar. Isso gerou um fenômeno social não especulado: a volta das parteiras, agora treinadas por antigas senhoras desse ofício, ou por médicos e enfermeiras. A medicina científica aproximando das parteiras e vice-versa. É assim que se expressa a circularidade de conhecimentos, uma vez que passam ali a dividir anseios e idéias, proporcionando fortalecimento entre os participantes: *circularidade cultural*, ou seja, o ofício da parteira sendo praticado e, ao mesmo tempo, atendendo desejos e chamados de pessoas pertencentes a diferentes classes econômicas, sociais e culturais.

É obvio que as benzedeiras e parteiras analisadas nasceram, evidentemente, numa sociedade: internalizaram valores e crenças, como também um conjunto de regras sociais, mas, ao mesmo tempo, foram capazes de criar maneiras novas de interação social: fizeram escolhas, tomaram decisões, interferiram na realidade social, gerando relações sociais antes inexistentes. Do ponto de vista histórico, não se nasce mulher nem homem, torna-se uma pessoa no plano social capaz de participar desse processo de criação da realidade social, conseguido por meio de exercício que culminará com a individualização do sujeito.

A individualização das parteiras e benzedeiras é desenvolvida pela sua interação particular com a sociedade, compondo, deste modo, a rede social, ou seja, faz parte de um todo sendo também individual. Essas mulheres estão nos subúrbios, no trabalho e também junto a seu altar rezando. A fé surge como condição primeira para se acreditar no poder do dom sagrado de curar e amenizar males. O espírito da solidariedade permeia o ofício das benzedeiras e parteiras, pois na crença delas, e conforme é entendido por Mauss, o dom é uma graça recebida que deve ser partilhada com os semelhantes. Não acreditar num poder sagrado, capaz de curar e aliviar males, é negar o mundo mágico; é desmagificar o mundo, é, diria Weber, *o desencantamento do mundo*.⁴¹⁴ Não é possível que ocorra abruptamente novos costumes, novos desejos e, portanto, novas práticas sociais para movimentar o mundo do homens, pois é necessário que haja transições entre um modelo e outro; e isto só é possível em longos tempos vividos.

Para ocorrer mudanças, é necessário que haja transição de um nível de hábito já em uso, para o outro a ser inserido, e nesse período, é natural sentimentos de perdas. Uma integração de costumes não-planejados ou entrelaçamento mais global entre as tradições, além

⁴¹⁴ WEBER, Max. In: PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do Mundo**. 2003

de lentos e doídos, são por vezes, castradores. Aniquilam, enfraquecem comportamentos e modos de ser e pensar edificado em várias gerações.

Serão necessárias várias gerações, muitas ondas de resistências, para que haja assimilações inteiramente inovadoras, e, mesmo assim, pode ocorrer o *efeito trava*, analisado por Elias,⁴¹⁵ caracterizando a perpetuação de fragmentos de costumes e tradições de um passado que sobreviverá muito ainda, conceituado pelo sociólogo como solidificações de tradições que sobrevivem. É o que ocorre com os hábitos e costumes das práticas de benzeção e partejos, exercitados por figuras femininas. Mantêm-se por incontáveis gerações, ocorrendo, o que é esperado, algumas inovações, próprias do passar dos tempos, pois que nada é absolutamente estático.

Este fenômeno social pode ser observado com o surgimento das novas parteiras: as *doulas*,⁴¹⁶ que em seu movimento de incentivo e volta aos partos naturais - *partos humanizados*, vem ocorrendo nos últimos vinte anos. *Doulas* são, como dissemos, mulheres treinadas para resgatar práticas do parto natural que suporíamos desaparecer por falta de incentivos a este ofício. Conforme explica Mariana,⁴¹⁷ médicos e enfermeiras cada qual têm sua função tão definida no *cenário do parto* que deixam uma lacuna. As indagações mais freqüentes dessas parteiras que buscam um parto mais ‘humanizado’, são: *quem cuida do bem estar emocional da mãe? Quem se encarregará de suprir essa demanda de emoção, afeto, que não cabe a nenhum outro profissional dentro do ambiente hospitalar?*⁴¹⁸

Dona Luca dá uma aula de seu carinho, *de fazer nascer criança*:

O neném nasce. Tudo tem que tá quentim. Vê que respira, embrulha... tem que sê assim, se a criança pega vento: constipa.... porque a criança nasce saindo fumaça de tão quentim... tava lá dentro. Tem que embrulhar tudo, deixa só o narizim de fora. Depois deixa lá, quetim, vai acudir a mãe. 419

⁴¹⁵ ELIAS, Norbert. 1994. *Efeito Trava: A estrutura social de personalidade dos indivíduos... é relativamente duradoura. Opõe-se a todas as inovações acarretadas pela transição para um novo nível de integração. No caso da transição da tribo para o Estado, a pressão do desenvolvimeno, é tão imensa que, a longo prazo, a resistência em nome da tribo não consegue lograr êxito. Mas em geral são necessárias três gerações para que esses conflitos processuais se atenuem.* p. 175

⁴¹⁶ DOULA. A palavra *Doula* vem do grego - *mulher que serve*. Hoje indica mulher que dá suporte físico e emocional a outras mulheres *antes, durante e após o parto*. In: site <http://doulas.com.br/doulas/html> - 08/08/2006.

⁴¹⁷ MESQUITA, Mariana de. É acadêmica em Artes Cênicas na UFU; desenvolve estudos para atuar como parteira, *doula*, assistindo, orientado, apoiando a parturiente para dar à luz num modelo de hábitos naturais, mantendo as tradições.

⁴¹⁸ *Quem são as Doulas?* Ver mais , In: Doulas do Brasil. <http://doulas.com.br/doulas.html> .

⁴¹⁹ Dona Luca. Parteira.

Esta demonstração de carinho de Dona Luca, unida à experiência do ofício que exigia ao mesmo tempo atitude rápida da técnica do fazer nascer, demonstra o quão confiante e solidária foi na sua prática da dádiva. Quando fala: *tava lá dentro, quentim, percebemos* o amor que esta senhora sente por aquele corpo de mulher que foi capaz de manter tudo ideal para seu filho até o nascer. Assim, é que cria os meios, rápida e amorosamente, para que tudo não seja brusco e frio. Dona Luca, aqui de fora, deu continuidade ao ser mãe: *embrulha tudo...deixa só o narizim de fora...*

Vemos o amor de doação exercitado pela subjetividade feminina. O corpo desta parteira foi um sensor; um mensageiro e um veículo com capacidade e qualidades de mãe. O corpo fala! Com este propósito, as leituras sobre a subjetividade feminina mostraram que esta subjetividade pode, de fato, funcionar como mensageira e veículo, possibilitando um movimento que resulta numa força física e psíquica energizante, estimulando mente e corpo. Esta percepção incentivou a pesquisa de novos conhecimentos por meio de estudos da história cultural, numa tentativa de entendimento para essa predisposição à doação e amparo que está presente na mulher. Neste sentido, Matos contribuiu de forma desafiadora ao afirmar *que grande parte dos segredos a serem conhecidos ainda estão encobertos por evidências inexploradas.*⁴²⁰

Quanto às benzeções praticadas por mulheres, percebemos essa mesma força interior exalada dessas senhoras quando as vimos, ouvimos e sentimos em suas ações: pudemos perceber intenções subjetivas e novamente verificar a possibilidade de que o desejo forte de cuidar, proteger e amparar surgem como uma subjetividade instintiva.

Ao conectarmos o moderno com o antigo, cruzando-os em vários momentos da história, adveio a possibilidade de vislumbrar o que se apagava ou diluía, o que desagregava e o que solidificava desses sentimentos e ações. Vemos esta engrenagem em movimento como o desejo da subjetividade. Manifesta-se em estado consciente num sentido íntimo, ou no inconsciente, ou pode ainda ficar guardado na vida psíquica de forma enraizada. O exercício desse músculo, que denominamos de subjetividade feminina, trará, em ações particulares de dádivas, (não mercantilizadas), regadas com confiança, solidariedade e prazer de doação, difíceis de serem entendidas no mundo contemporâneo.

As mulheres trabalham sua subjetividade de forma arguta, buscam, com uma espécie de antenas próprias, aquilo que lhes é essencial e este comportamento parece peculiar, talvez, por isso, é reconhecido como uma *intuição do feminino*. Quanto ao *dom*, ou de outra

⁴²⁰ MATOS, Maria Izilda. **Por uma história da Mulher**. Bauru: EDUSC, 2000, p.21

forma, a predisposição ao mais sensível, esta pode se manifestar exteriormente ou se manter adormecida, ao que entendemos como estágio latente do dom. Percebemos, assim, que este *dom* pode ficar oculto ou não se manifestar, ou, ainda, precisando ser exercitado. A chamada *intuição feminina*, ou seja, sua sensibilidade aguçada, é capaz de manifestar-se socialmente no sentido do *dom*, quanto mais apurada e exercitada for.

A *intuição feminina*, uma vez exercitada, desenvolvida, é capaz de produzir socialmente o *dom* para doações de amparo e desejos de curas. De fato, essa sensibilidade aguçada, que poderia encontrar-se em estágio letárgico, passa a se manifestar tal qual um órgão olfativo, tátil e auditivo. Pode-se deduzir que a intuição e o *dom*, unidos, passam a ser indivisos no exercício de partejar e benzer. Daí que percepção, fascínio, bênção, cumplicidades das mulheres tornam-se a manifestação de suas subjetividades.

Finalizando, felizmente, muitos estudiosos mergulharam anteriormente em análises do feminino, percebendo ou não a sensibilidade subjetiva que exercitada, torna-se potencializada, nas caracterizações evidenciadas nas ações de dar, amparar, proteger. Todos estudos anteriormente trabalhados indicaram-nos caminhos teóricos e novas hipóteses. Por meio das fontes exploradas pela pesquisa oral, desenvolvemos sensibilidades com as quais trilhamos caminhos enriquecidos por novas visões, fomos sendo nutridas, apreendendo e acumulando percepções. Teórica e metodologicamente, a experimentação unida à prática, fascinou e contagiou inicialmente, dando lugar, um pouco tempo depois, à uma espécie de pânico, quando ciente das dificuldades que o turbilhão de posicionamentos e diretrizes que deveriam ser seguidos imporiam.

Entretanto, amparada pelo desejo de prosseguir no trabalho que nos fascina, continuamos, firme, e, muito mais segura, tal como Albert Einstein:

Quando comecei redigir, cheio de confiança, verifiquei logo em que terreno escorregadio me aventurava. Porque sou um escritor inexperiente, só me arriscando com prudência até aqui a falar sobre física [...], mas um pensamento me consola. Quem fez a experiência de pensar em outro domínio sobrepuja sempre aquele que não pensa de modo algum ou muito pouco.⁴²¹

Dona Mariinha dá uma receita para combater *tristuras*:

Queimar numa telha com brasas alguns ramos de alecrim e de louro, junto com uma mão de sal marinho e um fio de azeite virgem. Defumar a casa três

⁴²¹ Albert Einstein. **Como vejo o Mundo**. p.44

noites seguidas, dizendo com muito fervor: ‘Espíritos do bem, descei sobre mim vossas bênçãos. Fazei com que meu coração serene, minha visão clareie, meu espírito de desanuvie e minha alma se alegre!’⁴²²

⁴²² Dona *Marinha*. Benzedeira

II - FONTES DOCUMENTAIS

IBGE – Ituiutaba – Publicação Comemorativa do 3º aniversário do Gov. Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira - 31.01.59

Códigos Municipais - Ituiutaba

Ituiutaba. LEI Nº. 1363, DE 10 DE DEZEMBRO DE 1970.

Institui o Código de Posturas do Município de Ituiutaba e dá outras providências.

Códigos Sanitários - Ituiutaba

LEI Nº. 3.237, DE 11 DE JUNHO DE 1997. Institui o Código Sanitário do Município de Ituiutaba -MG e dá outras providências.

Jornais

- Ituiutaba: *Vila Platina* ano 1902: *Folha de Ituiutaba*; *Jornal do Pontal*;
- Folha de São Paulo
- Estado de São Paulo
- Estado de Minas

Revistas

- Ituiutaba. O Centenário. Prefeitura Municipal de Ituiutaba. Fundação Cultural de Ituiutaba. 2001- Ano do Centenário.
- Acaiaca. Ituiutaba.
- Revista Época. Editora globo
- Revista Veja. Editora Abril
- Revista Nossa História. Editora Vera Cruz.
- Revista Ciência & Saúde. Scientific American Brasil. Editora Silvia Campolim.
- Seleções do Reader's Digest. Editora Reader's Digest Brasil Ltda.

Filme

Filme *Mensageiras da Luz Parteiras da Amazônia* de Evaldo Mocarzel – Apoio BNDES

Música

Letras e Música – Martinho da Vila *Benzedeiras Guardiãs*.

Literatura e Memorialistas

- CHAVES, Petrônio Rodrigues. A Loja do Osório. Ituiutaba. 1984.
- MACHADO, Odilon. *Ituiutribos e Aventuras de Samba Lelê* – Não publicado.

VI - FONTES ORAIS

Histórias de Vida Benzedeiras, Parteiras, Memorialistas, Voluntárias.

Foram tomados 18 depoimentos, seguindo metodologia proposta pela História Oral num modelo de entrevistas semi-dirigidas, as quais foram gravadas e transcritas: Documentadas e fotografadas.

Benzedeiras e Parteiras:

D. Aparecida. Idade desconhecida, negra, iniciou suas benzeções *mocinha ainda nova*, após longo tempo entrevada na cama. Espírita. Tem um cômodo próprio ao lado de sua casa, onde faz benzeções. Este lugar é uma espécie de templo ou centro espírita. Casada. Suas filhas, netos e vizinhas estão constantemente em sua volta. Sua cozinha possui uma aparência de senzala. O fogão de lenha sempre aceso, cozinha sem parar. O teto é baixo e negro de fumaça. Foto, documentando, em anexo. Solicita abertamente benefícios, em forma de mantimentos, roupas, dentre outros.

D. Jeza. 64 anos, mulata, iniciou suas benzeções quando *mocinha*. Viúva, cuida em sua casa de parentes doentes dando assistência aos filhos casados, noras e netos. Sua profissão é do lar. Não mostrou interesse em aceitar presentes como forma de agradecimento.

D. Irma Martins Alves dos Santos. É benzeira de crianças e adultos. Tem 60 anos aproximadamente. Fabrica misturas com ervas e cascas como veículo para curas. Faz doces em calda para comercializar. Praça Alan Kardec. Bairro Ipiranga. Ituiutaba.

D. Maria. 70 anos, negra, benze há 33 anos, e se diz católica. Suas benzeções são identificáveis como uma espécie de *passe*, característica da doutrina espírita. Viúva. Foi empregada doméstica e hoje é aposentada. Em sua casa moram filhos e netos. Aceita *agrados* como velas, sabão ou roupas velhas. Observação: Dona Maria morreu ano passado, 2006.

D. Maria Mendes. Já falecida. Foi benzedeira antiga na cidade. Era ritualística, benzia só crianças, sempre usando um raminho de alecrim e água. Cada mãe ou acompanhante deveria levar uma telha virgem onde era depositado carvão em brasa que era apagado com água fria, fervida, após a benzeção.

D. Marzira. 67 anos, branca, benze há vinte e dois anos. Católica praticante. Casada. Seu jardim é repleto de flores e ervas. Fabrica chás e outras bebidas curativas. Profissão do lar. Faz crochê e tece no tear, como fonte de *uma pequena renda*. Não mostrou interesse em receber presentes como forma de agradecimento.

D. Mocinha. Benzedeira. Branca, viúva, mãe de família. Pobre. Entrevista interrompida por óbito. Benzia num cômodo próprio para suas rezas – velas acesas, terço e altar com imagens de seus santos protetores. Iniciava entregando um pequeno livro de oração para que a benzida lesse em voz alta. Conheci-a já bem velhinha e doente.

D. Raimunda. Benzedeira, nordestina, 35 anos aproximadamente. Casada, com filhos, acompanha o marido lavrador nas lidas como *caseira* em fazendas.

D. Sebastiana I. 65 anos, branca, benze ao ar livre desde 8 anos de idade. Católica convicta. Casada. Sua casa é cheia de filhos, genros, netos, sobrinhos, vizinhos. Exerce as profissões de lavadeira e passadeira. Não mostrou interesse em adquirir benefícios em troca de seu *dom*.

D. Sebastiana II. 60 anos, mulata, católica. Iniciou suas benzeções na idade de *menina*. Tem uma capela ao lado de sua casa onde se reúne com fiéis aos domingos. Suas orações são um misto de catolicismo com espiritismo. Esta mulher reza amparada pelo Evangelho Espírita. Viúva. Possui filhos adultos. No passado foi parteira, hoje sua profissão é benzedeira. Aceita presentes tais como, carne, frutas etc.

D. Sianinha. Falecida. Foi a minha benzedeira de criança. Benzia com brasa acesa numa colher que depois era apagada com água. Tinha sempre nas mãos um raminho que, segundo ela, murchava quando a criança estava mesmo acometida de mal *passado*. Morava no Alto da Abadia, era muito querida e respeitada.

D. Luca. Wailde Domingues da Silva, 79 anos, negra. parteira. Depoimento oral colhido em 15 de junho 2006. Ituiutaba. Foi parteira durante 40 anos, abandonando esta prática (segundo ela), há pouco mais de 5 anos. Hoje é doceira.

Observação: Dona Luca morreu em Agosto de 2006 durante a construção dessa dissertação. É dela a fotografia das mãos com terço, tirada por Fernando Borges Marquez de Andrade.

Outros Depoimentos Orais:

Maria Aparecida de Menezes. Nascida no Norte, casada, costureira, do lar, três filhos; 4 netos, moradora em Ituiutaba. av. 17.A. Idade de 55 anos.

Maria Aparecida Medeiros Araújo. Natural de Florânea. R.G.do Norte. Idade de 35 anos aproximadamente. Reside em Ituiutaba há 21 anos. Tem 4 filhos (nascidos em hospital) com idades de 18, 21, e 24 anos. É casada, costureira, sobrinha de Maria Aparecida de Menezes.

Práticas voluntárias:

Mariana Mesquita. 30 anos, casada. Recebe treinamento para prática de Doula. Aluna do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Maria de Fátima da Costa. Fátima da *Farmacinha da Terra*. Entrevista elaborada sem aviso prévio em 15 de outubro de 2005, no ambiente do voluntariado, em Ituiutaba. Fundadora e dirigente da *Farmacinha da Terra* – Farmácia Alternativa, fundada em 1981 – cujo local é destinado ao plantio, colheita, seleção, manipulação e distribuição de remédios naturais.

Profissionais das Ciências Médicas:

Dra. Ivana Abdo Martins. Médica. Presta orientação voluntária à *Farmacinha da Terra*. Utiliza e prescreve remédios naturais ali elaborados, misturados aos ingredientes naturais por ela determinado, sob orientação de Sr. Fátima diretora da *Farmacinha da Terra*.

Dra Ivana desenvolve uma medicina híbrida com ciência e o mundo natural. Pesquisadora atualizada, trata do corpo sem esquecer que a mente é parte do todo.

Dr. Alceu Vilela. Médico, radiologista. Figura muito respeitada em Ituiutaba. Atua em Hospital onde é sócio cotista – Mater Dei. Casado, pai e avô, é honrado e querido por todos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. **O Que é Cultura Popular?** São Paulo: Brasiliense, 1990.

ARIÈS, Philippe. **A História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

Arte nos Séculos. Enciclopédia: Abril Cultural, vol. 1/6. 1969.

BARROS, Maria Nazareth Alvim. **As Deusas, As Bruxas e a Igreja: Séculos de Perseguição**. Rio de Janeiro: Record, coleção. Rosa dos Tempos, 2001.

BASTIDE, Roger. **O Sagrado Selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Cia da Letras, 2006.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERNARDES, Carmo. **Quarto Crescente** (relembrações). Goiânia. U.F.G., 1985

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Publicações Europa – América, 1963.

_____. **Apologia da História ou Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

_____. **Os Reis Taumaturgos**. Cap. I. O Toque das Escrófulas e sua Popularidade até o final do século XV.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BORGES, Dulcina Tereza Bonati. **A Sedução da Psicanálise nas Revistas Femininas Claudia e Nova**. In: Caderno Espaço Feminino. Uberlândia, vol. 6, n. 6. jan/jul., 1999.

_____. **As Mulheres, as Famílias, o Trabalho e a Sexualidade na Sociedade Escravista Colonial Brasileira**. NEGUEM - Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher. Uberlândia. n.14, ano 7. 1999.

BORGES, Marlene de Fátima Freitas. **Restos de Manhã**. Análise do Brincar nas décadas de 50 e 70 na região do Pontal do Triângulo Mineiro. Dissertação de Mestrado. UFU – Uberlândia, 2001.

BOSI, Antônio de Pádua. **Saberes e Práticas de Cura no Brasil do Final do séc. XIX: a criminalização dos curandeiros**. Caderno de Pesquisa do CDHIS, Uberlândia, n.30, ano 15. 2002.

BOUTRY, Philippe. **Da Historia das Mentalidades à História das Crenças. La Possession de Loudun**, 197, In: Trabalhos da Memória, Projeto História, 17, PUC. São Paulo: Educ, 1998.

BRADLEY, Marion Zimmer: **As Bruxas de Avalon** . A Grande Rainha. 20ª edição. Livro 2. Rio de Janeiro: Imago editora Ltda.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500 – 1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **A Escrita da História** - Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

BUSTAMANTE, Luiz Augusto Lourenço. **A Oeste das Minas**. Escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista. Triângulo Mineiro.(1750-1861). Dissertação de Mestrado .Uberlândia: 2002.

CABRAL, Álvaro & NICKI, Eva. **Dicionário Técnico de Psicologia**. 11ª edição. São Paulo: Cultrix.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: Edusp, 1998, p. 206.

CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion. & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARRARA, Douglas. **Possangaba. O Pensamento Médico Popular**. Rio de Janeiro: Ribro Soft, 1994.

CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

CERTEAU, Michel de. **Da História das Mentalidades à História das Crenças**. Philippe Boutry. In: Revista Projeto História. São Paulo: 1998.
_____. **Invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHALHOUBB, Sidney. **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. (Org).Campinas: UNICAMP, 2003.

CHAVES, Camilo. **Caipônia**. Romance da Terra e do Homem do Brasil Central. Ituiutaba-MG, 1998.

CHAVES, Petrônio Rodrigues . **A Loja do Osório**. Edição do autor. Ituiutaba. 1984.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação: Estudos Avançados**. São Paulo: Vol.5, nº11. 2002. p. 173-190.

_____ **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____ **Do Palco à Página: Publicar Teatro e Ler Romances Na Época Moderna (Séculos XVI-XVIII)**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

_____ **Á Beira da Falésia: A História Entre Incertezas e Inquietude**. Porto Alegre: Universidade/ UFRGS, 2002.

COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República**. Momentos decisivos. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga. Estudo sobre o Culto, o Direito e as Instituições de Grécia e de Roma**. 10ª ed. Livraria Clássica. Ed. Lisboa.

DALL'Ava-Santucci, Josete. **Mulheres e Médicas: As pioneiras da Medicina**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

DEL PRIORI Mairi. BASSANEZI, Carla.(Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 8º ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DI CIOMMO, Regina Célia. **Relações de Gênero, Meio Ambiente e a Teoria da Complexidade**. Universidade Estadual de Passos – MG.

DUARTE, Márcia Querubina Santos. **Raízes Rurais na Vivência Urbana: Persistências, Desistências, Recriações**. 1970-1985. Dissertação de Mestrado UFU, Ituiutaba- MG, 2001.

ELIAS, Norbert. **Mudanças na Balança NÓS-EU**. 1897-1990. Parte III. In: **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro : J. Zahar , 1994.

_____ **Escritos & Ensaios** Rio de Janeiro: J. Zahar , 2006.

Enciclopédia Contemporânea de Psicologia e Relações Humanas. São Paulo: Brasileira, 1986.

ENRIQUEZ, Eugène. in: **Mulher e Subjetividade**.(Org.). Elvira Barreto Cardoso. Maceió, 1997.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERREIRA, Eliane Schmaltz, **Rede Cerrado de ONGs: Novos Códigos de Sociabilidade e a Perspectiva de Gênero**. Tese de Doutorado. USP – São Paulo: 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; & NORAKER, Henry. **O livro das Religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GARRIDO, Joan Del Alcàzar . **As Fontes Orais na Pesquisa Histórica: uma contribuição ao debate**. Rev. Brás, de História. São Paulo: v. 13 nu. 25/26 set/ago., 1993.

GAY, Peter. **Freud para Historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GIBRAN, Khalil. **O Profeta**. Porto Alegre: L&PM. 2002.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira: Nove Reflexões Sobre a Distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____ **O Queijo e Os Vermes**. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____ **Os Andarilhos do Bem**. Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____ **História Noturna**. Decifrando o Sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____ **Mitos Emblemas e Sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Cia das Letras, 1989

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na vida Cotidiana**. 5ª edição. Petrópolis, Vozes, Coleção Antropologia, 8, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **História e Memória**. Reconstrução do Passado: Memória Coletiva e História. São Paulo: 2001.

_____ **A Memória Coletiva**. Edições Vértice, São Paulo: 1990.

HENRICH, Kramer & SPENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras. Malleus Maleficarum**, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **A Época Colonial**: administração, economia, sociedade. In: História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: Bertrand Brasil, 1985.

_____ **Raízes do Brasil**. in: Intérpretes do Brasil . Rio de Janeiro : Nova Aguilar , 2002.

_____ **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Cia.da Letras, 1994.

IBGE- **Enciclopédia dos Municípios Mineiros**. Rio de Janeiro: 1959.(Acervo CDHIS. UFU).

JANAÍNA, Amado. História e Região: Reconhecendo e Construindo Espaço. In: **República em Migalhas História Regional e Local**. São Paulo: Marco Zero, 1990. p.7-5.

JANOTTI, Maria de Lurdes Mônaco & ROSA, Zita de Paula. **História Oral: Uma Utopia?** Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, Vol. 13, n. 25/26, set., 92-93.
KAZANTZAKIS, Nikos. **Zorba o Grego**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

KHOURY, Yara Aun. **Narrativas Orais na Investigação da História Social**. Rev. Proj. História, São Paulo: 2001.

LE GOF, Jacques & NORA, Pierre. História: **Novos Objetos**. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Imprensa Oficial do Estado/Edusc.

MACHADO, Maria Clara. **Religiosidade no Cotidiano Popular Mineiro**: Crenças e Festas como Linguagem Subversivas. In. História e Perspectiva. Uberlândia – MG., jan/jun, 2000.
_____. **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)**. São Paulo: 1998. Tese de Doutorado em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

MAGALHÃES, Núbia Pereira de. & PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se Benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUFJ/ Mazza Edições, 1989. p. 19.

MARANHÃO, Ricardo. **O Governo Juscelino Kubitischek**. Brasiliense. São Paulo: 1981.

MATOS, Maria Izilda S. **Por uma história da Mulher**. Bauru: EDUSC, 2000.

_____. **História das mulheres e gênero: usos e perspectivas**. Caderno Espaço Feminino. Uberlândia-MG, vol.3, nº1/2. jan/dez. 1996.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELLO e SOUZA, Laura. **O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____. **A Feitiçaria na Europa Moderna**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Inferno Atlântico: Demonologia e Colonização séculos XVI – XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Opulência e Miséria das Minas Gerais**. São Paulo: Brasiliense, 5ª edição. 1994.

MICHELET, Jules. **A Feiticeira**. 500 anos de transformações na figura da mulher. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. **A Mulher**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MOTT, Luiz. **Cotidiano e Vivência Religiosa: Entre a Capela e o Calundu**. in: **História da Vida Privada no Brasil: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa (Org)**. Laura de Mello e Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MURARO, Rose Marie. **Textos da Fogueira**. Brasília: Letraviva, 2000.

NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. Cotia: Ateliê Editorial, Londrina. PR. EDUEL. São Paulo: Oficina do Livro, 2003.

NORA, Pierre. **Entre História e Memória: a problemática dos lugares**. Rev. Pesquisa História, 1993.

NOVAIS, Alísio Silva. **História Antiga de Ituiutaba**. 1974.

PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. Rio de Janeiro. Livraria José Olímpio Editora. 1958.

_____. **Chapadão do Bugre**. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1965.

PEDRO, Joana Maria. **Práticas Proibidas. Práticas costumeiras de aborto e infanticídio no séc. XX**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

PEDROSO, Carlos. **Cafubira e Vauranas**. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba, 1998.

PERROT, Michelle **A Força da Memória e a Pesquisa Histórica – Projeto História** 17. Trabalho da Memória. São Paulo: nov. /1998.

_____. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PETRAGLIA, João. Cronista, e memorialista de Ituiutaba. In: **O Centenário de Ituiutaba 2001**. Fundação Cultural de Ituiutaba-MG., 2001.

PILOSU, Mario. **A Mulher, a Luxúria e a Igreja na Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1995.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando prender um pouquinho algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Projeto História . São Paulo: nº 15, 1997.

_____. **O que faz a História Oral ser Diferente**. Projeto História, São Paulo: nº.14, 1997.

_____. **História Oral e Memórias**. Entrevista com Alessandro Portelli – Profs. Paulo Roberto de Almeida e Yara Koury. História & Perspectivas. Uberlândia. jul. /dez. 2001. 2002, p.36.

PORTO, Maria de Fátima Silva. Mitos. **A representação da mulher**. [Xerox sem referências completas.]

PRADO, Paulo. Retrato do Brasil. Ensaio sobre a Tristeza Brasileira. In: **Intérpretes do Brasil**. Rio de Janeiro, Ediouro Nova Aguilar S.A., 2002 .

PRIMO LEVI. **Os Afogados e os Sobreviventes. Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O Desencantamento do Mundo**. FFLCH-USP, 2003.

PUGA, Vera Lúcia. **Moral e Costume; violências que permeiam o rural e o urbano Uberlândia 1960/80** – Caderno Espaço Feminino. Uberlândia, Vol 3, nº1/2 Uberlândia. MG. jan/ dez. 1996.

RAGO, Luzia Margareth. **Luce Fabbri e a utopia libertária**. Caderno Espaço Feminino. Uberlândia-MG jan./jul. 1999.

_____ **Do Cabaré ao Lar** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____ **As Mulheres na Historiografia Brasileira**. In: Cultura Histórica em Debate. (org.) Zélia Lopes da Silva. São Paulo: 1995. UNESP.

READER'S DIGEST. **Segredos e Virtudes das Plantas Medicinais**. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil Ltda., 2002.

REES, Célia. **Sangue de Feiticeira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Revista Nossa História - Medicina. Editora Vera Cruz Ano 2/ nº 21. julho 2005.

Revista História . Trabalhos da Memória nº. 17 nov/98. PUC. SP. 1998.

Revista Veja . A Fé que move o Brasil Ed. 1731 nº. 50. Abril. – 19 dez/2001. p.124/133.

RICOTTA, Luiza C. de **A. Emoções**. O conflito do feminino: modelos herdados e modernidade. 2006.

RIZZO, Elda de Oliveira. **O que é Benzeção?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

RUGENDAS, Johaann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998. (Reprodução Artística).

SALLMANN, Jean-Michel. **As Bruxas . Noivas de Satã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SAMS, Jamie. **As Cartas do Caminho Sagrado**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SAMUEL, Rafael. **A História Local e História Oral-** (Texto - fax-símile).

SANTO AGOSTINHO –Coleção **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

SANTOS. Ezalmones Moreira dos. **Transformações Capitalistas no Sudoeste de Goiás**. Araraquara. São Paulo: 2005.

SHAKESPEARE, William. **Tragédias**. Vol. 1 .Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

SILVA, Dalva Maria Oliveira. **Memória: Lembrança e Esquecimento**. Trabalhadores Nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60. Dissertação de Mestrado. PUC. 1997.

SEIXAS, Jacy Alves de. **Os Tempos da Memória**: (des)continuidade e Projeção. Uma Reflexão (in)atual para a História. Rev. Projeto História. São Paulo: 2002.

SILVA, Raquel Marta da. **Chico Xavier**: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais – Uberaba, 1959/2001. Uberlândia: 2002. Dissertação de Mestrado.

SOUZA, Jessé. (Org.). **A Invisibilidade da Desigualdade Brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

THOMSON, Alistair. **Recompondo a Memória**: Questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. Projeto História, São Paulo, n. 15, p. 51/ 71. 1997.

_____. **Os Românticos**. A Inglaterra na Era Revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. **Homoerotismo Feminino e o Santo Ofício**. São Paulo: Contexto, 2006.

VARELLA, Dráuzio. **Gemei neste vale de lágrimas**. Jornal Folha de São Paulo. Caderno Ilustrado. 04/03/2006.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

VEIN, Paul. **Como se Escreve a História**. Lisboa: Edições 70, 1987.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As Artes de Curar:** Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889/1928. Bauru: EDUSC – Ed. da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

XAVIER, Elódia. **Tudo no Feminino** - a mulher e a narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: 1999.